



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPGL
MESTRADO EM LETRAS**

ALDILENE VIEIRA PINTO

**ENTRE O SACRO E O POLÍTICO, A SUBJETIVAÇÃO DE MARCELO
DÉDA**

São Cristóvão – SE

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPGL
MESTRADO EM LETRAS**

ALDILENE VIEIRA PINTO

**ENTRE O SACRO E O POLÍTICO, A SUBJETIVAÇÃO DE
MARCELO DÉDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros

São Cristóvão – SE

2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P659e Pinto, Aldilene Vieira
 Entre o sacro e o político, a subjetivação de Marcelo Déda /
 Aldilene Vieira Pinto ; orientadora Maria Emília de Rodat de Aguiar
 Barreto Barros.– São Cristóvão, SE, 2018.
 130 f.

 Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
 Sergipe, 2018.

 1. Análise do discurso. 2. Discursos parlamentares. 3. Religião
 e política. 4. Déda, Marcelo, 1960 – 2013. I. Barros, Maria Emília de
 Rodat de Aguiar Barreto, orient. II. Título.

CDU 81'42

ALDILENE VIEIRA PINTO

**ENTRE O SACRO E O POLÍTICO, A SUBJETIVAÇÃO DE
MARCELO DÉDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem: Identidade e Práticas sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros
Universidade Federal de Sergipe (PPGL)
Orientadora

Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni
Universidade Federal de Sergipe (PPGL)
Examinador Interno

Prof.^a Dr.^a Elza Ferreira Santos
Instituto Federal de Sergipe
Examinadora Externa ao Programa

Aprovada em:
São Cristóvão – SE, 30 de Agosto de 2018

Dedico este trabalho

aos meus avós Alenide e Júlio (in memoriam),

meus pais Antônio e Evangelina e

*à Professora Dr^a Maria Emília de R. de A. B.
Barros,*

por tudo o que me fizeram ser.

“Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram”.
Guimarães Rosa (O Espelho)

“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.”
Michel Foucault (2013, p.21)

AGRADECIMENTOS

O caminho foi longo, mas eu cheguei. Cheguei com a ajuda de quem sempre esteve ao meu lado, apoiando-me, incentivando-me, doando-me suas forças quando já não as tinha. Portanto, agradeço:

- ❖ Imensamente a Deus, por me dar todos os dias o sopro da vida e uma nova oportunidade de recomeçar.
- ❖ A minha orientadora, Maria Emília de Rodat Aguiar Barreto Barros, por ter acreditado em mim desde os meus primeiros passos na UFS, enquanto aluna de graduação. São imensos o meu respeito e admiração por ela.
- ❖ Aos meus pais, Antônio e Evangela, por abdicarem de tantos sonhos para que eu realizasse os meus; pelo amor incondicional; por entenderem minha ausência em momentos importantes.
- ❖ Aos meus avós, Alenide e Júlio (in memoriam), pela minha formação enquanto pessoa, enquanto ser humano. Sou-lhes eternamente grata, não chegaria até aqui sem eles.
- ❖ Ao meu esposo Fagner Ramon, pela cumplicidade e incentivo constantes. Perdoe-me as ausências, sei que foram muitas.
- ❖ Aos meus irmãos, Sandro, Aldeane e Aldriele. Nós somos o exemplo do ditado popular “a união faz a força”. Estamos e permaneceremos unidos sempre.
- ❖ Aos meus sobrinhos, Vinícius, Anne Karolyne e Alexsandro Miguel. Os presentes mais lindos que eu poderia receber.
- ❖ Aos amigos que a UFS me presenteou durante a graduação, Gilvan Santana, Franciele Alexandre, Gessica Sousa, Nathalie Alves e Verônica Ramos. Pelo carinho, admiração e incentivo incessantes; vocês são elementos fundamentais em minha vida.
- ❖ A todos os amigos da turma 2016.01/PPGL, pela amizade e conhecimentos compartilhados, em especial a Cristiane Silva Santos, Claudiana Santos, Edilene Oliveira e Ricardo Dantas.
- ❖ A professora Renata de Castro, minha professora no Ensino Médio, que me fez tomar gosto pelas Letras; seus ensinamentos foram de fundamental importância

na minha vida.

- ❖ Ao Instituto Marcelo Déda, pela disponibilização do material utilizado na pesquisa.
- ❖ Aos funcionários do PPGL (Programa de Pós Graduação em Letras), por serem tão prestativos e solícitos na resolução dos problemas burocráticos referentes ao processo.
- ❖ Aos colegas da Escola Municipal D. Pedro I, em especial à diretora Rosilene Feitosa, à coordenadora Luciene Alves, à professora Lizenilde Almeida, por todo o apoio e todo o carinho depositados em mim.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que eu concluísse mais esse capítulo de minha história.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação consiste em uma análise discursiva de três pronunciamentos do ex-governador Marcelo Déda (doravante MD): o primeiro refere-se à sua posse enquanto governador do Estado, em 01 de janeiro de 2007, marco do início de seu primeiro mandato; o segundo, à comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior, em 18 de janeiro de 2011, um diálogo com jovens estudantes concluintes; o terceiro, à solenidade da lei de sansão do Proinveste, em 2013, ano de seu falecimento. Examinamos esse *corpus* à luz da Análise ‘Arqueogenealógica’ do Discurso, ancorada em Foucault (1977; 1978; 2008; 2013a; 2013b; 2013c; 2014), a partir de cujas teorias investigamos a interface entre o discurso religioso e o político; o discurso do poder/saber, do poder/verdade; o cuidado de si. De igual modo, utilizamos a Análise do Discurso de orientação francesa (mais adiante, AD), tomando como base os ensinamentos de Orlandi (2013), consoante a qual estudamos as maneiras de significar, as posições distintas ocupadas pelo nosso sujeito da pesquisa, a formação imaginária, a memória discursiva, o intradiscurso, o interdiscurso. Adotamos, assim, um viés da história, por assumirmos os pressupostos teóricos de Foucault (2014), o qual rompe com a perspectiva linear da história, julgando-a como um gesto de interpretação. Nosso objetivo principal é, pois, refletir sobre a subjetivação do ex-governador Marcelo Déda, discutindo, a partir dos pronunciamentos elencados, sobre como tal processo ocorre, considerando os seus laços com a política, a religião, a história. Quanto aos objetivos específicos, procuramos examinar o conceito do termo política, seu surgimento, a sua tênue relação com a religião. Da mesma forma, pesquisamos os conceitos atinentes à AD. Estudamos também os sentidos de uma pesquisa arqueogenealógica, abordando os seus conceitos centrais. Buscamos ainda compreender o conceito de verdade, enquanto uma configuração histórica, com a consequente produção de efeitos reguladores de poder. Como recurso metodológico de análise do *corpus* selecionado, inicialmente, nós transcrevemos os pronunciamentos, conforme a proposta de Marcuschi (2006), advinda da Análise da Conversação, pautada em princípios empíricos, destacando descrições e interpretações qualitativas. Após a transcrição, efetuamos quatro *recortes discursivos*: o discurso verdadeiro; o discurso do/sobre o saber/poder; o discurso político-partidário; o discurso religioso, considerando a incidência deles no todo examinado. A partir desses recortes, trazemos à baila *sequências enunciativas*, ao longo de todo o trabalho, tentando relacionar o arcabouço teórico e o nosso objeto de análise. Como resultado das nossas análises, verificamos o modo como o poder produziu um saber necessário; como MD, atravessado pelos discursos da religião, da verdade, produziu um saber político.

Palavras-chave: Pronunciamentos; Subjetivação; Discurso; Poder-saber.

ABSTRACT

This dissertation consists of a discursive analysis of three pronouncements of the former governor Marcelo Déda (hereafter MD): the first one refers to his tenure as governor of the State, on January 1, 2007, the beginning of his first term; the second, to commemorate the graduation of students from Luciano Barreto Júnior Institute, on January 18, 2011, a dialogue with young graduating students; the third, to the solemnity of Samson law of Proinveste, in 2013, the year of his death. We examine this corpus in the light of the 'Arque-genealogical' Discourse Analysis, anchored in Foucault (1977; 1978; 2008; 2013a; 2013b; 2013c; 2014), from whose theories we investigate the interface between religious and political discourse; the discourse of power/knowledge, of power/truth; caring for each other. Likewise, we use French-Speaking Discourse Analysis (DA), based on the teachings of Orlandi (2013), according to which we study the ways in which we mean the different positions occupied by our research subject, the imaginary formation, discursive memory, intradiscourse, interdiscourse. We thus adopt a straight in history, by assuming the theoretical presuppositions of Foucault (2014), who breaks with the linear perspective of history, judging it as a gesture of interpretation. Our main objective is, therefore, to reflect on the subjectivation of the former governor Marcelo Déda, discussing, from the pronouncements listed, how such a process occurs, considering his ties with politics, religion, and history. For the specific objectives, we seek to examine the concept of the term politics, its emergence, its tenuous relationship with religion. In the same way, we research the concepts related to DA. We also study the meanings of an arque-genealogical research, addressing its central concepts. We also seek to understand the concept of truth as a historical configuration, with the consequent production of regulatory effects of power. As a methodological resource for the analysis of the selected corpus, we initially transcribe the pronouncements, as proposed by Marcuschi (2006), derived from the Conversation Analysis, based on empirical principles, highlighting description and qualitative interpretations. After the transcription, we made four discursive cuts: the true discourse; the discourse of/about the knowledge/power; the discourse political party; the religious discourse, considering their incidence in the whole examined. From these cuts, we enunciate enunciative sequences throughout the work, trying to relate the theoretical framework and our object of analysis. As a result of our analysis, we look at how power produced a necessary knowledge; like MD, led by the speeches of religion and truth, produced a political knowledge.

Keywords: Pronouncements; Subjectivation; Discourse; Power-know.

LISTA DE SIGLA E ABREVIATURAS

PARTIDOS POLÍTICOS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

DEM – Democratas

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCM – Partido Comunista Mexicano

PDC – Partido Democrata Cristão

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal (alterado em 2007 para DEM - Democratas)

PL – Partido Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PMN – Partido da Mobilização Nacional

PRN – Partido da Reconstrução Nacional

PPR – Partido Progressista Reformador

PRP – Partido Republicano Progressista

PSD – Partido Social Democrático

PT – Partido dos Trabalhadores

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

POLÍTICOS CITADOS

ACV – Antônio Carlos Valadares

AF – Albano Franco

FC – Fausto Cardoso

JAF – João Alves Filho

MD – Marcelo Déda

OUTRAS SIGLAS E ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso de orientação francesa

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CONSU – Conselho Universitário

CONEP – Conselho de Ensino e Pesquisa

CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DP – Discurso Pedagógico

DR – Discurso Religioso

FD – Formação Discursiva

ILBJ – Instituto Luciano Barreto Júnior

IMD – Instituto Marcelo Déda

Proinveste – Programa de Apoio ao Investimento dos Estados e do Distrito Federal

RD – Recorte Discursivo

RF – Relações de Força

SE – Sequência Enunciativa

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – ENTRE A POLÍTICA E A RELIGIÃO, OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	24
1.1 Discurso, memória e imaginário: as imagens construídas no discurso de Marcelo Déda	24
1.2 As bases da política	29
1.3 Sergipe: as oligarquias políticas	41
1.4 Marcelo Déda e o PT	46
CAPÍTULO II – CONCEITOS IMPORTANTES PARA UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DO DISCURSO	53
2.1 Foucault e a teoria do discurso	53
2.2 Marcelo Déda, entre a Religião e a Política: o Saber/Poder	60
2.3 A verdade de si	66
2.4 Como governar-se para governar o outro?	68
CAPÍTULO III - OS DISCURSOS DE MARCELO DÉDA: ENTRE O POLÍTICO E O RELIGIOSO, A CONSTRUÇÃO DO VERDADEIRO	72
3.1 Considerações metodológicas	72
3.2 O discurso verdadeiro	78
3.3 O discurso do saber/poder	85
3.4 O discurso político-partidário	87
3.5 O discurso religioso	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	102
Anexo 1: Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado	102
Anexo 2: Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior	113
Anexo 3: Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste	118
Anexo 4: Termo de responsabilidade pelo uso e divulgação de informações.	131

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de análise três pronunciamentos do ex-governador do Estado de Sergipe, Marcelo Déda (doravante MD). Tais pronunciamentos encontram-se atravessados pelos discursos da política, da religião, do poder/saber, do poder/verdade. Por conta disso e da metodologia utilizada, entendemos que este trabalho está circunscrito à Análise ‘Arqueogenealógica’ do Discurso, com base em Michel Foucault; à Análise do Discurso de orientação francesa; consequentemente, insere-se num quadro de pesquisa qualitativa.

Nosso objetivo principal é, pois, refletir sobre a *subjetivação* do ex-governador Marcelo Déda, observando em que medida tal processo ocorre em relação à política, à religião, à história, ao poder/saber, ao poder/verdade, a partir dos pronunciamentos analisados.

E, por investigarmos *os modos de subjetivação* de MD, esclarecemos, inicialmente, que Brandão (1994) responsabiliza Foucault pelo rompimento do ideal cartesiano de sujeito, uma vez que esse filósofo estuda o homem nas suas diferentes *práticas discursivas*. Para ele, o sujeito consiste em uma função vazia, um lugar determinado e vazio. Segundo Foucault (2014, p. 113): “[...] um único e mesmo indivíduo pode ocupar alternativamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. Em decorrência desse posicionamento, o referido filósofo contesta os estruturalistas, segundo os quais o sujeito é a instância fundadora da linguagem. Ele acrescenta que o sujeito também não pode ser reduzido às marcas da enunciação, porque o sujeito do enunciado não se encontra dentro de um sintagma linguístico. Foucault (2014, p. 116) igualmente discute sobre a função-autor, segunda a qual pode não ser idêntica ao sujeito do enunciado.

Esse lugar (o de sujeito) é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la. Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados ‘enunciados’, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório, mas sim na medida em que pode ser analisada a posição sujeito.

Nesse contexto, é importante enfatizarmos que a preocupação central das pesquisas desse estudioso foi a problemática do sujeito, os *modos de subjetivação*, no dizer de Foucault (2013c). Tais modos de subjetivação ocorrem na “[...] interface do saber e do poder, da verdade e do poder” (FOUCAULT, 2012, p. 224). Decorre daí a

necessidade de ressaltarmos que as teorias *foucaultiana* buscam ‘explicar a constituição do sujeito na trama da história’ (GREGOLIN, 2016), colocando-o não como um sujeito dono de seu discurso, mas como um objeto historicamente constituído. E, como o sujeito é entendido na relação poder/saber/verdade, Foucault (2013c) esclarece o conceito de poder, atentando para as lutas que questionam o estatuto do indivíduo. Isso porque ele entende que só há poder quando ocorre resistência. Segundo esse autor (2013c), essas lutas tanto afirmam o direito do indivíduo de ser diferente do outro, enfatizando tudo aquilo que o torna genuinamente individual, como atacam tudo aquilo que o separa, que quebra sua relação com o outro. Ainda conforme Foucault (2013c, p. 278), essa é uma forma de poder que categoriza o indivíduo, “[...] marca-o com sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros devem reconhecer nele”. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Com efeito, não são os indivíduos empíricos que ele investiga, mas suas imagens que constituem as diferentes posições.

Por assumirmos tais pressupostos teóricos, adotamos um viés da história, mas essa concepção não é linear, não consiste em determinarmos uma relação de causa e consequência dos processos políticos no Estado de Sergipe. Ao contrário disso, concordamos com Foucault (2014), segundo o qual a História consiste em um gesto de interpretação. Como bem define Gregolin (2016, p. 2), Foucault propõe “uma história *genealógica* que problematiza o passado a fim de desvelar suas camadas arqueológicas”. A história, nesse caminho, é percebida enquanto dispersão, descontinuidade; não representa, enfim, *o lugar do repouso, da certeza, da reconciliação – do sono tranquilizado* (FOUCAULT, 2014, p. 18).

Em decorrência disso, em vez de procurarmos sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscamos *efeitos discursivos*. Como bem esclarece Gregolin (2016, p.6): “[...] as coisas e os sujeitos não preexistem aos discursos, ao contrário, são esses que os constituem”. Nesses termos, o retorno à história nos possibilita a compreensão do presente, objetivando fazer a crítica dele. Tentamos, assim, fazer um estudo do percurso político do referido ex-governador, ponderando sobre uma possível historicização¹ das suas experiências, das relações entre práticas políticas, e, finalmente, tentando

¹ Conforme Guimarães (2005), historicizar é contextualizar historicamente, observando as produções de sentido.

compreender a relação poder/verdade, poder/saber, como determinados discursos (e não outros) são veiculados nesses pronunciamentos.

Afora esses esclarecimentos, observamos que o percurso político sergipano é caracterizado por vários acontecimentos que transformaram, ao longo dos anos, a vida de seus eleitores. É nesse contexto que procuramos entender os discursos de MD, enquanto sujeito (e, portanto, uma função discursiva), enunciando de uma posição imaginária, de um lugar institucional. Ele, ao assumir o lugar de governador do Estado, em 2007, rompe com o estilo de governo até então existente. Nesse caminho, enquanto indivíduo, destacamos aspectos significativos que caracterizam a trajetória política do ex-governador, procurando situá-lo no tempo, no espaço, no contexto político, social. Depois, analisamos a posição sujeito do discurso, os discursos que atravessam os pronunciamentos político, a fim de esclarecermos o nosso problema da pesquisa, qual seja, compreender os *modos de subjetivação* de MD (FOUCAULT, 2013c), observando em seus discursos a relação poder/verdade, poder/saber. Para isso, consideramos alguns aspectos biográficos do sujeito da pesquisa.

Marcelo Déda Chagas é natural de Simão Dias; aos 13 anos mudou-se para Aracaju onde residiu até o seu falecimento. Teve formação religiosa católica, desde a sua infância; foi coroinha na igreja Matriz da cidade de Simão Dias, ocorrências que lhe possibilitaram uma inserção num mundo de fé cristã. De igual forma, foi, desde cedo, influenciado para seguir uma trajetória política, por seu avô José de Carvalho Déda, escritor, jornalista, advogado e político. Este exerceu três mandatos de deputado estadual, fato que o ex-governador fazia questão de evidenciar em seus pronunciamentos, dizendo, em tom descontraindo, não saber se seria *dom* ou *carma*. O início de sua militância política se deu em 1979 (aos dezenove anos de idade), quando, enquanto aluno do curso de Direito da Universidade Federal de Sergipe, foi integrado ao DCE (Diretório Central dos Estudantes). Ao mesmo tempo em que participava do DCE, trabalhou com seus companheiros na fundação do Partido dos Trabalhadores (doravante PT), durante a reforma partidária, no final do governo do então presidente brasileiro João Baptista Figueiredo.

MD foi eleito deputado estadual em 1986 (aos vinte e seis anos de idade), reeleito em 1990. De 1994 a 1998 atuou como deputado federal, alcançando a liderança da bancada do PT, do Bloco de Oposição. Já em 2000 foi eleito prefeito de Aracaju, reeleito em 2004 com o maior número de votos, proporcionalmente, no país. Em 2006 foi eleito

novamente, desta vez, enquanto governador do Estado; reeleito em 2010. Nesse sentido, é importante ressaltarmos que o executivo estadual, até o ano de 2006, era controlado por grupos conservadores, em sua maioria, originários do Partido político Aliança Renovadora Nacional (ARENA), não havendo, portanto, alternância de poder. De acordo com Dantas (2004), dentro desse domínio, a estrutura clientelista pouco foi afetada. E, nesse contexto sociopolítico, MD simboliza o rompimento com as oligarquias até então existentes.

Teve, porém, sua carreira política interrompida quando, em outubro de 2012, durante o seu segundo mandato de governador, foi diagnosticado um câncer no sistema gastrointestinal, levando-o ao óbito em 02 de dezembro de 2013, aos 53 anos. Como foi eleito duas vezes deputado estadual, duas vezes deputado federal, duas vezes prefeito de Aracaju, duas vezes governador do Estado de Sergipe, reconhecemos Marcelo Déda como uma figura notável no cenário sergipano.

Nesse caminho, enfatizamos que, mediante o nosso dispositivo² teórico, o analítico, o percurso histórico do ex-governador, consideramos essa pesquisa importante, na medida em que reconhecemos a relevância de MD para o cenário político sergipano.

Decorre daí a relevância de um estudo sobre os seus discursos, *os seus modos de subjetivação* (FOUCAULT, 2013c), analisando em que medida tal processo ocorre em relação ao saber/poder, ao poder/verdade, à política, à religião, à história, a partir de três pronunciamentos. Inicialmente, o propósito desta pesquisa era abarcar tais pronunciamentos desde o início de sua vida política, partindo, então, de seus pronunciamentos enquanto deputado estadual, deputado federal, em seguida prefeito de Aracaju e governador do Estado. Porém, devido à impossibilidade de resgatarmos os seus pronunciamentos nessas ocasiões, ocupamo-nos apenas dos pronunciamentos do período em que foi governador, no primeiro e segundo mandatos.

Como assinalado anteriormente, para analisarmos esse *corpus*, na perspectiva apontada, buscamos os estudos referentes à verdade/poder, subjetividade/poder, ao poder/saber, nos escritos de Foucault (1977; 1978; 2008; 2013a; 2013b; 2013c; 2014). Consoante esse filósofo (2012 [1977]), somos submetidos à produção da verdade por meio do poder. E essas verdades constituem o lugar de enfrentamentos sociais, de debates

² Foucault (2008) considera o dispositivo como uma tática, uma estratégia que corresponde a uma certa necessidade histórica, de um certo momento histórico.

políticos violentos, cuja base são as "lutas ideológicas". Segundo ele, a sociedade produz *efeitos de verdade* a todo instante, essas produções não podem ser dissociadas do poder e dos seus mecanismos. Entretanto, para Foucault (2012 [1977]), o poder é “positivo”, por produzir sujeitos, discursos, modos de viver, por meio da transformação tática dos indivíduos. Ele esclarece ainda que é o saber que objetiva e classifica os sujeitos, por meio dos dispositivos do poder. O *cuidado de si* é, pois, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e tornam possível a relação com o outro. Portanto, *cuidar de si* é uma arte de governar os outros e, por isso, é essencial saber governar-se para poder bem governar o outro.

Muchail (2004, p. 09), por sua vez, numa releitura dos argumentos desse filósofo, assim esclarece o significado do *cuidado de si*: “[...] para ter acesso à verdade, o sujeito tem de *olhar* para si mesmo de modo a *modificar-se, converter-se, alterar seu próprio ser*” (*grifos da autora*). Nesses termos, o *cuidado de si* tem implicações políticas. Essa autora continua explicitando esse conceito da seguinte forma (p. 09):

[...] o *cuidado de si*, assim entendido, remete não somente ao plano da inteligência ou do conhecimento [...], não apenas ao âmbito das teorias [...], não somente à ordem das representações [...], mas também ao plano das atitudes, ao âmbito do olhar, à ordem das práticas, que constituem um modo de existência (*grifos da autora*).

Afora esse aporte teórico, a nossa pesquisa fundamenta-se igualmente em Orlandi (2013), a partir da qual analisamos as posições distintas ocupadas pelo nosso sujeito da pesquisa, a formação imaginária, a memória discursiva, o intradiscurso, o interdiscurso, consoante os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, campo interdisciplinar do conhecimento que se constitui no início da década de 1960. Para Orlandi (2013), há a produção de novos sentidos, dependendo das condições de produção do discurso. Estas compreendem fundamentalmente, conforme Orlandi (2013), os sujeitos e a situação. Em relação isso, é essencial levarmos em conta o papel da memória, a *memória discursiva*. Nessa perspectiva, há uma relação entre o já dito (interdiscurso) e o que se está dizendo (intradiscurso); entre a constituição do sentido (interdiscurso) e sua formulação (intradiscurso).

Ainda de acordo com Orlandi (2013), só podemos formular (dizer) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Ou seja, a constituição determina a formulação. Entendemos, então, que o dizer converge entre dois pontos, quais sejam: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Consoante essa autora

(2013), é nesse jogo que os seus sentidos são produzidos. A AD visa, nesse contexto, compreender os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. O sujeito da AD, porém, não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico.

Quanto à metodologia, como mencionado, essa pesquisa é caracterizada como qualitativa, por conta do seu dispositivo de análise (pronunciamentos do ex-governador), do seu dispositivo teórico (Análise do Discurso de linha francesa e Análise “Arquegenealógica” do Discurso). Além disso, para as transcrições dos pronunciamentos, *corpus* das nossas análises, valemo-nos da proposta de Marcuschi (2006), advinda da Análise da Conversação, partindo de princípios empíricos, destacando descrições e interpretações qualitativas, “[...] através dos vestígios que deixam no fio do discurso” (ORLANDI, 2013, p. 65). Abaixo, listamos os símbolos propostos por Marcuschi (2006) e utilizados na transcrição dos pronunciamentos³:

- (+) pausas de aproximadamente 5 segundos;
- () dúvidas e suposições
- MAIÚSCULA- ênfase ou acento forte;
- : alongamento da vogal (pode ser repetido conforme a duração);
- (()) comentários do analista;
- ” corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação;
- ’ indica uma subida leve;
- , indica descida leve ou brusca;
- /.../ indicação de transcrição parcial;
- / truncamento brusco, seja pelo falante ou pelo entrevistador;
- repetições - reduplicação de letra ou sílaba, reduplica-se a parte repetida;
- eh, ah:: - pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção.

Quanto ao dispositivo analítico, para a composição do *corpus*, selecionamos 3 (três) pronunciamentos. A seleção ocorreu com vistas ao ano em que foram proferidos, à temática, à relevância de cada cerimônia. O primeiro é o de posse de governador do Estado, em 01 de janeiro de 2007, marcando o início de seu primeiro mandato; o segundo refere-se à comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior, em 18 de janeiro de 2011, ano anterior ao descobrimento de sua doença; o terceiro ocorreu

³ As transcrições encontram-se nos anexos.

por ocasião da solenidade da lei de sanção do Proinveste, em 2013, ano de seu falecimento.

A partir da seleção desses pronunciamentos, de sua contemplação, realizamos quatro *recortes discursivos* (mais adiante, RD): o discurso verdadeiro, o discurso do/sobre o saber/poder; o discurso político-partidário; o discurso religioso. Consoante Orlandi (1984), o *recorte discursivo* constitui uma unidade discursiva, conseqüentemente, um fragmento da situação discursiva, variando segundo o tipo de discurso, as condições de produção, o objetivo e o alcance da análise. Tomando como base esses recortes, examinamos algumas *sequências enunciativas* (doravante SE), ao longo de todo o trabalho, consoante o nosso arcabouço teórico já elencado.

Todos esses recortes discursivos compõem a nossa análise, no Capítulo III. E, para darmos conta do estudo desses recortes, elaboramos as seguintes perguntas norteadoras de pesquisa: *Qual a imagem que o sujeito Déda faz do povo/eleitores? De que lugar o sujeito Marcelo Déda se constitui? A partir de quais formações discursivas, MD, enquanto sujeito locutor, enuncia? Quais os efeitos de sentido são decorrentes desses lugares dos quais enuncia?* Esses questionamentos são respondidos ao longo das nossas análises e, depois, retomados, resumidamente, nas considerações finais.

Além dessas considerações acerca do *dispositivo de análise*, no que concerne à pesquisa arqueológica, esclarecemos que levamos em consideração as proposições de Foucault (2014), segundo o qual há necessidade de criticar “a descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Ainda consoante esse filósofo (2014, p. 161), a *arqueologia* não se relaciona à busca de um início, mas ao “[...] tema geral de uma descrição que interroga o já-dito no nível de sua existência [...]. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento arquivo” (p. 151). Como menciona Dosse (2007, p. 301): “O arqueólogo permite a localização de dominância de um certo modo discursivo transversal sobre todos os modos de saber numa época dada”.

A pesquisa arqueológica é utilizada, então, com vistas a indagar como o homem constrói sua própria existência. Nesse sentido, os sujeitos, objetos são construídos discursivamente partindo-se do que se fala sobre eles. Uma análise arqueológica diz respeito à relação entre o enunciado, o discurso, as formações discursivas, o arquivo (de uma época: tudo o que é dito em um momento histórico). Consoante Castro (2016, p. 43): “O arquivo é, [...], o sistema das condições históricas de possibilidades de enunciados”.

E. apesar de Foucault (2014) negar que a arqueologia não consiste em uma metodologia de análise, vários estudiosos a consideraram enquanto tal (GREGOLIN, 2016; CASTRO, 2016, são exemplos). Esse método, consoante esses estudiosos, proposto por Foucault (2014), apresenta alguns conceitos centrais, cruciais às suas análises e, portanto, utilizados por ele: *discurso*, *prática discursiva*⁴, *enunciado*, *formação discursiva* e *saber*.

É importante ainda elucidarmos como Foucault (2012) compreende o discurso: uma série de “acontecimentos”. E, de acordo com essa noção, atentamos para as posições-sujeito ocupadas por MD no discurso, para as regularidades discursivas encontradas nos pronunciamentos em estudo. Como bem define Foucault (2012 [1978], p. 248), o *discurso* deve ser tratado como “[...] uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado”. Ainda sobre o discurso, Foucault (2012 [1978], p. 248) assim esclarece:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso, fora de qualquer formulação de ponto de vista. Meu programa não se fundamenta tampouco nos métodos da linguística. A noção de estrutura não tem nenhum sentido para mim. O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. [...]

Consequentemente, por o discurso ser conceituado como *uma série de acontecimentos*, coloca o pesquisador na dimensão da história (FOUCAULT, (2012 [1978])). Como Foucault (2012 [1978], p. 251) bem argumenta:

Procuro reconstituir um campo histórico em sua totalidade, em todas as suas dimensões políticas, econômicas, sexuais. [...] meu projeto não é o de fazer um trabalho de historiador, mas descobrir por que e como se estabelecem relações entre os acontecimentos discursivos. *Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. (grifos nossos)*

No que diz respeito ao enunciado, a partir do qual selecionamos os *recortes discursivos*, é um conceito importante para essa perspectiva investigativa. Foucault (2014) o define como um acontecimento com sentido inesgotável. Segundo o autor:

⁴ “Finalmente podemos caracterizar agora o que se chama ‘prática discursiva’. Não se pode confundí-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem como atividade racional que pode funcionar em um sistema de interferência; nem como a ‘competência’ de um sujeito falante quando constrói as frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, **AS**, 153-154, *apud* CASTRO, 2016, p. 337).

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de uma lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente porque está ligado não apenas a situações que provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 2014, p. 34-35).

E, à luz dos enunciados de MD, somos levados a um *continuum* enunciativo, o antes e o depois, retomando discursos *já ditos*, ou *jamais ditos*, como defende Foucault (2013a), apontando para discursos futuros, numa consequente *movência de sentidos*.

Quanto à estrutura organizacional, este trabalho é composto, além desta introdução e de breves considerações finais, de três capítulos, quais sejam:

- Capítulo 1, intitulado “*Entre a política e a religião, os processos de subjetivação*”, no qual objetivamos discutir o conceito do termo política, seu surgimento, sua tênue relação com a religião, as mudanças em seu significado, a fim de entender o processo no qual a política brasileira, especificamente a sergipana, está inserida. E para este fim, utilizamos as teorias de Bobbio (1998; 1997) e Ribeiro (2008). Igualmente, a partir dos estudos das teorias de Dantas (2004), observamos os *embates discursivos* no curso da história política sergipana. Ademais, objetivamos compreender as posições distintas ocupadas por Marcelo Déda, enquanto sujeito do discurso. Para a realização dessas análises, utilizamos a Análise do Discurso de orientação francesa, tomando como base os ensinamentos de Orlandi (2013).
- Capítulo 2, denominado “*Conceitos importantes para uma análise arqueogenealógica do discurso*”, em que objetivamos estudar os sentidos de uma pesquisa arqueogenealógica, sob os ensinamentos de Michel Foucault. Com vistas a esse estudo, abordamos os conceitos centrais às suas análises e, portanto, utilizados por esse filósofo: discurso, prática discursiva, enunciado, formação discursiva, saber. Outrossim, procuramos compreender o conceito de “verdade” enquanto uma configuração histórica que, por sua vez, produz efeitos reguladores de poder. Ademais,

tentamos compreender a relação poder-saber; como os saberes produzem as representações sobre os sujeitos, e como esses saberes classificam e produzem objetivações sobre os eles. Buscamos, enfim, estabelecer a relação entre a teoria foucaultiana e os discursos em questão.

- Capítulo 3, “*Os discursos de Marcelo Déda: entre o político e o religioso, a construção do verdadeiro*”, em que reapresentamos a metodologia utilizada para a análise discursiva do nosso objeto de estudo, ancoradas no estudo da Análise Arqueogenealógica do Discurso, na Análise do Discurso de orientação francesa. Após a retomada metodológica, procedemos à análise dos *recortes discursivos*, das sequências enunciativas (SE).

CAPÍTULO I – ENTRE A POLÍTICA E A RELIGIÃO, OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas (FOUCAULT, 2008, p. 5).

Neste capítulo, objetivamos discutir o conceito do termo política, seu surgimento, sua tênue relação com a religião, bem como as mudanças em seu significado, a fim de entendermos o processo no qual a política brasileira, especificamente a sergipana, está inserida. E para este fim, utilizamos as teorias de Bobbio (1998; 1997) e Ribeiro (2008). Igualmente, a partir dos estudos das teorias de Dantas (2004), observamos os *embates discursivos* no curso da história política sergipana. Ademais, objetivamos compreender as maneiras de significar de Marcelo Déda, enquanto sujeito do discurso. Para a realização dessas análises, utilizamos as teorias da Análise do Discurso de orientação francesa (mais adiante, AD), tomando como base os ensinamentos de Orlandi (2013).

1.1 Discurso, memória e imaginário: as imagens construídas no discurso de Marcelo Déda

Como sabemos, todo processo de significação das coisas, realizadas pelo ser humano, dá-se por meio da linguagem, seja ela verbal e/ou não verbal. Nesse sentido, o *sujeito*⁵, enquanto envolvido nas relações sociais, não é livre de coerções. Ele aprende a ver o mundo, adquire crenças e conhecimentos por meio dos *discursos* a que está exposto e o produz a partir de um lugar. Decorre daí o ponto de vista segundo o qual discurso e sujeito estão dispersos (heterogêneos). Assim, o sujeito produz discursos a partir de uma posição (imaginária), de um lugar (social).

Orlandi (2013) esclarece que o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem. A AD trabalha, pois, com a língua no mundo, com maneiras de significar,

⁵ Esclarecemos que, quanto aos estudos relacionados a AD, de orientação francesa, o indivíduo, para se constituir sujeito dos seus discursos, passa de um estado de S₁ para o de S₂: o S₁ (sujeito empírico/indivíduo) é interpelado pela Formação Ideológica (FI), pela Formação Discursiva (FD), pelo interdiscurso, pelos esquecimentos nº1 e nº2 e, então, passa para o estado de S₂.

considerando a produção de sentidos enquanto partes de suas vidas. Há, portanto, uma articulação entre a AD e os conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do domínio da Linguística. Ainda conforme essa autora, o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, sendo possível compreender como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Segundo Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2013, p. 17), "[...] não há discurso sem sujeito; não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". O sujeito da AD, porém, não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico.

Na perspectiva discursiva, a linguagem é constituída enquanto linguagem porque faz sentido, e só faz sentido porque carrega consigo marcas históricas. A AD visa, nesse sentido, compreender os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Em relação isso, é essencial levarmos em conta o papel da memória, a memória discursiva. Orlandi (2013, p. 31) assim a define: "[...] é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra". Nessa perspectiva, há uma relação entre o já dito (interdiscurso) e o que se está dizendo (intradiscurso); entre a constituição do sentido (interdiscurso) e sua formulação (intradiscurso). Ainda de acordo com Orlandi (2013), só podemos formular (dizer) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Ou seja, a constituição determina a formulação. Entendemos, então, que o dizer converge entre dois pontos, quais sejam: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Consoante essa autora (2013), é nesse jogo que os seus sentidos são produzidos. No que concerne ao nosso objeto de estudo, observemos a SE₁ retirada do pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado.

SE₁: pela minha boca'
se pronunciaram os que tiveram o CORpo violado
e a alma ofendida'
abatidos na tortura'
condenados sem julgamento'
mortos sem lágrimas' covas sem nome'
tragados pela tortura de um regime'
que negou às mães como Zuzu Angel o último dos acalantos'

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Nessa SE, o sujeito MD, ao enunciar “pela minha boca”, constitui-se do lugar de porta-voz daqueles que foram vítimas da opressão da ditadura militar. Ao se colocar nesse

lugar, ele aciona, na cadeia do *interdiscurso*, todo um discurso de sofrimento, e estes são atualizados na cadeia do *intradiscurso* possibilitando a rememoração desse período. Quando cita Zuzu Angel, ou mais especificamente, Zuleika Angel Jones, uma importante estilista brasileira, mãe de Stuart Edgar Angel Jones, jovem torturado e assassinado durante a ditadura militar, MD possibilita que várias outras vozes silenciadas nesse período ecoem. Outro fator que levamos em conta, nessa perspectiva analítica, são as pistas discursivas deixadas no “fio do discurso” (ORLANDI, 2013). Nesse sentido, destacamos a palavra ‘CORpo’. Observamos, em relação a isso, que, praticamente em toda essa SE, MD mantém a mesma entonação, porém, ao proferir a palavra ‘corpo’, ele eleva um pouco mais sua entonação, a fim de enfatizar os suplícios corpóreos sofridos durante esse período, bem como o seu compromisso com a “verdade”⁶.

Os esquecimentos, por sua vez, conforme Pêcheux (1975), podem ser caracterizados de duas formas: o esquecimento nº1 e o esquecimento nº2. O esquecimento nº1, também chamado esquecimento ideológico, é da instância do inconsciente. Esse estudioso assim os define:

[...] o *esquecimento nº1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº1* remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão” (PÊCHEUX, 1972, p. 173).

[...] o esquecimento nº 2 cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso que o domina, e que é aí, precisamente, que se apoia sua ‘liberdade’ de sujeito-falante (p. 175).

Orlandi (2013), procedendo a uma releitura dos estudos desse linguista, explica que o *esquecimento nº1* resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Ele reflete, pois, o sonho adâmico, o de estar na inicial absoluta da linguagem. Com relação à produção dos sentidos, Orlandi (2013, p. 35) defende: “[...] os sentidos não se realizam em nós. [...] são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não por nossa vontade”.

De igual modo, essa linguista explica que o esquecimento nº2 é da ordem da enunciação. Segundo Orlandi (2013, p. 35), “[...] ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam

⁶ Tais aspectos serão mais detalhadamente abordados no próximo capítulo, quando trabalhamos a análise Arqueogenealógica do discurso.

que o dizer sempre poderia ser outro". Como consequência desse esquecimento, produzimos em nós a impressão da realidade do pensamento. Conforme a autora (2013, p. 35), "[...] é o chamado esquecimento enunciativo e atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos". Ela reitera os estudos de Pêcheux (1997) afirmando que o esquecimento é estruturante, posto que ele faz parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Ainda conforme Orlandi (2013), pensar discursivamente a linguagem transpõe a dificuldade de traçar o mesmo e o diferente. Com efeito, ela (2013, p. 36) esclarece que todo discurso se faz nessa tensão entre o mesmo e o diferente. Eis a argumentação da referida autora:

[...] todo funcionamento da linguagem se assenta entre os processos parafrásticos e os processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A parafrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. [...] está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

No que diz respeito às condições de produção, estas funcionam de acordo com certos fatores, proporcionando novos sentidos. Nesse caminho, trazemos à baila a noção de relação de forças, segundo a qual “[...] podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2013, p. 40). Isso diz respeito às formações imaginárias, as quais resultam de projeções construídas pelos sujeitos. Como bem argumenta Orlandi (2013, p. 40): "São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso". Desse modo, distinguimos lugar (institucional) e posição (imaginária). Na relação discursiva, as imagens constituem, pois, diferentes posições, fazendo do imaginário parte necessária do funcionamento da linguagem.

A formação discursiva, por sua vez, é definida "[...] como aquilo que, numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito" (ORLANDI, 2013, p. 43). Nesse contexto, o sentido é determinado pelas posições ideológicas, em que as palavras são produzidas, no processo sócio-histórico. As palavras apresentam, então, sentido, conforme as posições daqueles que as empregam. Desse modo, sujeito e sentido se constituem mutuamente a partir das múltiplas formações discursivas pelas quais o sujeito é interpelado, recortando o dizível, criando, desse modo, diferentes sentidos. O discurso,

por sua vez, revela-se a partir da relação da língua (materialidade) com a ideologia que, por seu turno, pode ser observada na confluência entre a materialidade da língua e a materialidade histórica. Abaixo transcrevemos a *sequência enunciativa 2* (SE₂), na tentativa de relacionar tais conceitos ao nosso *corpus* de pesquisa:

SE₂: [...] GOVERNAREMOS com todos, e para todos
deixando claro no entanto
que a atenção prioritária é para os que mais preCISAM
os desempregados, as juventudes das periferias,
o sem-terra, o sem-teto, os idosos, as crianças e os adolescentes,
enfim aqueles que cabem nessa palavra tão dura
mas infelizmente real OS EXCLUÍDOS

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

O sujeito MD, enquanto partícipe do PT (Partido dos Trabalhadores), enuncia a partir do lugar de governador do Estado, construindo uma imagem de um homem simples, comprometido com as massas populares e, portanto, com a obrigatoriedade de ajudar o povo sergipano. Nesse sentido, evidencia, em seu pronunciamento, a imagem do sergipano humilde, para quem os políticos do PT se propunham, essencialmente, governar. Dessa forma, o sujeito MD, enunciando da FD de governador (petista) do Estado de Sergipe, reitera os discursos provenientes do partido pelo qual se candidatou. É importante, nesse contexto, observarmos que essa sequência foi retirada do pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador. Consequentemente, MD ainda estava se deslocando da posição de ex-prefeito candidato a governo para a de governante efetivamente. Como o partido político a partir do qual enunciava estava interpolado pelo discurso do oprimido, do excluído, ele os evidencia nesse pronunciamento. Nessa direção, é importante atentarmos que tal discurso provém de outros dizeres ditos e esquecidos, já circulados reiteradamente por pregadores religiosos. Com efeito, entendemos que o sujeito MD é atravessado por esse discurso (o religioso, DR), repetindo o ideal de salvação dos excluídos.

Como mencionado anteriormente, além do atravessamento do discurso religioso, o sujeito MD compartilha o discurso do PT, uma vez que incorpora “OS EXCLUÍDOS” no seu plano de governo. Tal perspectiva é, em tese, defendida por esse partido. E, na medida em que o discurso petista inclui o socialmente desprestigiado em suas possíveis

ações, configura-se um partido de “salvadores da pátria”. Nesse sentido, os discursos desse partido são, em sua maioria, atravessados pelo DR⁷.

No próximo item, estudamos alguns aspectos relevantes sobre o surgimento da política na sociedade, bem como alguns conceitos essenciais, a fim de nos possibilitar o entendimento da política atual.

1.2 As bases da Política

Inicialmente, esclarecemos que a abordagem histórica ora realizada dialoga com a perspectiva foucaultiana (2014), segundo a qual propõe uma história *genealógica* capaz de problematizar o passado com vistas a entender o presente. Nesse contexto, Foucault (2014) sugere desconstruir o conhecimento histórico, desestabilizar a relação que ele estabelece com o passado, desvelando alguns de seus mitos: a continuidade, a totalidade, a figura do sujeito fundador. Em vez disso, Foucault defende a observação dos acidentes, dos acasos, da heterogeneidade, das descontinuidades, da diferença. Tal como esse filósofo se relaciona com a História, esta cria uma nova relação com o passado, com a memória, haja vista o retorno ao passado objetivar a compreensão do presente, com a finalidade de realizar a crítica do presente. Em virtude dessa perspectiva, voltar à História não significa olhar o passado como fonte do presente (sua origem), mas como lugar do *acontecimento*, da emergência de enunciados. Estes, por sua vez, em sua singularidade, deixam perpassar as lutas entre forças em conflito, as redes de contingências que os fizeram aparecer em certo momento histórico.

É nesses termos que trazemos à baila um retorno à construção da política na humanidade. Para introduzir tal retorno, observamos que a política reflete o modo como vive cada comunidade; o início de um pensamento político corresponde à busca da harmonia social, dos desejos individuais, coletivos, de se exercer o domínio, buscando

⁷ A partir desse ponto, remetemos o leitor para a tese de Barros (2007) que estuda o discurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

BARROS, M. E. de R. de A. B. **As marcas da polifonia na produção escrita de estudantes universitários**. Tese (doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, 2007. Encontrada no seguinte *site*:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11598/1/Maria%20Em%C3%ADlia%20Barros.pdf>. Acessado em 18/6/2018, às 13h56min.

negociar pactos sociais, refletindo acerca dos problemas por que passavam os Estados. Como observamos adiante, esse fenômeno político e social remonta à Antiguidade, na medida em que Platão e Aristóteles apresentaram a necessidade de tratar teoricamente os conflitos existentes na sociedade.

Conforme Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998), o termo política (*politikós*) deriva do adjetivo *pólis*, entendida como uma cidade autônoma e soberana, administrada por um ou vários magistrados que participava(m) ou integrava(m) a administração política, investido(s) de autoridade que, por sua vez, era exercida somente nos limites de uma jurisdição; por um conselho; e por uma assembleia de cidadãos. Esse termo ficou conhecido a partir da obra *Política*, escrita por Aristóteles, considerada um tratado sobre as funções e a divisão do Estado, bem como as várias formas de Governo. É desse filósofo também a ideia de que o homem é um animal político, ou seja, faz parte da natureza humana se organizar politicamente.

Bobbio (1998), por seu turno, explicita que o termo política foi entendido ao longo do tempo de diversas maneiras. Inicialmente, esse termo foi utilizado para nomear obras dedicadas ao estudo dos fatos do Estado, a busca de um modelo perfeito, de um Estado ideal. Com o passar do tempo, esse termo foi perdendo seu significado original, passou a ser considerado sinônimo de expressões como “ciência política” e “filosofia política”. Dessa forma, foi costumeiramente utilizado para indicar atividades relacionadas ao Estado, como critério de legitimidade da obrigação Política, da explicitação da categoria do fenômeno Político.

Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998), por sua vez, defende que o conceito de política, entendida como atividade ou prática da natureza humana, está estreitamente ligada ao poder. Conforme Bobbio (1998), Max Weber relaciona a política ao poder, no sentido de que há uma legitimidade em quem o exerce. Deste poder “legítimo”, concebido por muitos estudiosos como autoridade, Weber destacou três: o poder legal, o poder tradicional e o poder carismático. O *poder legal*, caracterizado por Bobbio (1998) como especificamente característico da sociedade moderna, está fundamentado na legitimidade dos ordenamentos jurídicos; a fonte desse tipo de poder é a lei, à qual todos devem obedecer. O aparelho administrativo desta forma de poder é o da burocracia, com uma estrutura hierárquica de superiores e de subordinados, na qual as ordens são dadas por funcionários dotados de competência específica. O *poder tradicional* fundamenta-se

sobre o caráter sacro do poder, existente "desde sempre". Segundo esse estudioso (1998), neste modelo de poder, presta-se obediência à pessoa, por respeito, em virtude da tradição de uma dignidade pessoal que se julga sagrada. A origem deste tipo de poder é, portanto, a tradição e os costumes de determinada sociedade. O aparelho administrativo, nessa constituição de poder, é de tipo patriarcal, composto de servidores ligados pessoalmente ao patrão. O *poder carismático*, finalmente, está fundado na manifestação de afeto à pessoa do chefe, ao caráter sacro, à força heroica, ao valor exemplar ou ao poder de espírito, da palavra que o distinguem de modo especial. À luz de Bobbio (1998), esse tipo de poder interliga-se ao novo, e por isso o poder tende a não suportar vínculos predeterminados. O aparelho administrativo, na instância desse poder, é escolhido com base no carisma, na dedicação pessoal, não constitui, por isso, nem uma burocracia, nem um corpo de servidores.

No que concerne à tipologia clássica das formas de poder, formulada por Aristóteles (*apud* BOBBIO, 1998), com base no interesse, em favor do qual o poder é exercido, o referido filósofo, concebe três formas de poder, quais sejam: o poder paterno, o poder despótico e o poder político. Ele prevê, a partir disso, a distinção baseada no interesse daquele que exerce o poder. Deste modo, o poder paterno é exercido pelo interesse dos filhos; o poder despótico, pelo interesse do senhor; o político, pelo interesse daquele que governa e de quem é governado.

Apesar desse desmembramento do poder, entendemos que os três são atravessados pelo *Discurso Pedagógico* (mais adiante, DP). Em relação a isso, Orlandi (2001) defende que o DP aparece como um discurso de poder, visto que parte do princípio de que se está ensinando, impondo ordem. Acrescenta que, mais do que ensinar, esse tipo de discurso tem a função de *inculcar* determinados comportamentos. Quanto a esse aspecto, é importante observarmos a homogeneização desses comportamentos, já que a inserção em uma determinada instituição, nesse caso especificamente a instituição política, converge para uma unidade. Com efeito, para obter o poder é obrigatório haver uma hierarquia entre quem “ensina” e quem é “ensinado. Há, a partir daí, uma relação de obediência. Deve-se, portanto, escutar aquele que “sabe” mais e obedecer a ele; dito de outro modo, aquele que tem o poder.

Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998) acrescenta que, para encontrar o elemento específico do poder político, faz-se necessário categorizar três grandes estruturas de

poder: o poder econômico, o poder ideológico e o poder político. O *poder econômico* se vale da posse de bens materiais considerados necessários, a fim de atrair aqueles que não os possuem a realizarem determinado trabalho. Por sua vez, o *poder ideológico* se baseia em um conjunto de ideias, normas e valores que uma determinada pessoa, investida de certa autoridade, possui para determinar um modo de pensar coletivo. Esse tipo de poder tem a finalidade de produzir conceitos de “verdades” e repassá-los à sociedade; além de manter modelos de relações sociais para adaptar e enquadrar o indivíduo na condição desejada. Já o *poder político* assenta-se na posse de instrumentos com os quais a força física é exercida. Conforme Bobbio (1987, p. 83):

Essas três formas de poder contribuem conjuntamente para instituir e manter a sociedade de desiguais dividida em fortes e fracos com base no poder político, em ricos e pobres com base no poder econômico, em sábios e ignorantes com base no poder ideológico.

A possibilidade de recorrer à força é o elemento que distingue o poder político das outras formas de poder, contudo tal uso é uma condição necessária, mas não suficiente, para que o poder político exista. O que caracteriza tal poder é o uso restrito da força em relação aos outros grupos que atuam num determinado contexto social. Essa restrição é o resultado de um processo desenvolvido em toda a sociedade organizada, no sentido de tornar exclusiva a posse e uso dos meios a partir dos quais se pode exercer a coação física.

Por conseguinte, Bobbio (1987) acrescenta que algumas características lhe são atribuídas, quais sejam: a ‘exclusividade’, a ‘universalidade’ e a ‘inclusividade’. Entendemos por *exclusividade*, entre outras coisas, a proibição, por parte dos detentores do poder político, de formação de grupos armados independentes. Por *universalidade*, compreendemos a capacidade que os detentores do poder político têm de tomar decisões legítimas e eficazes em prol de uma coletividade. E, no que diz respeito à ‘*inclusividade*’, depreendemos a possibilidade de intervir, por meio do ordenamento jurídico, em todas as possíveis esferas das atividades de um grupo, a fim de interferir em casos de possíveis violações.

Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998) argumenta que há uma outra definição de política, aquela em que o poder é evidenciado pela relação amigo-inimigo. De acordo com essa definição, há na política o antagonismo entre o amigo, aquele que se objetiva

defender, o inimigo, aquele que se encontra no grupo oposto e, por isso, deve-se combatê-lo. Essa definição é, conforme Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998), defendida por Carl Schmitt que a compara à moral, bem como institui a oposição bom-mau. De conformidade com essa definição, é comum o Estado combater aqueles que não se vinculam aos seus ideais, produzindo conflitos de maior ou menor intensidade. Ainda consoante Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998), essa dicotomia é uma especificação e uma confirmação do monopólio da força.

No que se refere ao nosso objeto de estudo, observamos a relação de lutas entre forças em conflito no pronunciamento do sujeito da pesquisa, MD, sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste:

SE₃: [...] os senhores sabem que eu e o doutor João Alves’
disputamos desde que eu botei a cara na política (+)
então eu só conhecia o doutor João Alves de solenidade oficial’
de debate na televisão’
e de’ troca de’ bombardeio em campanha’

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Como sabemos, o ex-governador João Alves Filho (doravante JAF), enquanto filiado ao DEM (Democratas), anteriormente nomeado PFL (Partido da Frente Liberal), um partido considerado centrista e de direita, enuncia de uma *formação discursiva* considerada de direita conservadora. Já o governador MD, enquanto o fundador do PT em Sergipe, considerado um partido centrista e de esquerda, enuncia de uma *formação discursiva* considerada de esquerda. Esse antagonismo (FD de direita *versus* FD de esquerda) nos permite relacionar os sujeitos desse pronunciamento enquanto partícipes de uma possível relação amigo-inimigo. Afora esse aspecto, é importante observarmos as relações de forças presentes nesse pronunciamento, haja vista o *sujeito* MD enunciar da posição de governador eleito, na medida em que se refere ao sujeito JAF como ocupante da posição ex-governador.

Outro fato que reclama sentido é a forma como MD se refere ao ex-governador JAF. Observemos que a ele é atribuído o adjetivo “doutor” e, nesse sentido, é válido levarmos em conta as condições de produção desse enunciado. Como elucidado anteriormente, essa SE faz parte do pronunciamento de MD durante a solenidade de Sanção da Lei do Proinveste, programa lançado pela ex-presidente Dilma Rousseff, com o objetivo de fortalecer o poder de investimento em todos os estados da federação, durante

alguns anos. E, apesar de JAF constituir a liderança de oposição naquela ocasião, foi um dos políticos que manifestou apoio na concretização da referida lei. Desse modo, esse gesto demonstra sinal de respeito e reconhecimento por suas ações na negociação. Nesse sentido, quando MD enaltece as qualidades de seu adversário político, JAF, constrói a imagem de um homem com respeito a seus adversários. De certa forma, tal postura é condizente com a propaganda política petista, a qual silenciou os antigos ataques existentes entre eles e os adversários. Os pronunciamentos não denegriam a imagem dos adversários; a tônica era o enaltecimento das próprias práticas políticas.

Como afirmado, na Antiguidade Clássica, a política possui laços diretos com a Pólis, concebida como uma cidade-estado idealizada, tendo em vista um Estado perfeito e voltado para o bem de todos, já que sua finalidade é a felicidade dos homens. Nessa forma de governo, o Estado é compreendido como um organismo no qual todas as partes devem conviver naturalmente e em harmonia. O bom governo, portanto, é aquele que possibilita aos cidadãos tornarem-se virtuosos e terem uma vida feliz. Ao passo que a filosofia política pós-clássica assim é conceituada:

[...] caracteriza-se pela contínua tentativa de uma delimitação daquilo que é político (o reino de César) em relação àquilo que não é político (seja ele o reino de Deus ou o reino das riquezas), por uma contínua reflexão sobre aquilo que diferencia a esfera da política da esfera da não política, o Estado do não Estado [...]. (BOBBIO, 1987, p. 105)

Contrastando a tradição clássica com a tradição pós-clássica, constatamos que a filosofia clássica se baseia no estudo da estrutura da *pólis*, nas suas várias formas históricas, enquanto a filosofia pós-clássica é caracterizada pela tentativa de delimitar o campo político, as atividades realizadas por ele (URBANI, 1998 *apud* BOBBIO, 1998). É válido ainda discutir acerca da relação entre política e moral, ambos se alastram pelo domínio da ação ou *práxis* humana. Nesse sentido, o poder político não é justificado somente pelo uso exclusivo da força, mas procura dar a ele uma base moral e legal, fazendo-o derivar como consequência necessária doutrinas e crenças, geralmente reconhecidas e aceitas na sociedade que ela dirige. Ressaltamos também a influência do poder ideológico, visto que, à luz de Bobbio (1987), esta forma de poder se vale da posse de certas formas de saber, doutrinas e conhecimentos para exercer influência sobre o comportamento alheio e induzir os indivíduos a realizarem ou não uma ação.

Conforme Takayanagia (2008), a religião, como um poder ideológico, é capaz de influenciar a conduta de um povo, na medida em que a moral qualifica o homem como aquele que age bem ou mal, fundamentado em preceitos religiosos. À luz do referido autor, a força de tais preceitos centra-se em sanções psicológicas, pois o que determina os atos humanos é a razoabilidade entre o bem e o mal. Dessa forma, a religião tem a capacidade de influenciar as condutas morais de um determinado povo ou país, com base em credos religiosos. Tomemos como exemplo o Preâmbulo da Constituição-Cidadã, de 1988, p. 13:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte, para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, **sob a proteção de Deus**, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.

Muitos países, como o Brasil, apesar de declararem-se laicos, corroboram a existência de uma moral-religiosa. Portanto, ao aceitarem estar “sob a proteção de Deus”, os legisladores da Constituição Brasileira Federal declaram-se regidos por um ente divino, circunscrito à religião judaico-cristã e, na medida em que se colocam nessa posição, assumem uma necessidade de proteção celestial, são igualmente influenciados por uma moral religiosa. Conforme Guasco (1998, *apud* BOBBIO, 1998), é por isso que, para solenizar certos acontecimentos políticos, como a posse de um governador, por exemplo, é necessária a realização de um rito religioso, para que seja atribuído um valor moral ao evento político, tornando-o válido.

[...] há uma diferença insuperável entre o agir segundo a máxima da ética da convicção, que em termos religiosos soa assim: 'O cristão age como justo e deixa o resultado nas mãos de Deus', e o agir segundo a máxima da ética da responsabilidade, conforme a qual é preciso responder pelas consequências previsíveis das próprias ações (TORINO, 1948, p. 142 *apud* BOBBIO et alii. 1998, p. 961).

Da ética da responsabilidade e da ética da convicção, elencadas por Max Weber, (*apud* BOBBIO, 1998), resultam, de um lado, ações fincadas na pureza e na coerência de

intenções de suas ações; de outro, ações que levam em conta somente a certeza e fecundidade dos resultados. Desse modo, é necessário trazermos à baila dois conceitos de virtude, quais sejam: o aristotélico, para o qual "virtude" significa disposição para o bem moral; e o maquiavélico, para o qual a virtude é a capacidade do príncipe forte e sagaz que, usando conjuntamente das artes da raposa e do leão, triunfa no intento de manter e consolidar o próprio domínio. Conforme Bobbio (1998), Aristóteles defende que a finalidade da vida humana é encontrar a felicidade e, para esse fim, é necessário que o homem viva racionalmente. Isso implica viver segundo a virtude (*aretê*), tomada por Aristóteles como uma prática, por isso precisa tornar-se um hábito, visto que as virtudes éticas derivam do costume. Aristóteles acredita que nossos atos não são corretos porque temos virtude, mas, ao contrário, temos virtude porque agimos corretamente. E só alcançaremos a felicidade agindo virtuosamente, isto é, agindo corretamente para alcançar o meio termo de ações extremas, conforme as leis morais e racionais. Para ele, não existe virtude, quando há excesso ou vício; a virtude consiste na justa proporção, que é o meio termo entre dois extremos. É válido destacar que esse bem moral pregado por Aristóteles é lastreado por uma moral religiosa, nesses termos política e religião são indissolúveis.

Em contrapartida, a virtude (*virtù*) maquiavélica, segundo Bobbio (1987), deve ser compreendida no sentido de uma virtude política, preocupada com interesse público. A virtude em Maquiavel, ainda conforme o autor, é tida como uma habilidade que todo aquele que aspira a ser um grande líder político precisa ter. Nesse sentido, virtude é sinônimo de talento, criatividade, que um líder político deve ter para obter a glória e o poder. Em Maquiavel, também os princípios políticos são separados dos princípios morais e religiosos; isso porque ele considerava que eles pertenciam a campos distintos e misturá-los iria corrompê-los.

Conforme Urbani (1998 *apud* BOBBIO, 1998), utiliza-se o critério da ética da convicção para julgar as ações individuais, enquanto o critério da ética da responsabilidade é empregado para julgar ações de grupo, ou praticadas por um indivíduo, mas em nome e por conta do próprio grupo. Dito de outro modo, a distinção entre ética da convicção e ética da responsabilidade relaciona-se à diferença entre ética individual e ética de grupo.

Em relação a esse aspecto teórico, no que diz respeito ao nosso *corpus*, podemos observar que o sujeito MD, ao longo do seu pronunciamento durante a solenidade de sanção da Lei do Proinveste, faz menção ao ponto de vista weberiano, segundo o qual há duas éticas a serem respeitadas pelo sujeito político:

SE4: [...] entre o dia de hoje e o dia do objetivo tem uma estrada a ser trilhada'
 é o que Marx Weber chamava'
 a ética da responsabilidade e a ética da convicção'
 essas duas éticas têm que residir na consciência do político,
 político sem convicção' é papel que se dobra e depois o vento leva'
 não deixa marcas' não interfere na história'
 não INSPira a juventude' não constrói seguidores,

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Na medida em que o sujeito MD se apropria das teorias do filósofo Marx Weber, ele atribui ao seu pronunciamento uma força de argumentação, haja vista o conhecimento acerca da teoria. Esse gesto de apropriação revela a capacidade de se colocar no lugar de político cujas ações estão relacionadas a convicções consideradas verdadeiramente políticas, à luz dos conceitos a que se refere (as éticas). De igual modo, coloca-se na posição de político capaz de interferir na história do povo, por se colocar no lugar do político idealizado por Weber. E, em decorrência dessas posições, esse pronunciamento é atravessado pelo Discurso Pedagógico, dada a sua função de inculcar em seu interlocutor a diferença entre um bom e um mau político; entre boas e más ações. Consequentemente, assume o lugar de conhecedor de teorias políticas, o que fala para aqueles que não as conhecem e os conhecedores dela (no caso, alguns políticos reconhecidos, presentes na solenidade). Essa posição aponta para as relações de força entre os conhecedores e não conhecedores.

Observemos ainda a utilização dos substantivos “consciência” e “convicção”. Ambos estão sendo empregados no sentido de caráter, moral. Outro termo que reclama sentido é o verbo “inspirar”. Ao pronunciar essa palavra, o sujeito MD a enfatiza, assumindo com esse gesto o compromisso com o outro (a juventude), com a “verdade” que enuncia. Ainda em relação a isso, ao desejar inspirar os jovens, o sujeito MD assume um DP, preocupado em ensinar-lhes determinado conhecimento.

Dando prosseguimento às reflexões teóricas, às reflexões analíticas constatamos até aqui que, na tradição clássica, o poder era exercido a partir de uma relação de

obediência, no qual quem tinha o poder poderia influenciar no comportamento de quem não o tinha, no caso da SE₄. Na tradição pós-clássica, entretanto, o poder é exercido levando-se em conta a questão da moralidade, ou seja, as ações do cidadão, o qual deve sempre agir de maneira considerada correta, já que seus atos são avaliados como bons ou maus.

Wolkmer (2001) sustenta que, no período medieval, caracterizado por alguns historiadores como Idade das Trevas, toda a produção teórica acerca da política foi reduzida a um sistema de governo calcado na moral cristã, as noções de saber e de verdade eram explicadas a partir do Novo Testamento, das Escrituras Sagradas e dos ensinamentos dos padres nas igrejas. Isso porque o conhecimento científico e a filosofia política estavam sob o crivo da teologia oficial, das doutrinas da Igreja Romana. A exemplo desse período histórico, Wolkmer (2001) cita Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, que defendiam uma maneira santa de viver. Para esse fim, eles impuseram, explicaram dogmas da Igreja Católica que regulamentavam e institucionalizavam “verdades” da fé cristã. Nesse período, os cidadãos eram instruídos a viverem em conformidade com os preceitos cristãos, para que, após sua morte, habitassem a “cidade de Deus”, onde tudo seria justo e perfeito.

Chegando ao fim desse período, nasce o movimento que ficou conhecido por Iluminismo, ou “século das luzes”, termo originário da palavra alemã *Aufklärung*, que significa aclaração, esclarecimento, iluminação. De acordo com Bobbio (1998), os pensadores desse período, a exemplo de René Descartes e Isaac Newton, pregavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, reduzidos a um modo de sentir, de estar em comunhão com Deus, a partir da adesão sentimental à harmonia da natureza, em que natureza significa a essência do homem, ou seja, a razão. Segundo esses filósofos, tais credos bloqueavam a evolução do homem. Ainda de conformidade com Bobbio (1998), a obstinação dos iluministas pela natureza, pelo espírito das leis e das Constituições provém do temor do perigo do autoritarismo, do culto da liberdade civil e política. Para eles, a obrigação se expressa na lei e, ao mesmo tempo, limita-se nela. Apesar de discordantes em suas doutrinas, Montesquieu, Voltaire, Rousseau e Diderot acreditam firmemente em tal princípio e, por isso, temas ligados à reforma judiciária são objeto de atenta reflexão. Relacionado a esses temas, o “Barão de Montesquieu” escreveu, dentre as diversas obras importantes, “O Espírito das Leis”. Nessa obra, seu objetivo era discutir acerca do Sistema Legislativo,

nas características climáticas, étnicas e culturais do povo. Ele concebia o Estado não tão somente enquanto uma instituição política, mas também como instituição Jurídica e Social; integra a partir dessa concepção, a ideia de Estado Moderno, instalando, nesse momento, a noção de corpos intermediários entre o indivíduo e o Estado, tais quais, o Poder Judiciário, o Legislativo e os Partidos Políticos. Influenciado pelas teorias de John Locke, parte dessa tese para defender a tripartição dos poderes. Conforme as teorias de Locke, a sociedade surge a partir de um contrato estabelecido entre os homens, fazendo com que eles abandonem o estado de natureza e se organizem em sociedade.

Até o período medieval, o poder pertencente aos reis era concebido a partir da herança deixada por Adão para seus herdeiros que o exerciam com base no princípio da autoridade paterna que Adão, provavelmente, o primeiro pai e primeiro rei, legava aos seus descendentes. Contudo, John Locke rompe com este pensamento, ao defender a tese de que o poder real é derivado de um pacto e não de uma ordem divina. Evidenciamos, neste sentido, que, desde o seu aparecimento, o poder político está arraigado à religião, visto que sua autoridade é legitimada, a partir do vínculo com uma personagem divina a quem o poder real é concedido por um deus.

Assim como Locke, Jean Jacques Rousseau defende que todos devem abrir mão de seus direitos com a criação do Contrato Social, formando um corpo político que detém todos os direitos e do qual todos participam, entretanto o “eu absoluto” cede ao “eu relativo”. Outrossim, Rousseau afirma que todos os cidadãos devem participar da obra legislativa, através da Democracia Direta. Apesar de concordar em alguns pontos de vista, suas ideias se distinguem, pois a forma como Locke entende a estrutura *estado de natureza-pacto-estado civil* é bem diversa da de Rousseau.

Quanto à relação com nosso objeto de pesquisa, entendemos que, mesmo depois de tanto tempo, observamos que tais discursos ainda são muito presentes nos discursos dos políticos atuais. Percebemos que esses discursos são *atualizados* constantemente tendo por consequência a sua legitimação, a sua cristalização. No que se refere a isso, observemos a SE₅, retirada do pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado:

SE₅: Hoje’ sou governador pela graça de DEUS e pela vontade do povo’

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Nesse recorte discursivo, na SE₅, observamos a remissão a ‘Deus’ (enfaticamente), anterior à vontade do povo. Destacamos, então, o substantivo feminino “graça” que, conforme a bíblia, traz consigo o significado de benevolência, mercê, estima ou um favor que se dispensa ou recebe algo. Tal acepção aponta para o fato de que a vontade de Deus é soberana em relação aos votos que recebeu de seu eleitorado; daí ter sido eleito governador. Observamos ainda a relação entre as palavras “graça” e “vontade”. Na primeira, observamos que há o consentimento divino, ao passo que foi outorgado por ‘Deus’; na segunda, houve uma volição humana. Logo, constatamos o atravessamento do DR (Discurso Religioso), uma vez que se torna necessário porque se pretende a certeza/verdade. Constatamos isso na medida em que relacionamos esse enunciado com um outro presente na Bíblia: “Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã [...]” (1 Coríntios 15:10⁸).

É possível constatar esse fato a partir da entonação à palavra ‘Deus’ e da hierarquização de seu discurso: ele foi eleito primeiro pela graça de Deus que, mesmo não merecendo, por ser um pecador, ‘Deus’ concedeu esse favor. E somente depois da permissão divina, o povo “validou” essa graça. Se contrastarmos esse discurso com os circulados no período medieval, constatamos que há uma *reatualização*⁹ dos discursos de outrora, ao passo que a figura divina é quem legitima a autoridade de governador.

Como foi possível observar, desde a origem da sociedade, os preceitos religiosos estiveram presentes instituindo um modo de pensar coletivo e uniforme. Constatamos ainda que tais preceitos estão sendo constantemente *reatualizados* estabelecendo valores e comportamentos sociais.

No próximo item, atentamos para o processo oligárquico por que passou o Estado de Sergipe a partir do período denominado Nova República. O nosso objetivo, ao expor esse contexto sócio-histórico, é trazer à baila certos acontecimentos ocorridos nesse período, com vistas a contribuir com a análise do nosso *corpus*. E, como afirmado anteriormente, analisar de que posição discursiva o sujeito MD enuncia, de que lugar faz isso.

⁸ Lê-se Coríntios capítulo 15, versículo 10.

⁹ Empregamos esse termo de acordo com Foucault (2009, p. 284), para quem a “reatualização” consiste na “[...] reinserção de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele”.

1.3 Sergipe: as oligarquias políticas

Antes de apresentarmos o contexto oligárquico em que o Estado de Sergipe se encontrou (ou tem se encontrado), reiteramos que concordamos com Foucault (2014), cuja percepção histórica nos coloca como arqueólogos em busca de observarmos os *acontecimentos*¹⁰, as *práticas discursivas*¹¹. Nesse sentido, tal perspectiva histórica nos possibilita estabelecer uma nova relação com o passado, *com a memória discursiva*, uma vez que, com esse retorno, como bem afirma Foucault (2012 [1978]), objetivamos compreender o presente. Nessa perspectiva de pesquisa, Gregolin (2016, p. 02) explica: “A historicidade é estabelecida a partir de um problema do presente e voltar à História não significa olhar o passado como fonte do presente (sua origem embrionária) mas como lugar do *acontecimento* [...]”. Nesse caminho de olhar para o passado com vistas a criticar o presente, observamos que, apesar de a história de Sergipe ser marcada por vários períodos importantes, recortamos somente a instauração da “Nova República”, em que ocorreram significativas transformações na vida do povo sergipano, as quais nos possibilitam entender a circulação de certos discursos, a cristalização de alguns.

Em primeiro lugar, é importante esclarecermos o sentido *oligarquia*, “governo de poucos”. Conforme Bobbio (1998), esse termo foi utilizado pelos gregos de modo negativo significando, por vezes, “governo dos ricos”. Costumeiramente utilizado como sinônimo do termo “plutocracia”, Platão (República, 550 a.C) defendia que, na *oligarquia*, somente os ricos governam enquanto os pobres não partilham do poder. Nessa

¹⁰ Por acontecimento, Foucault entende, antes de tudo de maneira negativa, um *fato* para o qual algumas análises históricas se contentam em fornecer a descrição. O método arqueológico foucaultiano busca, ao contrário, reconstituir atrás do *fato* toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas”. [...] Entretanto, num segundo momento, o termo “acontecimento” começa a aparecer em Foucault de maneira positiva, como uma cristalização de determinações históricas complexas que ele opõe à ideia de estrutura: “Admite-se que o estruturalismo tenha sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia mas de uma série de outras ciências e até mesmo da história, o conceito de acontecimento”. (REVEL, 2005, p. 13)

¹¹ “Finalmente podemos caracterizar agora o que se chama ‘prática discursiva’. Não se pode confundir-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem como atividade racional que pode funcionar em um sistema de interferência; nem como a ‘competência’ de um sujeito falante quando constrói as frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, **AS**, 153-154, *apud* CASTRO, 2016, p. 337).

direção, esboçamos brevemente o percurso sócio-histórico das oligarquias sergipanas, a fim de entendermos os discursos de MD, enquanto sujeito do discurso.

À luz de Dantas (2004), o Brasil passou por um longo período de governo ditatorial, sob o jugo dos militares. Em quase vinte anos (1964 a 1982), não houve eleições diretas no país, para os cargos executivos. A realização de eleições diretas para governador, em todo o país, ocorreu em novembro de 1982. O último governador eleito pelo voto direto em Sergipe foi João Seixas Dória, em 1962. Este, por sua vez, apoiava o presidente da República, João Goulart, deposto pelos militares em 1964, preso e levado, inicialmente, para o quartel da 6ª Região Militar, em Salvador; depois, cassado e levado para a Ilha de Fernando de Noronha, onde passou 117 (cento e dezessete) dias ao lado do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arrais.

Quanto ao nosso objeto de pesquisa, observamos a presença desse *acontecimento* na SE6, no pronunciamento de posse do primeiro mandato, em 01 de janeiro de 2007, para governador do Estado. Essa memória foi *reatualizada*, no momento em que MD assume o lugar de governador do Estado, enunciando de uma posição, a partir da qual ecoaram vozes de um passado remoto.

SE6: [...] contemplo daqui
a face hierática desse grande sergipano e brasileiro
que é João de Seixas Dória
brasileiro cuja valentia cívica e devoção democrática
ofereceu a matéria-prima com que a história já lhe ergueu um monumento,
antecipando-se ao bronze.
[...] Um ex-governador eleito em 1962,
apoiou João Gullar e as reformas de base.
Réu sem crime,
teve atropelado o seu mandato pela violência da ditadura militar,
cassados os seus direitos políticos
e foi aprisionado em Fernando de Noronha
ao lado do inesquecível líder popular de Pernambuco Miguel Arraes.

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Entendemos que trazer a memória de Dória para um momento de crucial importância vai além de mera admiração por esse líder sergipano. Entendemos que essa é uma tentativa de ressignificar a importância desse Estado no cenário político do país, pois, ao enfatizar a prisão desse político ao lado de um “*líder popular*”, coloca-os na posição de heróis de uma nação. Essa perspectiva é reiterada, na medida em que destacamos o uso do adjetivo “hierático” que, conforme o Dicionário Houaiss (2001),

remete a algo sagrado ou religioso. Desse modo, ele igualmente é comparado a um santo que, como tal, deve ser cultuado e respeitado, daí o uso de “contemplar”. Observamos também posição ideológica em que se encontra o sujeito MD, no que se refere à Ditadura Militar, período marcado sempre com expressões de cunho depreciativo.

Acrescentamos que o sujeito MD, ao apropriar-se da imagem de João de Seixas Dória, João Gullar e Miguel Arraes, no sentido de que são responsáveis por feitos heroicos, insere-se na formação discursiva desses sujeitos, considerados líderes, heróis. E, na medida em que faz isso, marca a sua perspectiva política como contrária àquela dos militares. As escolhas lexicais apresentam pistas que comprovam a orientação política desse regime: “Réu sem crime, teve atropelado o seu mandato pela violência da ditadura militar, cassados os seus direitos políticos e foi aprisionado [...]”. Essa escolha remete ao campo de guerras.

Ainda no que diz respeito a esse momento histórico, Dantas (2004) explicita que, após um longo período de dominação militar, ocorre a primeira eleição, no período denominado pelos historiadores como Nova República. Foi neste ano (1982) em que João Alves Filho foi eleito pelo voto direto para governador pelo PDS (Partido Democrático Social). Esse é um partido político nacional centrista de direita, fundado em janeiro de 1980 para suceder à Arena (Aliança Renovadora Nacional), antigo partido governista extinto com o fim do bipartidarismo em 29 de novembro de 1979. Dantas (2004) defende que esse governo demonstrou resistência tanto em agregar novos grupos sociais à sociedade política, como também resistiu para formar a Aliança Democrática; não se engajou na campanha das Diretas estimulando, inclusive, os seus aliados a votarem contra. Com o fortalecimento da Frente Liberal, João Alves tornou-se o último governador a assinar o seu manifesto, assim como foi o último a aderir à candidatura de Tancredo Neves, concorrente ao colégio eleitoral. Em dezembro de 1984, desligou-se do PDS e criou o PFL (Partido da Frente Liberal), procedente do situacionismo do regime autoritário. Ele governou o Estado entre o fim do domínio militar e o início da Nova República, numa conjuntura agitada e marcada por pressões políticas continuadas.

Seu sucessor, também do PFL, Antônio Carlos Valadares (ACV), assumiu a direção do Estado, cargo em que permaneceu até 1990, em um período conturbado. Nessa época, o país vivenciava uma nova crise econômica, com o fim do plano cruzado e a retomada da inflação. Conforme Dantas (2004), destaca-se desse período o quadro de

secretariado composto por vinte e cinco nomes, doze deles eram participantes da gestão anterior. Além disso, o ex-governador JAF fora nomeado pelo presidente José Sarney, em agosto de 1987, a pedido do então governador ACV, Ministro do Interior. Esse gesto significa a manutenção dos mesmos políticos no poder.

Acabado o mandato de ACV, JAF retoma novamente o poder, em 1991, apoiado por uma enorme aliança formada pelos seguintes partidos políticos: PFL+PDS+PMDB+PDC+PL+PCM+PMN+PRN+PRP E PSDB¹². Com JAF na direção do Governo do Estado, ACV foi beneficiado, visto que elegeu um sobrinho para a Câmara dos Deputados, outro parente para a Assembleia Legislativa, graças à montagem do “acordão”. O engenheiro JAF, assim como seu antecessor, formou seu secretariado, em sua maioria, com nomes de servidores da gestão anterior, incorporando poucas pessoas dos aliados, transformando a secretaria em instrumento de clientelismo eleitoral.

Em 1995 assume o governo do Estado Albano Pimentel do Prado Franco (Albano Franco), apoiado pela coalizão PPR+PMDB+PFL+PSD¹³, que obteve vitória sobre Jackson Barreto. Ao iniciar seu mandato, Albano Franco (mais adiante, AF), atendendo, na medida do possível, seus aliados, criou novas secretarias de forma improvisada, além da admissão de cargos em comissão na Casa Civil, próprias da estrutura clientelista. Reeleito em 1998, após enfrentar, dentre outros, dois ex-governadores e ex-correligionários, JAF e ACV, Albano Franco exerceu uma política patrimonialista.

No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, dada a estrutura oligárquica da política sergipana, caberia a um governador de partido de esquerda (PT) tentar ressignificar esses discursos advindos desse momento histórico. Foi o que aconteceu no pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador MD, em 01 de janeiro de 2007. Encontramos essa evidência na SE₇ abaixo:

¹² PFL – Partido da Frente Liberal (alterado em 2007 para DEM - Democratas)

PDS – Partido Democrático Social

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

PL – Partido Liberal

PCM – Partido Comunista Mexicano

PMN – Partido da Mobilização Nacional

PRN – Partido da Reconstrução Nacional

PRP – Partido Republicano Progressista

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

¹³ PPR – Partido Progressista Reformador

SE7: [...] décadas de dominação oligárquica
 cristalizaram na vida pública sergipana
 um conjunto de erros políticos
 vícios administrativos e desvios éticos
 a mesmice tornou-se matéria-prima' das ações de governo
 e a incompetência administrativa
 MUItas vezes lançou fora oportunidades históricas
 que poderiam ter melhorado a vida do nosso povo
 e avançado a marcha de Sergipe rumo ao desenvolvimento
 a ausência de alternância de poder
 permitiu que a sombra do aparato estatal
 germinasse uma elite divorciada do povo
 agindo como se fosse proprietária de Sergipe
 estabelecendo vínculos oligárquicos
 quando não hereditários de poder
 e sobrevivendo graças a acordões
 que transformando aliados de ontem
 o adversário de ontem em aliado de sempre [...]

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

A partir dessa SE, podemos observar *a formação discursiva* em que o sujeito MD se encontra: “[...] a ausência de alternância de poder / permitiu que a sombra do aparato estatal / germinasse uma elite divorciada do povo [...]”. Como observado anteriormente, MD enuncia do PT, Partido dos Trabalhadores, o qual se posicionava em favor da classe trabalhadora, contrário aos patrões, aos poderosos. Esse partido, portanto, assumia uma perspectiva social democrata¹⁴. Esse conflito de interesses sobre a relação *democracia/oligarquia* é evidenciada nessa SE nomeadamente quando o sujeito MD denuncia o clientelismo, desvios éticos, permanência no poder. Consequentemente, o sujeito MD enuncia de uma *formação discursiva* diferente dos sujeitos ex-governadores (JAF, ACV, AF), apesar do lugar que assume (governador de SE) a partir desse pronunciamento. E, na medida em que contraria o posicionamento político, a partir do qual os sujeitos ex-governadores enunciavam, surge como defensor do povo sergipano: “MUItas vezes lançou fora oportunidades históricas / que poderiam ter melhorado a vida do nosso povo / e avançado a marcha de Sergipe rumo ao desenvolvimento”.

Além dos aspectos acima apontados, observamos a utilização de termos como “erros políticos”, “vícios administrativos” e “desvios éticos”, rememorando governos anteriores. A utilização desses termos aciona a *memória discursiva* do eleitorado para

¹⁴ Fruto dos movimentos operários ocorridos no decorrer do século XIX, o Socialismo tem como fundamento a liberdade, a justiça social e a igualdade de direitos para todos. E o Socialismo Democrático é um conceito utilizado para ressaltar o caráter democrático de movimentos e organizações socialistas.

situar na cadeia dos discursos circulados nesse momento o período em que houve, por parte dos partidos políticos anteriores, a repressão aos movimentos sociais, a desvalorização do serviço público, a higienização social, o coronelismo etc. Outros termos que nos chamam igual atenção é “mesmice” e “incompetência”. Além disso, há uma asseveração de *divórcio* dos governos anteriores *do povo*. Tal remissão leva o interlocutor a entender o desprestígio dos governos anteriores, na mesma medida em que o sujeito MD acena para uma ruptura com a oligarquia até então presente na vida dos sergipanos.

Como pudemos observar até aqui, o quadro de governadores, no Estado de Sergipe até o ano de 2006, esteve controlado por grupos conservadores, em sua maioria, originários da Arena, não havendo, portanto, alternância de poder. Constatamos que apenas dois partidos assumiram o governo do Estado: durante o período de 1985 a 1994, o PFL, o PSDB que assumiu em 1995 a 2002, substituído novamente pelo PFL, até 2006. De acordo com Dantas (2004), esse período foi de intensa troca de favores, permitindo, como mencionado, uma estrutura clientelista e, como consequência dessa estrutura, houve um aumento significativo de funcionários contratados, não por seus méritos, mas por uma intensa troca de favores. Tudo isso ocasionou, de acordo com Dantas (2004), ociosidade e baixa produtividade.

Dentro desse contexto sociopolítico, assume o governo do Estado, em 2007, MD que se propõe a romper com as oligarquias até então existentes. No próximo item abordamos o surgimento do PT em Sergipe, as ideias defendidas por esse partido, relacionando-as ao sujeito discurso MD, a fim de entendermos de quais *formações discursivas* esse sujeito enuncia.

1.4 O sujeito Marcelo Déda e o PT

O estudo acerca da organização dos partidos políticos é tema frequente quando se fala da institucionalização dos sistemas partidários. Para fins de análise, abordarmos neste item a formação do Partido dos Trabalhadores. Ele é o resultado de um amplo quadro de atores da sociedade civil, tais como sindicatos, movimentos sociais rurais e urbanos,

organizações católicas, além da *Esquerda Organizada*. Esse partido tem como característica peculiar a sua desvinculação do aparato estatal obtendo crescente acesso ao longo dos anos, tanto na esfera executiva quanto na legislativa.

Conforme Ribeiro (2008), na década de 1970, os processos de expansão e modernização da estrutura produtiva brasileira, com maior relevância em São Paulo, trouxeram consigo um aumento significativo de mão-de-obra, ocasionando salários decrescentes e constantes arrochos provindos da política econômica dos governos militares. Esse fato acabou por propiciar o surgimento, a partir de 1973, da “corrente autêntica” do sindicalismo, com exigências como a modernização da legislação trabalhista e autonomia sindical. Apoiados por estudantes, intelectuais, políticos e sindicalistas de outros estados, esse novo sindicalismo chamou a atenção de categorias assalariadas como professores, médicos, bancários e funcionários públicos ganhando espaço na mídia nacional, principalmente a partir da liderança de Luís Inácio Lula da Silva.

Impulsionados, após a Reforma Partidária de 1979 (Lei nº 6767), que pôs fim ao bipartidarismo vigente durante o regime autoritário, idealizaram a formação de um novo partido político que atendesse às necessidades da classe trabalhadora. Ainda em conformidade com Ribeiro (2008), diversos grupos de *esquerda organizada* estiveram envolvidos na criação do PT, principalmente pelas filiações e construções de diretórios, conjunturas importantes para a legalização do partido. Registram-se também grupos católicos como elemento constitutivo na formação do PT. Segundo esse autor, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) criaram as pastorais operárias passando a se envolverem com movimentos sociais diversos, tanto nas áreas urbanas como nas áreas rurais, presentes, sobretudo, nas áreas mais pobres.

Até o momento, os partidos políticos brasileiros haviam sido criados pelas elites políticas e econômicas, o PT, contrariando esse processo tradicional no Brasil, tinha uma base de massa e um claro projeto de esquerda que o vinculava fortemente à sociedade civil organizada. Em seu projeto político, reivindicava o *socialismo democrático*, pois, conforme os ideais petistas, não haveria justiça sem liberdade e sem democracia, bem como só haveria igualdade de oportunidades se os direitos políticos e cívicos fossem garantidos.

É nesse contexto de lutas e busca dos direitos dos trabalhadores que Marcelo Déda se inclui. Conforme informações cedidas pelo IMD (Instituto Marcelo Déda), seu primeiro ato reivindicatório ocorreu em 1979, ainda estudante do Colégio Atheneu Sergipense, onde concluiu o antigo segundo grau. Nessa ocasião, Déda, por não concordar com a compra do traje de gala pelos alunos do 3º ano, que já estavam concluindo o segundo grau, mobilizou-os a se posicionarem contra tal atitude considerando ser um desperdício a compra de tais trajes, já que seriam usados somente no desfile de sete de setembro.

Ainda segundo informações cedidas pelo IMD, em 1979, começou a trabalhar com seus companheiros na criação do PT. Já na UFS, como partícipe do DCE (Diretório Central Estudantil), como mencionado, foi o início de uma militância mais ativa. A militância estudantil à qual Déda era fortemente vinculado, o grupo político estudantil de esquerda, nomeado Atuação, defendia a construção de um país justo e igualitário; para isso se fazia necessário apoiar as lutas do povo pela extinção da ditadura militar. No período em que ainda era estudante, Marcelo Déda participou de movimentos sociais, tais como a defesa dos índios Xocós que, em março de 1978, foram proibidos pela família Brito de Propriá, donas das terras, de cultivar a lavoura, produzir cerâmica e pescar no lugar que até então estava sendo ocupado pelos índios; já em Santana dos Frades, apoiou a causa dos posseiros expulsos por fazendeiros no Bairro Coroa do Meio; e lutou também contra a destruição das barracas dos pescadores. Contudo, com sua aprovação em concurso para trabalhar no CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), Déda reduziu significativamente sua militância no Movimento Atuação, saindo do DCE e passando a atuar no CONSU (Conselho Universitário), no CONEP (Conselho de Ensino e Pesquisa).

Em sua primeira candidatura, em 1982, na primeira eleição filiado ao PT, Déda estava com apenas vinte e dois anos. Nessa ocasião, concorreu a deputado estadual, mas, com somente trezentos votos, foi derrotado. Em 1984, marcado por significativo apelo popular, o processo de eleições diretas, cujo objetivo foi a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente da República no Brasil, Marcelo Déda ingressou no processo de mobilização participando de comícios em todo Estado. Nas eleições de 1985, é lançado candidato a prefeito de Aracaju, com apenas vinte e cinco anos de idade, conquistando o segundo lugar nas urnas, com aproximadamente dezenove mil votos. Em 1986, MD concorre novamente a deputado estadual sendo eleito, dessa vez, com mais de trinta e dois mil votos. Em 1990, tenta se reeleger, mas perde; em 1994, candidata-se a deputado

federal, eleito com vinte e seis mil votos; foi reeleito em 1998, com oitenta e três mil votos, a segunda maior votação proporcional do Brasil. Na Câmara Federal, teve atuação destacada, com grande presença nos debates e inserção na mídia nacional, chegando à liderança da bancada do PT e do Bloco de Oposição. Em 2000, MD é lançado como candidato a prefeito de Aracaju, ganhando a eleição ainda no primeiro turno, com 52,80% (cinquenta e dois, oitenta por cento) dos votos válidos, ao lado do então vice-prefeito Edvaldo Nogueira; é reeleito em 2004, com 71,38% (setenta e um, trinta e oito por cento) dos votos válidos. Essa vitória ficou marcada na trajetória política de Déda, o prefeito eleito no primeiro turno com o maior número de votos, proporcionalmente, no país. No dia 31 de março de 2006, renunciou ao mandato de prefeito de Aracaju para disputar o governo do Estado, é eleito com 52,48% (cinquenta e dois, quarenta e oito por cento) dos votos, ao lado do vice-governador Belivaldo Chagas. É reeleito em 2010, juntamente com Jackson Barreto de Lima, vice-governador. Este assumiu o governo do Estado em 27 de maio de 2013, devido ao afastamento de Marcelo Déda, em decorrência de grave doença.

Como foi possível observar, a trajetória política do indivíduo Marcelo Déda se realiza concomitantemente ao processo de formação do PT. Fundador do PT em Sergipe, ele participa com afinco desse partido; corrobora os seus ideais exaltando-os sempre em seus pronunciamentos. Abaixo, trazemos três *sequências enunciativas* (SE₈, SE₉, SE₁₀), em que o discurso do sujeito MD é atravessado por essa história de militância política.

SE₈: [...] SOU DE UMA GERAÇÃO que nasceu para a vida pública
no momento em que a ditadura já se esgotava'
mas a democracia ainda tímida procurava forças para erguer-se'
junto com TANTOS companheiros
busquei, no movimento estudantil,
as ferramentas da contestação e as missões' de amor à liberdade
vivemos as ameaças de retrocesso'
e convivemos com a cenSURA que agredia o bom senso [...]

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Nessa SE₈, ao enunciar “SOU DE UMA GERAÇÃO”, “busquei”, MD assume o lugar de *locutor* do pronunciamento. E, ao enunciar da posição de governador, rememora momentos durante o período ditatorial no Brasil. Esse gesto de *olhar o passado* remete os interlocutores para essa situação, ao mesmo tempo em que presentifica a luta pela

liberdade, o enfrentamento com a censura, *reconfigurando* uma relação maniqueísta¹⁵, *passado* (mal) versus *o presente* (bem). Nesse sentido, ressignifica o sentido de liberdade ('amor à liberdade'), já que a história a que se refere não é a mesma nesse eixo da atualidade. Muitos dos interlocutores não participaram desses momentos políticos a que o *sujeito MD* se refere, mas o vivenciam a partir dessa rememoração. Nessa direção, questionamos qual sentido pode ser atribuído ao 'amor à liberdade' por sujeitos que não vivenciaram a censura. Evidenciamos o possível contraste: passado (falta de liberdade / inferno) versus presente (presença de liberdade / paraíso). Dito de outra forma, há um atravessamento de discurso religioso no discurso político. Ademais, vale ressaltar a entonação dada ao pronome indefinido "TANTOS": ao pronunciá-lo, o *locutor MD* enfatiza, deixando entrever a existência de um discurso de união, conferindo à sua conquista política um fazer coletivo, a necessidade da união em seu percurso político. Nesse sentido, introduz um "EU" universal, ao utilizar a 1ª pessoa do plural, em "vivemos as ameaças de retrocesso" / e convivemos com a cenSURA que agredia o bom senso [...]", reiterando o discurso segundo o qual "a união faz a força".

A partir dessas análises, observamos que o *locutor MD* enuncia da FD religiosa, dada a relação maniqueísta estabelecida; de uma FD político-partidária, com base no percurso político do indivíduo que, interpelado pela *memória discursiva*, materializa os discursos nessa SE. Apesar de haver a possibilidade de conflito entre essas duas *formações discursivas*, entendemos, como já mencionado em itens anteriores, que elas dialogam. A força argumentativa desse pronunciamento se dá, no nosso entender, por haver esse diálogo entre tais FDs. Isso porque o *locutor MD* tem como sujeitos interlocutores o povo sergipano, cuja aproximação com a FD religiosa é reconhecidamente visível.

Para darmos seguimento à relação entre o histórico de MD enquanto político petista e os seus pronunciamentos, trazemos à baila a SE₉ que, tal como a anterior, ocorre

¹⁵ **Maniqueísmo.** Substantivo masculino. **1** Rubrica: religião. Dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (séc. III d.C. e IV d.C.), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, esp. evitando a procriação e os alimentos de origem animal. **2** Derivação: por extensão de sentido. Qualquer visão do mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis. Ex.: *admitir que os bons sejam sempre bons e os maus sempre maus é uma demonstração de m.* **2.1.** Reconhecimento de que a matéria é intrinsecamente má

na sua posse do governo do Estado de Sergipe, em 2007. Nessa SE, o *locutor* em questão marca o lugar a partir do qual enuncia: *governador eleito*, numa *coligação de centro-esquerda*, do *partido dos trabalhadores*. Esse gesto de posicionar-se, frente aos seus interlocutores, coloca-o numa situação de tentar ser transparente, no que se refere aos seus interlocutores. Tal tentativa, por sua vez, pode provocar uma reação no interlocutor, qual seja, a construção da confiança. Esse locutor, então, constrói a imagem de político confiável.

SE₉: [...] falo como governador eleito pelos sergipanos
dentro de uma coligação de centro-esquerda'
liderada pelo partido dos trabalhadores [...]
[...] quem fala aqui hoje'
não obstante os cabelos já BRANcos'
é um homem de esquerda' democrata e socialista ((aplausos))

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Nessas duas SE (SE₉, SE₁₀) apresentadas, o *locutor MD* se coloca no lugar de governador eleito, em seu primeiro mandato. Na SE₁₀, entretanto, esse locutor se encontra em outro momento político (2º mandato), já interpelado pelo estado de saúde em que se encontra, vítima de câncer. Essa situação, por sua vez, impele esse sujeito para um *gesto de agradecimento* a seus interlocutores, eleitores sergipanos. Nesse sentido, rememora as conquistas alcançadas, ao mesmo tempo em que as atribui aos seus eleitores/interlocutores. A partir desses agradecimentos, compreendemos que o *locutor* se despede de seus interlocutores. Constatamos ainda a reiteração da necessidade da união em sua forma de governar, conferida na SE₁₀, parte de seu primeiro pronunciamento enquanto governador.

SE₁₀: [...] os sergipanos me DERAM (+) algo difícil de se encontrar'
num político brasileiro'
quatro eleições de executivo' ganhas no primeiro turno'
duas de prefeito e duas de governador (+)
como não retribuir" Quando desistir" como deixar pra lá"
Eu não consigo, eu não consigo[...]

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Nessa SE, é possível identificarmos a relação entre locutor e a imagem que faz de seu interlocutor: o povo sergipano, capaz de *outorgar-lhe* o direito de governar: “[...] quatro eleições de executivo' ganhas no primeiro turno””. O sujeito MD aponta para um fechamento de ciclo de vida, atribuindo ao seu interlocutor a responsabilidade de suas

eleições; coloca-se na posição de *assujeitamento*, pois assumiu o poder pelas mãos do povo sergipano. Na mesma medida, admite que o fato de ter conseguido ‘quatro eleições ganhas no primeiro turno’ é difícil, quando se trata da política brasileira. E, ao mesmo tempo em que atribui a responsabilidade de sua eleição ao povo, reconhece-se no lugar difícil de vencedor.

No capítulo a seguir, discorreremos acerca dos principais conceitos da teoria foucaultiana, com base na pesquisa arqueogenealógica.

CAPÍTULO II – CONCEITOS IMPORTANTES PARA UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DO DISCURSO

Talvez fosse descoberta uma unidade discursiva se a buscássemos não na coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e, eventualmente, em sua incompatibilidade. Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão (FOUCAULT, 2014, p. 43).

Nesta seção, objetivamos estudar os principais conceitos subsidiários de uma pesquisa arqueogenealógica, com base em Michel Foucault: discurso, prática discursiva, enunciado, formação discursiva, saber, poder. Outrossim, procuramos compreender o conceito de “verdade” enquanto uma configuração histórica que, por sua vez, produz efeitos reguladores de poder. Tentamos também compreender a relação poder-saber, no sentido de como os saberes produzem as representações sobre os sujeitos, como esses saberes classificam e produzem objetivações sobre os eles. Buscamos, enfim, estabelecer a relação entre a teoria foucaultiana e o nosso objeto de estudo.

2.1 Foucault e a teoria do discurso

Os estudiosos da obra de Michel Foucault mencionam a existência de três períodos, em que ela é distribuída: o primeiro, o arqueológico (durante a década de 1960, estudos sobre o saber médico, o da gramática, o da economia, o das ciências naturais, da arqueologia do saber); o segundo, o genealógico (durante a década de 1970, os estudos sobre as prisões, a vigilância e punição; sobre a sexualidade, principalmente, o volume 1); o terceiro, o genealógico (durante a década de 1980, a genealogia da ética, a partir da História da sexualidade, volume 3) (GREGOLIN, 2004). Entretanto, Gregolin (2016) reconhece que essas fases não são estanques, elas se inter-relacionam. Dentre tais estudos, estamos focadas nos dois primeiros, que intitulamos “Arqueogenealogia” (termo cunhado por Gregolin, 2016), uma vez que enfatizamos tanto as relações arqueológicas,

circunscritas à História, quanto as genealógicas, concernentes ao poder. Como bem esclarece Castro (2016, p. 184 – 185):

Fala-se de um período genealógico de Foucault para fazer referência àquelas obras dedicadas à análise das formas de exercício do poder. [...]. É necessário precisar que não devemos entender a genealogia de Foucault como uma ruptura e, menos ainda, como uma oposição à arqueologia. Arqueologia e genealogia se apoiam sobre um pressuposto comum: escrever a história sem referir à instância fundadora do sujeito (DE3, 147). No entanto, a passagem da arqueologia à genealogia é uma ampliação do campo de investigação para incluir de maneira mais precisa o estudo das práticas não discursivas e, sobretudo, a relação não discursividade/discursividade. Em outras palavras, para analisar o saber em termos de estratégia e táticas de poder. Nesse sentido, trata-se de situar o saber no âmbito das lutas. [...]

Partimos, inicialmente, da análise arqueológica proposta por Foucault (2014), segundo o qual há necessidade de criticar “a descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Ainda consoante esse filósofo (1997, p. 151), a *arqueologia* não se relaciona à busca de um início, mas ao “[...] tema geral de uma descrição que interroga o já-dito no nível de sua existência [...]”. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento arquivo”. Como menciona Dosse (2007, p. 301): “O arqueólogo permite a localização de dominância de um certo modo discursivo transversal sobre todos os modos de saber numa época dada”.

Utilizamos, então, esse olhar arqueológico, a fim de versar sobre os conceitos utilizados nas análises, de entender como as práticas dos saberes produzem as representações sobre os sujeitos, como eles (os saberes) produzem verdades. Como observado, esse filósofo define a arqueologia como um modo de pesquisa que objetiva entender a ordem interna constitutiva de um determinado saber. Dito de outro modo, essa perspectiva de análise é utilizada para indagar como o homem constrói sua própria existência. Neste sentido, os sujeitos, os objetos são construídos discursivamente partindo-se do que se fala sobre eles. Nessa direção, Foucault (2014) propõe discutir o conceito de “história” e sua relação com a arqueologia. Esse modo de investigação, por sua vez, apresenta alguns conceitos centrais, cruciais às suas (consequentemente, às nossas) análises e, portanto, utilizados por ele: discurso, sujeito, sentido, formação discursiva, e interdiscurso.

Afora os aspectos conceituais mencionados, buscamos compreender o discurso enquanto “práticas discursivas” que produzem as discursividades (FOUCAULT, 2014), observando as posições-sujeito ocupadas pelo sujeito MD no discurso, quais as regularidades discursivas encontradas no pronunciamento em estudo. A partir desse olhar investigativo, buscamos entender como os discursos desse sujeito se constroem na “história do presente” (GREGOLIN, 2016), constituindo-se enquanto *acontecimento*, entre a memória e o esquecimento.

Distanciando-se da História tradicional, a qual considera a possibilidade de uma história global, preocupada com a regulação e as continuidades, Foucault (2014) propõe uma História geral, observada em sua *dispersão e descontinuidade*. De conformidade com Foucault, Dosse (2001, p, 213) afirma que são as descontinuidades que o permitem “[...] traçar os limites do objeto de estudo e descrevê-lo a partir de seus limiares, seus pontos de ruptura [...]. Ela [a ruptura] permite construir uma história que se define como espaço de uma dispersão”. Nesse sentido, Foucault (2014) propõe uma nova relação com o passado e com a memória, na medida em que lança o olhar sobre as descontinuidades, os acidentes, os acasos. Esse modo de olhar a História permite que, ao retornar ao passado, entenda-se o presente. Dessa maneira, os discursos circulam na sociedade (re)organizando, (re)ordenando, a partir de regras externas e internas, os sentidos por onde são propagados.

Foucault (2014), ao propor uma abordagem à luz da História, põe o discurso no espaço do acontecimento, do enunciado, da formação discursiva. Consoante o referido autor:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar [...] na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2014, p. 143)

Nessa discussão, dando continuidade a essa conceituação, Foucault esclarece assim discurso:

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência [...] a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política. (FOUCAULT, 2014, p. 147-148)

Por esse viés de conceituação, para Foucault (2012, p. 248), o discurso é *acontecimento*, tal como o acontecimento político, a partir do qual circulam as relações de poder. Constitui-se em um conjunto heterogêneo de relações que possibilitam várias interpretações. De acordo com essa perspectiva de definição, Foucault (2014) busca compreender os *acontecimentos discursivos* a partir dos múltiplos processos que os constituem. Tais processos, por sua vez, possibilitam o estabelecimento e a cristalização de alguns discursos em nossa cultura. Dessa forma, o *acontecimento* é concebido como “[...] a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido” (GREGOLIN, 2016, p. 4). Outrossim, Foucault (2013a) acrescenta que o discurso é uma forma de controle. Não se pode falar tudo o que se quer, visto que há uma relação entre aquele que fala e as circunstâncias em que o discurso é proferido. Ele acrescenta ainda que as interdições que atingem o discurso revelam sua ligação com o desejo e o poder.

O *enunciado*, por seu turno, é entendido como um acontecimento, não é imutável, no limite do signo; há, portanto, uma relação direta entre enunciado e signo. Nesse contexto, é considerado uma função de existência que se exerce verticalmente, atravessando a série de signos que compõem frases, proposições. Consequentemente, o *enunciado* é colocado em oposição a outras unidades, tais como a frase, a proposição, os atos de fala. Ele dá possibilidades para existência dessas unidades. Isso porque, para Foucault (2014), as unidades elencadas (frase, proposição, atos de fala) só se configuram um enunciado através da *função enunciativa*. E conclui, assim, o conceito de enunciado: “[...] (o enunciado) não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (2014, p. 105).

Por conseguinte, o enunciado deve ser produzido por um sujeito, circunscrito a regras sócio-históricas que permitam que ele (sujeito) enuncie. Essa relação do enunciado com a História nos faz admitir uma ligação não puramente gramatical, lógica ou semântica, mas uma ligação com os sujeitos. O enunciado é, pois, dialeticamente constituído pela repetição, na medida em que ele se articula com outros enunciados; e pela singularidade, já que ele é “sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar-se inteiramente” (FOUCAULT, 2014, p. 34). Desse modo, uma análise baseada no enunciado deve levar em conta a dispersão, a regularidade dos sentidos que são produzidos pela sua realização.

E, como esse filósofo percebe o enunciado numa perspectiva de uma *função enunciativa*, discute-a sob quatro aspectos: o primeiro diz respeito ao nível enunciativo da formulação, em oposição a um nível gramatical e seu nível lógico. Isso significa que o enunciado, mesmo quando reduzido a um sintagma nominal ou a um nome próprio, não estabelece com estes a mesma relação que o nome mantém com o que significa, pois o nome pode ocupar diferentes lugares, e o seu sentido é definido de acordo com a sua utilização. Há, nesse sentido, uma relação singular entre o enunciado e o que ele enuncia, pois está ligado a um *referencial* (o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos...). A descrição do nível enunciativo deve, portanto, estar pautada na análise das relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças.

O segundo aspecto remete a uma relação determinada entre um enunciado e aquele que o enuncia (o sujeito). O sujeito, então, é identificado como uma *função vazia*, por ser exercida por indivíduos diferentes quando formulam o enunciado. Segundo Foucault (2014, p. 113): “[...] um único e mesmo indivíduo pode ocupar alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. Em decorrência desse posicionamento teórico, esse autor critica as análises baseadas nas marcas da enunciação, haja vista o fato de, para ele, o sujeito do enunciado não estar dentro do sintagma linguístico. Essa tese se pauta em dois importantes argumentos: 1º mesmo o enunciado que não comporta a 1ª pessoa tem um sujeito; 2º todos os enunciados com uma forma gramatical fixa (quer seja em 1ª ou 2ª pessoas) não têm um único e mesmo tipo de relação com o sujeito do enunciado. A posição sujeito do enunciado, por sua vez, é fixada no interior de um domínio constituído por um conjunto finito de enunciados.

Decorre daí a diferença entre o *sujeito enunciante* (enunciador) e o *autor* da formulação. Enquanto aquele é um lugar determinado e vazio, este é responsável pelo seu traço provisório; é um *feito-autor*. Para Foucault (2013a, p. 26): “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”. Ainda para Foucault (2014), para a descrição dos enunciados importa muito mais descrever as posições que os indivíduos, enquanto sujeitos, ocupam na formulação do que propriamente analisar *o que o autor disse* ou *quis dizer*.

A terceira característica dessa função se ancora na relação entre a existência de tal função e a de um domínio associado. Em outros termos, para que se trate de um enunciado, é preciso relacioná-lo a todo um campo adjacente: “[...] um enunciado tem

sempre margens povoadas de outros enunciados” (2014, p. 118). Não há enunciado que não suponha outros.

A quarta e última característica da função enunciativa concerne à sua existência material. Para esse filósofo, a materialidade é constitutiva do próprio enunciado, pois ele precisa de uma substância, um suporte, um local e uma data. Essa materialidade, por sua vez, pode ser repetível, sempre em condições estritas, dada a paráfrase que pode ser considerada o mesmo enunciado que o original.

Finalmente, Foucault (2014) relaciona a função enunciativa à formação discursiva. Segundo ele, as formações discursivas utilizam o nível enunciativo com as regularidades que o caracterizam, e não o nível gramatical das frases, ou o lógico das proposições, ou o psicológico da formulação. Com efeito, formação discursiva e função enunciativa se imbricam, uma vez que a demarcação de uma FD revela o nível específico do enunciado; da mesma forma, a descrição dos enunciados conduz à individualização das formações discursivas. Como bem define Foucault (2014, p. 142-143):

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade da frase é definida pelas leis de uma língua, e a da proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva.

À luz de tais reflexões, chega à definição plena de discurso (2014, p. 143):

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] é, de parte a parte, histórico-fragmento da história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade [...].

E, como mencionado, concebendo o enunciado como um *sistema de dispersão*, Foucault (2014) apresenta o conceito de *formação discursiva*. Segundo o autor (2014, p. 47):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições,

funcionamentos transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Como afirmado, Foucault (2014) parte da *descontinuidade* do discurso e da *singularidade* do enunciado para demarcar as *formações discursivas*. Conforme Gregolin (2006, p. 90), “[...] o que ele descreve como *formação discursiva* constitui grupos de enunciados, isto é, um conjunto de performances verbais que estão ligadas no nível dos enunciados”.

Foucault (2014) acrescenta que é na dispersão dos enunciados que encontraremos a *positividade*¹⁶, a regularidade de *acontecimentos discursivos*, enunciados que “falam a mesma coisa”, que são colocados no “mesmo campo de batalha”, no dizer de Gregolin (2016). De acordo com Gregolin (2006), os textos que pertencem a uma mesma formação discursiva estabelecem uma relação de identidade a partir da *positividade* de seus discursos.

Em relação ao *sujeito*, reiteramos que Foucault (2014) o considera historicamente constituído a partir de determinações que lhe são exteriores, isso implica dizer que o sujeito nem sempre é o mesmo de um enunciado a outro. Logo, não são os sujeitos empíricos, mas suas imagens que constituem as diferentes posições. O sujeito é, pois, localizado em uma *série enunciativa*, e estabilizado no interior de um domínio constituído por um conjunto finito de enunciados ditos antes e que são retomados. São relações que, conforme Gregolin (2006), repousam nas *formações imaginárias* e são essas posições discursivas que significam o contexto histórico e a *memória discursiva*.

Assim, utilizando uma perspectiva arqueológica, Foucault (2014) propõe uma análise que objetive a *movência* dos enunciados, praticados por sujeitos ocupantes de uma determinada posição historicamente. Ele se preocupa com essas práticas discursivas em determinados campos do saber que produziam as discursividades, que produziam certas representações sobre o sujeito. Essas práticas discursivas são, por seu turno, objeto de

¹⁶ “Foucault utiliza o termo ‘positividade’ para referir-se à análise discursiva dos saberes desde um ponto de vista arqueológico. Determinar a positividade de um saber não consiste a referir os discursos à totalidade da significação nem à interioridade de um sujeito, mas à dispersão e à exterioridade. Tampouco consiste em determinar uma origem ou uma finalidade, mas as formas específicas de acumulação discursiva. A positividade de um saber é o regime discursivo ao qual pertencem as condições de exercício da função enunciativa (AS, 163 – 167). “Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori* histórico” (AS, 167)”. (CASTRO, 2016, p. 336).

luta, e por sua vez, determinam aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma *ordem do discurso*. E, como vemos no próximo item, é do funcionamento dessas práticas discursivas que deriva o conceito de *saber*.

Portanto, é a partir dos conceitos empregados na análise arqueológica que Foucault (2014) compreende a relação que os discursos estabelecem com os sujeitos, a História e as práticas discursivas. No próximo item, buscamos entender, à luz de Foucault, o modo pelo qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder.

2.2 Marcelo Déda, entre a religião e a política: o saber/poder

Inicialmente, retomamos o conceito de discurso, consoante Foucault (2014), segundo o qual é *acontecimento*, na instância das *práticas discursivas*, no interior das realidades sociais (DOSSE, 2007). Ao contrário do que tais *práticas* podem sugerir, na concepção foucaultiana, não dizem respeito à *atividade de um sujeito*, mas às regras, às quais os sujeitos são submetidos (DOSSE, 2007). No que concerne ao conceito de *práticas discursivas* em Foucault, trazemos à baila também a explicação de Castro (2016, p. 337) sobre esse conceito:

[...] Não se pode confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem como atividade racional que pode funcionar em um sistema de interferência; nem como a ‘competência’ de um sujeito falante quando constrói as frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Em decorrência de tal conceituação, admitindo o discurso enquanto prática discursiva, Foucault (2014) historiciza as relações entre essas práticas procurando entender como um saber pode se constituir. E foi a partir da análise das relações entre a produção dos saberes e o controle dos poderes que Foucault procurou produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura. A subjetivação é entendida por ele (2014) como práticas e técnicas, por meio das quais o sujeito examina a si mesmo em um jogo de “verdade”. Logo, o conceito de saber decorre do funcionamento das práticas discursivas. Ainda segundo esse filósofo (2014, p. 220),

“[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”. Desse modo, ao expor os conceitos implicados na análise arqueológica, Foucault (2014) entende que o sujeito não pode ser considerado a origem do dizer, como mencionado anteriormente. Além disso, os discursos, por serem produto das práticas discursivas, são regulados e regulamentados por uma *ordem do discurso*.

Conforme Gregolin (2003), a partir dos anos de 1960, há um deslocamento do caráter das investigações nas ciências humanas, no que diz respeito à configuração dos saberes. E, para tratar desses novos saberes, Foucault (2008) propõe utilizar o termo *genealogia*, constituindo-se no segundo momento da obra desse pensador. O referido autor (2008, p. 171) assim argumenta sobre a genealogia:

O acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. [...] Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.

É nesse caminho que Foucault (1977; 1978; 2008; 2013c; 2014) observa a genealogia dos poderes, através das tecnologias do poder e da produção dos saberes na sociedade ocidental. À luz desse viés, Foucault (1977; 1978; 2008; 2013c; 2014) acredita que foram desenvolvidas historicamente *sociedades disciplinares*, nas quais o poder é exercido sobre os corpos, obedece a técnicas, a mecanismos que organizam o poder e a submissão. De acordo com ele (2013b), o poder está intrinsecamente ligado ao corpo, na medida em que é sobre ele que as limitações, obrigações e proibições são impostas, através dos suplícios e torturas, ou da disciplina do comportamento. A partir daí, o referido autor introduz a noção de docilidade: “É dócil o corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder” (GREGOLIN, 2003, p. 99). Além disso, Foucault (2013a, 2013b) entende que o poder está presente em todos os lugares, em todas as classes sociais, através das práticas quotidianas; é estruturado através da disciplina, atingindo, conseqüentemente, todos os sujeitos. Dessa forma, ele se espalha e se articula exercendo um papel produtivo e, ao mesmo tempo, corrosivo. Foucault (2013b) acrescenta que esse poder que se exerce sobre o corpo é contínuo, tornando-se naturalizado e internalizado pelo sujeito. Contudo, é válido ressaltar que, para Foucault, o poder é “positivo”, ou seja, ele produz sujeitos, discursos, modos de viver, através da

transformação tática dos indivíduos (FOUCAULT, 2013b). Consoante Foucault (2013b, p. 180):

As disciplinas substituem o velho princípio ‘retirada-violência’ que reagia a economia do poder pelo princípio ‘suavidade-produção-lucro’. Devem ser tomadas como técnicas que permitem ajustar, segundo esse princípio, a multiplicidade dos homens e a multiplicação dos aparelhos de produção (e como tal deve-se entender não só ‘produção’ propriamente dita, mas a produção de saber e de aptidões na escola, a produção de saúde nos hospitais, a produção de força destrutiva com o exército).

Revisitando as teorias foucaultianas, Gregolin (2003) afirma também que uma maquinaria de poder, a partir do controle do corpo, foi construída pela sociedade moderna, “[...] o corpo para fazer não o que se quer, mas para operar como se quer” (GREGOLIN, 2003, p. 99). Acontece, dessa forma, a fabricação dos corpos submissos a partir da disciplina. Assim, a disciplina se insere na vida dos indivíduos, eliminando a necessidade de se recorrer ao poder através da força. Disciplina é assim definida por Foucault (2013b, p. 133): “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade”. Esse dispositivo de controle do corpo, “anatomia política”, no dizer de Gregolin (2003), está evoluindo cada vez mais em técnicas sutis e sofisticadas, espalhando-se numa microfísica do poder. Essa microfísica se materializa por meio de vários mecanismos, entre os quais: a vigilância; o exame e controle do corpo, a disposição dos corpos (FOUCAULT, 2013b). Desse modo, a subordinação à vigilância regular é reproduzida pela coerção interna do indivíduo que se coloca no espaço de vigilância. Essa, pois, penetra em quem é vigiado de tal modo que o corpo não distingue entre si mesmo e o olho do poder.

Dessa “disciplinarização” do corpo origina-se a produção do saber. Nesse sentido, “[...] é o registro contínuo do conhecimento que gera poder” (GREGOLIN, 2003, p. 100). Nesse momento, Foucault (2013c) está preocupado com os campos do saber que vão produzir objetivações sobre o sujeito. Esse filósofo adverte que são esses saberes que vão objetivar e classificar os sujeitos, através dos *dispositivos do poder*.

A partir do momento em que Foucault se volta para a questão do poder, então, ele busca examinar os mecanismos de dominação. Esses dispositivos são heterogêneos, visto que “engloba(m) discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais,

filantrópicas” (FOUCAULT, 2008, p. 244). Em outros termos, o dispositivo engloba o dito e o não dito, o dizer e o fazer. E o mais importante, o dispositivo é a rede que interliga todos esses elementos. E essas redes estão relacionadas ao poder que, por sua vez, produz saber, corresponde a uma urgência histórica. O dispositivo é concebido, pois, como uma tática, uma estratégia que corresponde a uma certa necessidade histórica, de um certo momento histórico.

Deleuze (1996), procedendo a uma revisão do conceito de dispositivo na obra de Foucault, defende que o que caracteriza um dispositivo, apesar de toda heterogeneidade, são três dimensões: a primeira é o fato de que todo dispositivo tem suas *curvas de visibilidade*. Aquele autor afirma que o dispositivo precisa ter visibilidade. A segunda dimensão é a enunciabilidade, ou seja, todo dispositivo tem aquilo que ele diz excessivamente, e aquilo que ele apaga obsessivamente. Esse jogo entre o dizer e o não dizer dos enunciados é o que produz aquilo que esse filósofo chama de *curvas de enunciabilidade*. A partir dessas duas dimensões, Deleuze (1996) afirma que os dispositivos têm seus regimes de luz e seus regimes de dizibilidade; têm uma certa maneira de tornar algo muito visível e, ao mesmo tempo, ocultar outras coisas. E, como todo dispositivo, aquilo que se diz e aquilo que se mostra é controlado pelos poderes. A terceira dimensão dos dispositivos, consoante este filósofo, são as *linhas de força* (algo que controla a visibilidade e a dizibilidade), os poderes que vão controlar aquilo que se pode ou não dizer. Segundo Gregolin (2016), tais linhas estão sempre atuando e produzindo as subjetividades. Como consequência dessas três dimensões, é produzida uma quarta dimensão: as *linhas de subjetivação*. A subjetividade surge como um efeito de todos esses jogos, de tudo isso que se diz, de tudo isso que se mostra e se oculta, por isso Michel Foucault (2013c) defende que as linhas de subjetividade são linhas de fuga. Ainda consoante Gregolin (2016), esses dispositivos vão produzindo a subjetividade como algo móvel, algo que está em curso, algo em que nós estamos nos tornando.

Foucault (2012), entretanto, aborda a questão da disciplinarização para demonstrar que nenhum poder é absoluto ou permanente, que os indivíduos não aceitam passivamente as determinações do poder. O poder, para Foucault (2012 [1978]), é transitório e circular, o que permite a aparição de fissuras e, conseqüentemente, formas de resistência. Segundo ele (2013c), se só existisse a escravização, a submissão e a passividade, seria o *fim da História*. Por isso, ao levar em conta as relações entre o sujeito e o poder, Foucault (2013c) está preocupado em analisar essas formas de resistência, as

lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo; essas lutas constituem uma resistência aos efeitos de poder que se ligam aos saberes. Foucault (2013c) acredita ainda que essas lutas giram em torno da busca da identidade, de uma forma de poder que se exerce sobre a vida quotidiana imediata. Esse poder faz com que os sujeitos se digladiem em microlutas quotidianas classificando os indivíduos em categorias, liga-os a uma pretensa identidade, impondo-lhes uma lei de verdade que o indivíduo e os outros devem reconhecer.

Conforme Foucault (2013c), existem três formas de lutas: aquelas que se opõem às formas de dominação; as que evidenciam as formas de exploração que separam o indivíduo daquilo que produz; as que combatem tudo o que liga o indivíduo a si mesmo e asseguram a submissão aos outros. Essas lutas, ainda de acordo com esse autor, opõem uma resistência aos efeitos de poder ligados aos saberes. Essa é uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos, mas que só existem porque esses sujeitos se colocam contra ela (a forma de poder). Ademais, o referido autor chama atenção para o fato de que, a partir de todas essas lutas, é possível entendermos “quem somos nós”, como os discursos nos produziram.

Entendemos que, ao questionar “quem somos nós”, Foucault (2013c) objetiva entender o que Gregolin (2016) denomina de “ontologia crítica do presente”. Ao fazer isso, tenta compreender, então, as identidades, as subjetividades no tempo presente. E, para construir essa história do tempo presente, o arqueólogo busca, na descontinuidade da história, aquilo que os discursos possibilitaram a construção das subjetividades na atualidade. E, a partir da descrição de ‘quem somos nós’, esse filósofo tenta pensar como ‘nós’ poderíamos nos transformar. Dessa forma, entender como os discursos produzem os sujeitos é uma forma de pensar diferentemente.

À luz desse escopo teórico, no que diz ao nosso objeto de estudo, levamos em consideração a SE₁₁ que ocorreu por ocasião da posse de governador do Estado, em 01 de janeiro de 2007:

SE₁₁: [...] sergipanos e sergipanas,
 peço as suas orações ao Deus de Israel,
 o Deus dos nossos pais e dos pais de nossos pais,
 que me dê a sabedoria e humildade
 para que eu possa honrar o mandato que eu recebo (+)
 que Deus proteja Sergipe e
 abençoe a todos os sergipanos (+)
 VENCEMOS E VENCEREMOS, VIVA SERGIPE

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Relacionando essa SE à biografia do indivíduo MD, já elencada anteriormente, verificamos que, na sua infância, foi coroinha, durante certo período, na igreja matriz de Simão Dias, sua cidade natal. Acreditamos que a relação entre a criança e a religião passa por um processo de docilização do corpo, do comportamento. Entretanto, observamos que, em oposição aos traços dessa docilidade, há aqueles que revelam uma resistência no campo da política, principalmente, no que diz respeito à característica oligárquica do Estado de Sergipe. Nesse sentido, entendemos que essa luta contra o poder político oligárquico produz um saber necessário, aquele relacionado à apropriação das verdades políticas. Nesse sentido, percebemos a existência da tensão entre política e religião no processo de subjetivação de MD.

E, tal como estudado no capítulo 1, o saber político se constrói na interface da ‘verdade’ religiosa. Essa situação atravessa a SE₁₁ acima: o político se constitui à luz divina que, por sua vez, diante de ‘orações’, lhe garantirá ‘sabedoria’ e ‘humildade’ no exercício do poder político. Como o dito popular, “Deus está no comando”. Nesses termos, o saber religioso, somado ao saber político, é responsável pela constituição do sujeito MD, posicionado na interface entre docilidade e resistência. Acrescentamos que o *interlocutor* (no caso, o povo sergipano) também integraliza os enunciados; de igual modo, MD, nos termos de Foucault (2009 [1969])¹⁷, *reatualiza* as vozes dos seus (e os do povo) ancestrais e, a partir de tais vozes, recupera a religiosidade que as atravessa. São vozes advindas de um passado remoto, invocadas no/pelo seu enunciado. Em decorrência disso, a imagem de religiosidade, a de invocação da ancestralidade, a de humildade configuram-no como ‘homem do povo’, respeitador do passado e do presente, constituindo mais um *modo de subjetivação* de MD.

¹⁷ De acordo com Foucault (2009 [1969], p. 284), a “reatualização” consiste na “[...] reinserção de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele”.

Como observado na SE em análise, o sujeito MD é *atravessado* pelo discurso religioso, *reatualizando* um ideal cristão, de humildade e de sabedoria. Esse ideal é assinalado nas seguintes passagens bíblicas: “[...] o humilde de coração encontrará descanso para as vossas almas (Mateus 11:29); “[...] o sábio de coração aceita os mandamentos” (Provérbios 10:8). E, na medida em que esses discursos entram em um novo contexto, produzem novos sentidos, provocam novos gestos de *docilidade*. Em resumo: docilidade *versus* resistência constituem os modos de subjetivação de MD.

No próximo item, propomos analisar as relações entre verdade e moral, mediadas pelas práticas de si. Ao abordar esse tema, pretendemos entender o discurso político pelo viés histórico, examinando-o em um certo momento, e em um certo lugar, como saberes verdadeiros.

2.3 A verdade de si

Conforme Foucault (2013a), somos submetidos à produção da verdade por meio do poder. Para ele, a verdade é historicamente construída por meio de coerções que, por sua vez, produzem efeitos reguladores de poder, ao passo que cada sociedade possui seu próprio “regime de verdade”: os tipos de discurso que essas verdades acolhem e fazem funcionar como verdadeiros. Nesses termos, a preocupação de Foucault (2008) é questionar quais seriam os processos históricos envolvidos na fabricação de discursos verdadeiros. Numa perspectiva foucaultiana, o discurso é fundante. Ou seja, as coisas não preexistem às palavras; são os discursos que produzem as “verdades” de certo momento histórico. Desse modo, observar a produção e circulação de certos enunciados, o modo como esses enunciados se relacionam pode comprovar o regime de poder adotado por um determinado corpo social, em um determinado momento histórico.

Esse regime de verdade, segundo Foucault (2008), portado por cada sociedade, possui várias especificidades. Uma delas é que ele está fundamentado no discurso científico e nas instituições que o fabricam. Além disso, essas verdades são produzidas e circuladas à sombra do controle dominante de grandes aparelhos políticos e econômicos, como universidades, mídia, escolas, exército. Outrossim, essas verdades são o lugar de

enfrentamentos sociais, de debates políticos violentos, com base em "lutas ideológicas". A partir dessa constatação, o referido autor percorre os "jogos de verdade", ou seja, as regras, consoante as quais, um sujeito considera um determinado objeto verdadeiro ou falso.

Foucault (2013a) explicita que a nossa civilização tem pelo discurso uma espécie de temor, apesar de venerá-lo e, como resultado, foram criados sistemas de controle com a finalidade de "governar" a proliferação dos discursos e "apagar as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da linguagem" (FOUCAULT, 2013a, p. 47). Nessa percurso, o referido autor relaciona a vontade de verdade à segregação, à interdição, como forma de exclusão discursiva, isto é, como um dos procedimentos externos que têm por função conjurar os poderes e os perigos do discurso, opondo o verdadeiro ao falso.

A verdade é, portanto, uma configuração histórica. Não há uma verdade, mas vontades de verdade transformadas de acordo com as necessidades históricas (FOUCAULT, 2013a). Ela apoia-se sobre um suporte institucional e tende a exercer sobre os outros discursos um poder de coerção. Como bem defende Foucault (2008, p.12): "A verdade não existe fora do poder ou sem o poder".

No que concerne à expressão *cuidado de si*, em Foucault (1985), é uma retomada do *epimeleia heautou*, que se encontra no Primeiro Alcebíades, de Platão. Está ligado à valorização das relações de si para consigo, ou seja, ao fato de ocupar-se de si mesmo, de se preocupar consigo mesmo. São técnicas que o sujeito elabora, ajudando-o a transformar-se a si mesmo, evidenciando, nesse sentido, uma "cultura de si". Entretanto, ocupar-se de si mesmo sempre tem um sentido positivo, nunca um sentido negativo. Conforme Foucault (1985), é a partir dessa exigência de *cuidar de si* que são construídas as morais mais austeras, mais rigorosas e mais restritivas que o ocidente conheceu.

As técnicas de si propõem não só o conhecer-se, mas também o governar-se: autoconhecer-se, confessar-se ao outro, examinar-se, sacrificar-se. Dito de outro modo, é a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e tornam possível a relação com o outro. Todas essas técnicas criam um jogo entre objetivação e subjetivação. A subjetivação diz respeito, para Foucault (1985), a um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. E subjetividade

constitui as práticas, as técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade.

Ainda consoante Foucault (1985), a análise do *cuidado de si* permite compreender como o nascimento de um certo número de técnicas de autocontrole e de espírito, a partir do conceito clássico *de cuidado de si* foi, posteriormente, atribuído ao Cristianismo. Outrossim, permite também compreender como os indivíduos foram levados a exercer uma técnica do desejo sobre si mesmos e sobre os outros, e de analisar os diferentes jogos de verdade utilizados no movimento de constituição de si como sujeito do desejo. Propaga-se uma cultura de si diante de uma moral burguesa coercitiva, que possibilita aos discursos sobre o sexo que se tornem restritos, a partir da dissociação entre os que podem e os que não podem falar sobre esse assunto. Portanto, para o referido filósofo, *cuidar de si* é uma arte de governar os outros e, por isso, é essencial saber governar-se para poder bem governar a cidade.

No próximo item, discutimos, a partir do conceito de “Governamentalidade”, proposto por Foucault (2012 [1977b]), o exercício de poder como uma tática sobre a população.

2.4 Como bem governar-se para governar o outro?

Através de alguns dispositivos de segurança, Foucault (2012 [1977b]), com a finalidade de examinar a questão do governo, procurou observar como aparecem os problemas específicos da população. Partindo dessa questão, o referido filósofo constata que, a partir do século XVI até o final do século XVIII, desenvolvem-se não mais tratados políticos apresentados como “conselhos ao príncipe”, tampouco como “ciência política”. O que o referido autor observa é que esses termos foram substituídos por outro: “a arte de governar”: “Como governar-se, como ser governado, como governar os outros, por que aceitar ser governado, como fazer para ser o melhor governante possível” (2012 [1977b], p. 276). Nessas artes de governar, deve-se buscar marcar uma continuidade ascendente e descendente. Continuidade ascendente é pensada no sentido de que aquele para poder governar o Estado deve primeiro saber governar a si mesmo, sua família, seus

bens, para só depois governar o Estado. Avessamente, adquire-se a continuidade descendente, no sentido de que, quando um Estado é bem governado, os pais de família sabem governar bem sua família, seus bens, os indivíduos comportam-se como devem, ou seja, governam-se bem. E, segundo Foucault (2012 [1977b]), a arte do governo deve responder a questão: “[...] como se deve administrar os indivíduos, os bens, as riquezas, assim como se faz em uma família, tal como pode fazer um bom pai de família que sabe dirigir sua mulher, seus filhos, seus empregados, que sabe fazer prosperar a fortuna de sua família” (2012 [1977b], p. 282). Nesse sentido, há uma preocupação em saber como tratar de maneira cautelosa a relação do pai de família para com sua família/população nos limites da administração de um Estado.

Para tratar dessa conjuntura, Foucault (2012 [1977b]) explicita que foi introduzida, no interior do exercício político, a questão da economia. Governar um Estado é, portanto, valer-se da economia, controlar, assim como um pai de família, os bens e riquezas do Estado, em favor da família/população. A arte de governar é entendida como a arte de exercer o poder, na forma e segundo o modelo de economia, entendida como a gestão da família. Dando seguimento a esse estudo, Foucault (2012 [1977b]) afirma que o governo possui uma série de finalidades específicas e, para alcançar essas diferentes finalidades, utilizará mais táticas do que leis, fazendo de tal modo que, por meio de um certo método, tal ou tais finalidades consigam ser alcançadas.

Igualmente, a arte de governar requer “paciência, sabedoria e diligência” (FOUCAULT, 2012 [1977b], p. 287). O referido autor adverte que o verdadeiro governante não precisa, para exercer seu governo, do uso de coação, pois não é o direito de usar a força que deve ser considerado essencial para um bom governante. Já a sabedoria está ligada ao conhecimento das coisas, à descrição dos objetivos a serem alcançados. Ainda segundo Foucault (2012 [1977b]), é esse conhecimento que constitui a sabedoria do governante. E, quanto à diligência, essa diz respeito ao modo como o governante governa a família/população. Nesse sentido, assim se configura um governante apto a governar: “[...] [aquele que] se considera e age como se estivesse a serviço daqueles que são governados” (FOUCAULT, 2012 [1977b], p. 288).

Também consoante Foucault (2012 [1977b]), a arte de governar começa a cristalizar-se no final do século XVI para o início do século XVII, organizando-se em torno de uma razão do Estado, pensado num sentido positivo e pleno. Nesse momento, o

Estado se governa segundo as leis racionais que lhe são próprias e, assim, a arte de governar vai de encontro aos princípios de sua racionalidade, no que fundamenta a realidade específica do Estado. Nesse sentido, ela torna-se “ciência política”.

Nessa perspectiva, a família, como modelo de governo, desaparece. À luz de Foucault (2012 [1977b]), a família aparece como “instrumento”, no interior da população; como um conjunto de indivíduos pertencentes à camada inferior da sociedade, fundamental do seu governo. Ao passo que ela passa a ser um instrumento fundamental, é utilizada “[...] quando se quiser obter alguma coisa da população quanto ao comportamento sexual, quanto à demografia, ao número de filhos, quanto ao consumo” (FOUCAULT, 2012 [1977b], p. 293). De acordo com esse autor (2012 [1977b]), este deslocamento da família, do nível do modelo ao nível do instrumento, é fundamental porque é o que faz com que o modelo de família seja eliminado. De igual modo, a população surge como a finalidade das técnicas de governo; ela consiste no objeto a que o governo leva em consideração, em suas observações. Em relação a isso, o referido autor compreende que o estatuto de um saber de governo é inseparável do estatuto de um saber de todos os processos que lançam mão do governo da população.

Por fim, Foucault (2012 [1977b]) concebe três conceitos para o termo “governamentalidade”, dos quais lançamos mão de dois. Primeiro, por “governamentalidade”, ele (2012 [1978]b, p. 296) assim entende.

[...] o conjunto instituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa de poder, que tem como alvo principal a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança.

E o segundo, Governamentalidade é “[...] a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente não cessou de conduzir, e há muitíssimo tempo, em direção à preeminência desse tipo de saber que se pode chamar de “governo” sobre todos os outros: soberania, disciplina” (FOUCAULT 2012 [1977b], p. 296). Em ambos, o Estado, em consonância com esse autor, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da “governamentalidade”.

No que se refere ao nosso objeto de estudo, trazemos à baila a SE₁₂ e a SE₁₃, ambas presentes no pronunciamento sobre a solenidade de sanção da lei do Proinveste:

SE₁₂: HOJE é um dia de celebração da política com P maiúsculo (+)
a política:: que não SERve' a nós'
mas que nos transforma em servidores do povo,

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

SE₁₃: [...] a responsabilidade de um político
que é representar sua gente'
representar o seu povo'
traduzir os seus atos'
o seu amor pelo Estado de Sergipe'
QUEM NÃO É CAPAZ DISSO'
NÃO PODE GOVERNAR ESSE ESTADO'
QUEM NÃO SENTIR AMOR SINCERO POR ESSA TERRA
NÃO É' capaz de dirigir esse estado'
nem merecedor de dirigir esse estado,

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Em ambas as *sequências enunciativas*, percebemos que o sujeito MD coloca-se a serviço da população, como representante do povo, configurando-se, desse modo, como um governante apto a governá-lo. E, como tal, representa-o em múltiplos sentidos: enquanto povo, enquanto atos, enquanto amor ao Estado. E, mais uma vez, ao colocar o seu interlocutor (povo) como uma voz emanada de seu discurso, responsável por ele (o locutor MD) assumir esse lugar, não precisa lançar mão de sistema coercitivo, uma vez que o povo se sente partícipe de seus atos. Nessa direção, o sujeito MD está atravessado pelo que Foucault (2012 [1977b]) defende como sendo governamentalidade, principalmente, na medida em que se revela como *cuidador da população* e, conseqüentemente, da terra. Esse consiste, então, em mais um gesto de *subjetivação* de MD.

No próximo capítulo, recuperamos os aspectos metodológicos adotados na pesquisa, já explicados na introdução, a fim de efetuarmos as análises do *corpus*, com vistas aos *recortes discursivos* inicialmente realizados.

CAPITULO III – OS DISCURSOS DE MARCELO DÉDA: ENTRE O POLÍTICO E O RELIGIOSO, A CONSTRUÇÃO DO VERDADEIRO

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2013a, p. 8)

Este capítulo consiste em uma reflexão acerca da metodologia utilizada para a análise discursiva do nosso objeto de estudo; ambas (metodologia e análise) estão ancoradas em Foucault (1977; 1978; 2008; 2013a; 2013b; 2013c; 2014), a partir de cujas teorias investigamos a interface entre o discurso religioso e o político; o discurso do poder/saber, do poder/verdade; o cuidado de si. De igual modo, utilizamos a Análise do Discurso de orientação francesa, tomando como base os ensinamentos de Orlandi (2013), consoante a qual estudamos as maneiras de significar, as posições distintas ocupadas pelo nosso sujeito da pesquisa, a formação imaginária, a memória discursiva, o intradiscurso, o interdiscurso. Na análise discursiva, então, buscamos estabelecer uma ligação entre a teoria estudada ao longo dos Capítulos I e II e o nosso *corpus*. E, a partir da seleção de três pronunciamentos, efetuamos quatro *recortes* discursivos, propostos na introdução: o discurso verdadeiro, o discurso do/sobre o saber/poder; o discurso político-partidário; o discurso religioso. Finalmente, tentamos responder às perguntas norteadoras da nossa pesquisa.

3.1 Considerações Metodológicas

Quanto à metodologia, como mencionado na introdução, nosso trabalho se insere no âmbito da pesquisa qualitativa, por conta do nosso olhar no que diz respeito ao dispositivo de análise (pronunciamentos do ex-governador), do nosso dispositivo teórico (Análise do Discurso de linha francesa, a Análise “Arquegenealógica” do Discurso). Consideramos as relações de saber/poder, subjetividade/poder, poder/verdade, no cruzamento dos discursos da política, da religião, da história.

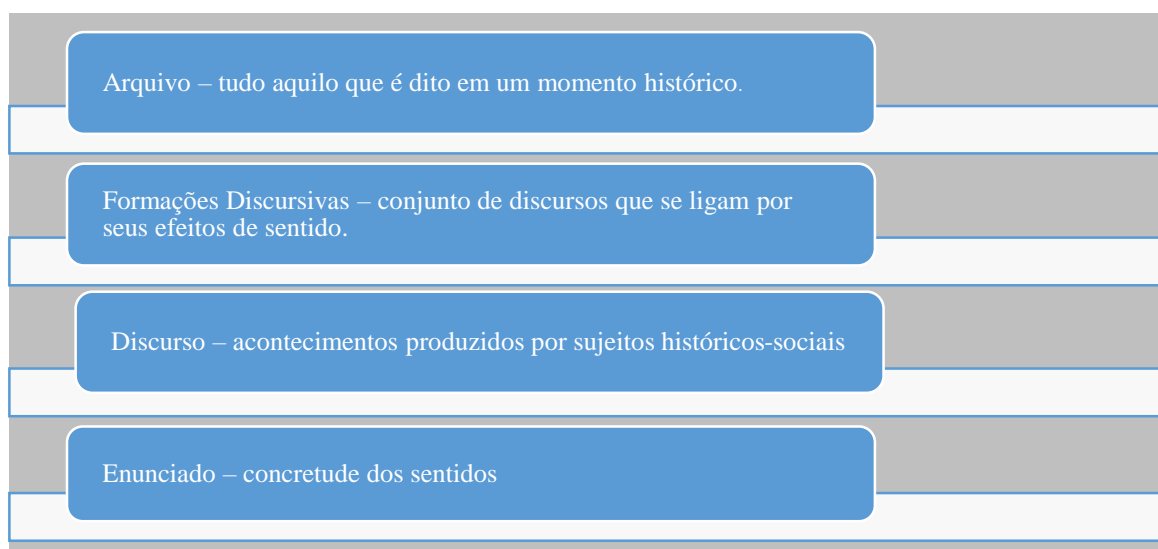
Inicialmente, reiteramos a nossa proposta: uma análise arquegenealógica de três pronunciamentos do ex-governador do Estado, Marcelo Déda, quais sejam: o primeiro

refere-se à sua posse enquanto governador do Estado, em 01 de janeiro de 2007, marco do início de seu primeiro mandato; o segundo, à comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior, em 18 de janeiro de 2011, um diálogo com jovens estudantes concluintes; o terceiro, à solenidade da lei de sansão do Proinveste, em 2013, ano de seu falecimento. A seleção ocorreu, inicialmente, com vistas ao ano em que foram proferidos, à temática, à relevância de cada cerimônia; em segundo lugar, pela acessibilidade no que diz respeito à transcrição. Em terceiro lugar, o primeiro e o último constituem marcos no âmbito do percurso político do então governador Marcelo Déda. O segundo pronunciamento está particularmente ligado a mim, enquanto ex-aluna participante desse diálogo entre o político e os seus interlocutores; enquanto pesquisadora, senti a necessidade de retomar tal pronunciamento, constituindo-me enquanto analista de discurso.

A partir da seleção desses pronunciamentos, de sua contemplação, realizamos quatro *recortes discursivos*: o discurso verdadeiro, o discurso do/sobre o saber/poder; o discurso político-partidário; o discurso religioso. Consoante Orlandi (1984), o *recorte discursivo* constitui uma unidade discursiva, conseqüentemente, um fragmento da situação discursiva, variando segundo o tipo de discurso, as condições de produção, o objetivo e o alcance da análise. Tomando como base esses recortes, examinamos 29 (vinte e nove) *sequências enunciativas*, ao longo de todo o trabalho, consoante o nosso arcabouço teórico já elencado.

No que diz respeito à arqueologia foucaultiana, Revel (2005, p. 13) se refere a ela como um método: “O método arqueológico foucaultiano busca, [...], reconstituir atrás do fato toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas”. E, como mencionado na introdução, muitos estudiosos a consideram como um método de análise, como exemplos, podemos citar Castro (2016); Dosse (2007); Deleuze (1996), Gregolin (2003, 2004, 2006, 2016). Consoante esses estudiosos, a arqueologia foucaultiana apresenta alguns conceitos basilares para as suas análises, utilizados no percurso de suas obras: *discurso*, *prática discursiva*, *enunciado*, *formação discursiva* e *saber*. Abaixo ressignificamos o esquema de uma descrição arqueológica, proposto por Gregolin (2016)¹⁸:

¹⁸ Minicurso realizado em junho de 2016, durante o III SEDIAR (UFS).



E, tal como explicitado na introdução deste trabalho, por nosso objetivo principal consistir em uma reflexão sobre os modos de *subjetivação* de MD, a partir das análises dos pronunciamentos acima citados, recuperamos o conceito de *sujeito*, à luz de Foucault (2013a, 2014). Conforme o referido autor, o sujeito consiste em uma função vazia, um lugar determinado e vazio; ele o coloca não como um sujeito dono de seu discurso, mas como um objeto historicamente constituído. Desse modo, em vez de procurarmos sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscamos *efeitos discursivos*. Como bem esclarece Gregolin (2016, p.6): “[...] as coisas e os sujeitos não preexistem aos discursos, ao contrário, são esses que os constituem”. Como já assinalado no capítulo 2, para esse filósofo, o discurso é *fundante*.

Ainda consoante Foucault (2014), o *discurso*, então, consiste em uma *série de acontecimentos*, colocando-o no âmbito da história. Foucault (2014, p.146) assim resume o conceito de discurso: “[...] o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho”. A respeito da dimensão histórica, Foucault (2012 [1978], p. 252) argumenta:

[...] há em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda, e, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas [...]

De igual forma, com base nos estudos arqueológicos, propostos por Foucault, retomamos o que o referido autor entende por *prática discursiva*. Para esse filósofo tal *prática* é assim definida: “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (2014, p. 136). Esse estudioso continua a esclarecer tal conceito (FOUCAULT, 2014, p. 136), principalmente, no que diz respeito de como se deve proceder às análises:

Resta-me agora fazer oscilar a análise e, após ter relacionado as formações discursivas aos enunciados que descrevem, procurar em uma outra dimensão, rumo ao exterior desta vez, o uso legítimo dessas noções: o que se pode descobrir através delas, como podem ter lugar entre outros métodos de descrição, até que ponto podem modificar e redistribuir o domínio da história das ideias.

Da mesma forma, como o conceito de *práticas discursivas* está inter-relacionado à *função enunciativa*, é importante retornamos o conceito de enunciado. Para Foucault (2014), o enunciado é um acontecimento (estranho) inesgotável, tanto pela língua, quanto pelo sentido, mutável, no limite do signo; há, portanto, uma relação direta entre enunciado e signo. À luz dessa perspectiva de análise do enunciado, colocamos o dito em relação a outros dizeres, dentro de um campo discursivo, tal como explicitado por Foucault (2014). Desse modo, igualmente conforme Foucault (2014), uma análise baseada no enunciado deve levar em conta a dispersão, a regularidade dos sentidos que são produzidos pela sua realização. A esse respeito, Foucault (2014, p. 34) esclarece a maneira como investigar o enunciado:

[...] estabelecer suas correlações como os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semissilenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionando a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar.

Foucault (2014, p.143) continua a ensinar como realizar uma análise a partir do enunciado. Consoante esse filósofo, a análise enunciativa implica em levarmos em conta ‘os fenômenos de *recorrência*’. Ele alega, como já afirmado anteriormente, que todo enunciado remete a outros enunciados, em cujo campo ele se situa, mas com o poder de estabelecer novas relações. Nesse sentido, esse enunciado “[...] coloca o passado

enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar, ou ainda, como objeto de que se fala”.

Em se tratando dos pronunciamentos de MD, apesar de distantes no tempo, somos levados a um *continuum* enunciativo, o antes e o depois, retomando discursos *já ditos*, ou *já mais ditos*, como defende Foucault (2013a, 2014), apontando para discursos futuros, numa conseqüente *movência de sentidos* (GREGOLIN, 2003, 2016). Para observarmos essa *movência*, levamos em conta os *fenômenos de recorrência*.

No que se refere ao saber, Foucault (2014) o considera um tipo de separação entre o verdadeiro e o falso em que se destaca a nossa vontade de saber. Ele (2014, p. 206-207) assim esclarece:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...]; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...]; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso [...]. Há saberes que são independentes das ciências [...]; mas não há saber sem uma prática discursiva, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que a forma.

A vontade de verdade, por sua vez, consoante Foucault (2012b), apoia-se sobre um suporte institucional. A verdade é, portanto, uma configuração histórica. Não há uma verdade, mas vontades de verdade transformadas de acordo com as necessidades históricas (FOUCAULT, 2013a). Outrossim, essas verdades são o lugar de enfrentamentos sociais, de debates políticos violentos, com base em "lutas ideológicas". A partir dessa constatação, o referido autor percorre os “jogos de verdade”, ou seja, as regras, consoante as quais, um sujeito considera um determinado objeto verdadeiro ou falso. Desse modo, o sujeito é entendido na relação poder/saber/verdade, e nesse sentido, Foucault (2013c) esclarece que o poder está estritamente ligado às lutas que questionam o estatuto do indivíduo. Isso porque ele entende que só há poder quando ocorre resistência.

Em se tratando do objeto de estudo desta dissertação, observamos como foram produzidos saberes e vontades de verdade, ademais, verificamos o modo como o poder produziu um saber necessário; dito de outro modo, como MD produziu um saber político e, ao mesmo tempo foi atravessado por ele, assim como um saber religioso.

Ainda no que diz respeito aos aspectos metodológicos de análise, destacamos ainda as considerações de Orlandi (2013) ao tratar dos procedimentos de análise do discurso. Segundo a autora, é possível analisar o discurso através das suas regularidades, considerando a relação com determinada *formação discursiva*¹⁹ que, por sua vez, é interpelada por determinadas *formações ideológicas*. Baseamo-nos, então, para realizarmos as análises, nos seguintes conceitos da AD: formação imaginária, a memória discursiva, o intradiscurso, o interdiscurso.

A AD visa, nesse sentido, compreender como o discurso organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Nesse sentido, há a produção de novos sentidos, dependendo das condições de produção do discurso. Estas compreendem fundamentalmente, conforme Orlandi (2013), os sujeitos e a situação. Em relação isso, é essencial levarmos em conta o papel da memória, a memória discursiva. Orlandi (2013, p. 31) assim a define: "[...] é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra". Nessa perspectiva, há uma relação entre o já dito (interdiscurso) e o que se está dizendo (intradiscurso); entre a constituição do sentido (interdiscurso) e sua formulação (intradiscurso). Ainda de acordo com Orlandi (2013), só podemos formular (dizer) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Ou seja, a constituição determina a formulação. Entendemos, então, que o dizer converge entre dois pontos, quais sejam: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Consoante essa autora (2013), é nesse jogo que os seus sentidos são produzidos.

Ainda no que diz respeito à metodologia, como mencionado, para as transcrições dos pronunciamentos, nosso *corpus* de análise, valemo-nos da proposta de Marcuschi (2006), advinda da Análise da Conversação, partindo de princípios empíricos, destacando descrições e interpretações qualitativas, "[...] através dos vestígios que deixam no fio do

¹⁹ Elucidamos que utilizamos, em nossas análises, os conceitos de discurso, de formação discursiva propostos por Foucault (2014).

discurso” (ORLANDI, 2013, p. 65). Abaixo, listamos os símbolos propostos por Marcuschi (2006) e utilizados na transcrição dos pronunciamentos²⁰:

(+) pausas de aproximadamente 5 segundos;
 () dúvidas e suposições
 MAIÚSCULA- ênfase ou acento forte;
 : alongamento da vogal (pode ser repetido conforme a duração);
 (()) comentários do analista;
 ” corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação;
 ’ indica uma subida leve;
 , indica descida leve ou brusca;
 /.../ indicação de transcrição parcial;
 / truncamento brusco, seja pelo falante ou pelo entrevistador;
 repetições - reduplicação de letra ou sílaba, reduplica-se a parte repetida;
 eh, ah:: - pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção.

Abaixo, prosseguimos com as nossas análises, consoante o *recorte discursivo* acerca do discurso verdadeiro perpassado nos/pelos pronunciamentos.

3.2 O discurso verdadeiro

Como discutido anteriormente, Foucault (2013a) defende que a verdade é historicamente construída. E essa construção se dá por meio de coerções produzindo, a partir disso, efeitos reguladores de poder. O referido autor acrescenta que cada sociedade possui seu próprio “regime de verdade”, ou seja, tipos de discurso nos quais essas verdades são amparadas fazendo-as funcionar como verdadeiros.

Em se tratando dos pronunciamentos de MD, objeto de estudo dessa dissertação, observamos como essas verdades são construídas. A partir da SE₁₄, relacionada ao seu pronunciamento de posse (2007). Nesse sentido, chamamos atenção para o fato de que esse sujeito estava atravessado por um momento histórico em que o PT se (re)constituía enquanto um partido da *esperança* do povo brasileiro. Consequentemente, o sujeito MD estava atravessado pelo discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva que, nessa época, entrava no seu segundo mandato. Ele (MD) também se deslocava da posição de governante municipal para governante estadual, assumindo, assim, um comando mais alto na cadeia do poder executivo. Precisava, portanto, enunciar, a partir do lugar do

²⁰ As transcrições encontram-se nos anexos.

governante idôneo, comprometido com o povo, no caso, os sergipanos, haja vista o diálogo com os discursos de sujeitos de mesmo partido político.

SE₁₄: lhes peço que fiscalizem o meu governo
e cobrem do governador (+)
se eu errar, corrijam-me (+)
eu não tenho compromisso com o erro,

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Constatamos, então, nessa SE₁₄, que o sujeito MD procura a satisfação do dever cumprido, construindo a imagem de um político simples, anunciante da verdade. Destacamos, contrariamente, o substantivo “erro”. Esse termo possibilita dois *efeitos de sentido*: o primeiro é a preocupação de o seu governo agir corretamente de acordo com os preceitos legais; o segundo, agir corretamente, de acordo com os preceitos religiosos. Isso porque, segundo os ensinamentos bíblicos, “O rei se agrada dos lábios honestos e dá valor ao homem que fala a verdade” (Provérbios 16:13²¹). Reiteramos, então, que MD se subjetiva, consoante a verdade religiosa, instituída verdadeira em todos os tempos e lugares.

Verificamos ainda, na SE₁₄, os aspectos relacionados à moral, a uma *ética de si*. A ética de si consiste, para Foucault (1985), em adotar modelos de verdades padronizados e normativos com relação a si, visando formas de se elaborar a própria vida. Portanto, consoante esse autor, cuidar de si implica em poder cuidar do outro, exigindo responsabilidades para consigo mesmo, para com o outro. Decorre daí que é essencial saber governar-se para saber governar o outro.

Para darmos continuidade às análises, abaixo, apresentamos a *sequência enunciativa 15* (SE₁₅). Como esta *sequência* constitui o enunciado proferido durante a solenidade da sanção do Proinveste, em 2013, é importante ressaltarmos o momento político em que se encontrava a nação brasileira, vivenciando uma série de protestos, consoante Gregolin²², *a primavera brasileira*, no sentido de desestabilizar a governante Dilma Rousseff (presente neste momento solene). Além disso, MD estava diagnosticado com doença grave, que o levou a várias internações e, depois, à morte. Havia, então, uma

²¹ Lê-se capítulo 16 versículo 13.

²² Ep. 02 Os dispositivos. <https://www.youtube.com/watch?v=IpMURaG9hYc> (acessado às 22h30min, no dia 10/03/2018).

tensão entre o político, *o cuidado de si* efetivo, o discurso religioso, daí o tom emocionado de seu pronunciamento:

SE₁₅: meu coração fica:: pesado porque eu queria' tá lá ((emocionado)) (+)
 muito mais do que tá lá pra cortar fita'
 muito mais do que tá lá por vaidade'
 eu queria tá lá pra ver aquilo que me fez entrar na política'
 eu queria tá lá pra ver o sorriso do meu povo ((aplausos)) (+ +)
 a felicidade de quem recebe a obra (+)
 se vocês querem saber a maior dor tem sido essa'
 de fazer a obra e não colher o sorriso ((bastante emocionado)) ((aplausos))

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Como elucidado no capítulo 1 deste trabalho, Max Weber defende que a política se relaciona ao poder, no sentido de que há uma legitimidade em quem o exerce. E, a partir disso, elenca três tipos de poder, quais sejam: *o poder legal*, *o poder tradicional* e *o poder carismático*. Constatamos que o sujeito do discurso MD exerce o poder, a partir de uma manifestação de afeto aos seus eleitores, e esse gesto o distingue de modo especial. Nesse sentido, observamos que MD é legitimado a partir do *poder carismático*, além de valer-se do *poder legal*, aquele fundamentado na lei. E, como mencionado acima, no que se refere às condições de produção, essa SE₁₅ faz parte do período em que MD se encontra com o estado de saúde bastante debilitado, por esse motivo, consideramos que se encontra interpelado pelo DR, uma vez que *reatualiza* um ideal cristão de humildade, de ajudar ao próximo e, na medida em que esses discursos são *reatualizados*, há a produção de novos sentidos, constituindo um *modo de subjetivação*, a partir do gesto de *docilidade*.

Outrossim, verificamos os ideais do PT imbricados no seu discurso, visto que esse partido sempre teve em sua base a massa/o povo, excluída(o) pelos outros partidos, criados pelas elites políticas e econômicas. E, no que se refere exclusivamente ao Estado de Sergipe, MD assume a posição de luta contra os princípios oligárquicos fundadores da política sergipana, *constituindo-se um herói para o povo, o salvador da pátria*.

Verificamos, por fim, que MD constrói a imagem de político confiável, por isso se coloca na posição de quem enuncia a “verdade”: “muito mais do que tá lá por vaidade’ / eu queria tá lá pra ver aquilo que me fez entrar na política’”. Essa *sequência* reclama sentido, na medida em que o sujeito MD relaciona o ingresso na política à felicidade do

povo. Isso implica ir além da verdade, é a promoção da felicidade, o resultado do *cuidado do outro*.

Como afirmado, enuncia da posição do *verdadeiro governante*, no sentido de governamentalidade, já estudado no capítulo 2, reiterando a confiabilidade dos seus interlocutores. Essa SE₁₅, somada à SE₁₄, leva-nos a inferir que o discurso de MD está atravessado por um teor religioso de despedida, há uma possível construção de sua imagem pós morte, haja vista as repetições de “eu queria tá lá [...] / eu queria tá lá [...]”. Questionamos, então, o sentido de ‘lá’: lugar? Tempo futuro, em que ‘o povo recebe a sua obra’? Nesse contexto, constitui-se enquanto o político responsável, preocupado com os anseios da população. Por esse motivo, MD se faz presente na memória discursiva do povo sergipano, por vezes citado por atuais políticos e ex-eleitores.

Por fim, MD dialoga com seus interlocutores, remetendo-os ao momento por que passa, ao seu estado físico de saúde e, conseqüentemente, relaciona-o a sua prática política, enquanto governante sergipano, governando para os sergipanos: “[...] se vocês querem saber a maior dor tem sido essa’ / de fazer a obra e não colher o sorriso ((bastante emocionado)) ((aplausos))” (grifos nossos). Reitera, então, o ideal de governo democrático, igualmente defendido pelos seus companheiros de partido.

Ainda no que diz respeito ao recorte discursivo acerca *do discurso verdadeiro*, apresentamos a SE₁₆, a qual se refere ao pronunciamento ocorrido em 2011, durante a formatura dos estudantes do Instituto Luciano Barreto Júnior, ano em que Dilma Rousseff assume a presidência do Brasil, representando o desejo de continuidade das políticas econômicas e social do governo Lula:

SE₁₆: nós vivemos num país onde há uma tradição secular’
o governo é culpado de TUDO [...]
[...] NÓS jogamos sempre’ a responsabilidade sempre por tudo’
em cima do governo,
é CLARO que o governo tem GRANDES responsabilidades
e que o governo tem que ser cobrado’[...]
[...] mas é preciso que nós compreendamos’
que uma sociedade não é feita só de governos’
a sociedade é quem FAZ os governos
ela não é feita por eles [...]

Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior

Inicialmente é importante destacarmos as condições de produção dessa SE₁₆. Como observado anteriormente, ela foi retirada do pronunciamento em comemoração à formatura dos alunos do ILBJ, em que MD parabeniza a Construtora Celi LTDA pelo gesto de compromisso com a sociedade, ao beneficiar jovens de baixa renda em um projeto socioeducativo. Nesse sentido, reafirma a necessidade de a *sociedade organizada* trabalhar em conjunto com o governo. A partir *dessa recorrência enunciativa*, traz à tona os ideais do partido no qual está inserido: são discursos relacionados à união entre povo e governo, à preocupação com a população desassistida de recursos financeiros. E, ao dizer que “a sociedade é quem FAZ os governos / ela não é feita por eles [...]”, o sujeito MD aciona, na cadeia do *interdiscurso*, o discurso do surgimento da política, a partir da necessidade de o homem de se organizar politicamente; de o povo ter responsabilidade sobre a escolha de seus governantes (“o povo tem o governo que merece”). E, com esse gesto, *reatualiza* no eixo do *intradiscurso* esses discursos ressignificados, principalmente porque está diante de uma empresa que tem relações com construções imobiliárias, no Estado de Sergipe, além do referido instituto. Ou seja, esse sujeito reitera as responsabilidades e necessidades sobre a população, no que diz respeito ao meio social. Além disso, há os interlocutores jovens, o grupo de formandos. Com efeito, essa *reatualização discursiva* soa como ensinamentos para esse grupo. Dessa forma, percebemos a relação com o *discurso pedagógico*.

No que diz respeito à materialidade linguística, destacamos o uso do pronome indefinido ‘tudo’ que é pronunciado enfaticamente pelo locutor. Como sabemos, esse pronome indica uma totalidade de coisas: “o governo é culpado de TUDO [...]”. Questionamos, então, a que *tudo* MD se refere, quando o enfatiza tão categoricamente. Entendemos que o locutor retoma discursos circulados socialmente, em detrimento dos governantes petistas, afinal, a então presidenta Dilma já assume a posição de governante, sob o jugo das condenações de opositores partidários. E, na medida em que se refere a tais vozes, tenta contra-argumentar essa *verdade*, construindo um outra ‘verdade’: a de que a população também tem responsabilidades para com o seu meio social, pelas escolhas de seus governantes.

Verificamos, entretanto, que o locutor não isenta o seu governo das responsabilidades. É possível constatar isso, a partir do modo enfático com que pronuncia as palavras ‘claro’, ‘grandes’, no sentido de que há uma certeza de suas obrigações

políticas e da consequente importância delas. Desse modo “entende” que para saber governar o outro é necessário antes saber governar-se.

Ainda no que concerne a esse recorte discursivo, trazemos à baila a SE₁₇, a partir da qual verificamos o apelo à valorização da “sergipanidade”²³.

SE₁₇: não temos o direito de nos encabular
diante da nossa condição de sergipanos
precisamos recuperar o saudável orgulho
de olhar para o mundo sem arrogância
mas com firmeza batendo a mão no peito e dizendo
muito prazer sou brasileiro
sou nordestino sou sergipano

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Integrante do pronunciamento de posse do primeiro mandato do governo Estado, há, na SE₁₇ uma exaltação exacerbada ao povo sergipano, um sentimento de patriotismo, de pertencimento a esse lugar. E esse pertencimento é percebido em toda a SE₁₇. Acresce ainda a afirmação de que os sergipanos perderam o orgulho de sua naturalidade, e com esse gesto possibilita a inserção de mais uma ‘verdade’, a de que no seu governo que se inicia o povo sergipano sentirá novamente orgulho de seu estado. E essa mudança é simbolizada pelo governo que se inicia, visto que haverá uma libertação do passado, no que diz respeito ao governo anterior.

Verificamos que no enunciado “não temos direito de nos encabular da nossa condição de sergipanos”, o locutor MD tenta promover a (re)criação da imagem do povo sergipano, diante do quadro nacional de busca por *mudança*. Em contrapartida, adverte sobre a necessidade disso sem ‘arrogância’. Ao remeter o seu interlocutor para esses enunciados, entendemos que o locutor MD está atravessado pelo discurso religioso. Essa remissão é possível ser feita, quando comparamos tal referência com o enunciado bíblico: “Os olhos dos arrogantes serão humilhados e a soberba da humanidade será destruída” (Isaias 2: 11²⁴). Mais uma vez, flagramos o atravessamento da *verdade* religiosa no discurso do locutor em foco.

²³ Termo utilizado para se referir à identidade do povo sergipano com relação as suas crenças, cultura, lutas e conquistas sociais.

²⁴ Lê-se capítulo 2, versículo 11.

Ainda no que concerne a esse pronunciamento (o de posse de governante do Estado de Sergipe), apresentamos abaixo a SE₁₈:

SE₁₈: as relações que pretendo manter com essa casa
 jamais dispensarão o respeito à sua independência
 e aos predicamentos dos dignos membros
 (+) independência e harmonia,
 eis os princípios mediadores, [...] da relação entre executivo' legislativo e judiciário'
 esta receita foi a própria constituição que avivou
 e esta fórmula será permanentemente buscada
 pelo governo que neste momento que se inicia

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Inicialmente, destacamos na SE₁₈ o uso de 'casa', referindo-se à ALESE (Assembleia Legislativa de Sergipe). E, na medida em que se refere a essa assembleia, traz à baila a relação que pretende estabelecer com os poderes legislativo e judiciário: independência e harmonia. Nesse sentido, observamos um resgate das teorias dos iluministas, em que estavam presentes o respeito pela natureza, pelo espírito das leis, pelo culto da liberdade civil e política, excluindo todo um discurso autoritário. A liberdade, como defendia Montesquieu, consiste em poder fazer aquilo que as leis facultam, sempre tendo em vista o que é independência e o que é liberdade. Montesquieu define o conceito de lei como relações necessárias que derivam da natureza das coisas.

E, nesse sentido, a Constituição brasileira de 1988, baseada no pensamento iluminista, inseriu como um dos seus princípios fundamentais a regra do artigo 2.º: “são Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário” (BRASIL, 2018, p. 15). Independência e harmonia são palavras-chave acolhidas na Carta Magna, com base na teoria da repartição dos Poderes, construída por Montesquieu. Por conseguinte, ancorado no discurso da legalidade, *reatualiza* os discursos de outrora, imputando-lhe um teor de discurso *verdadeiro*.

Nesse caminho, entendemos que o locutor MD está atravessado por esse discurso, haja vista o seu conhecimento teórico acerca da política. Esse fator corrobora uma imagem de um homem culto e, ao mesmo tempo, comprometido com os preceitos legais. Verificamos ainda o discurso político-partidário petista, no que diz respeito à liberdade. Conforme os ideais do PT, não há justiça sem liberdade e sem democracia, bem como só há igualdade de oportunidades se os direitos políticos e cívicos forem garantidos. Decorre

daí que entendemos que a relação saber/verdade também constitui um dos processos de subjetivação de MD.

Nos item abaixo, discutimos acerca da relação poder-saber, no sentido de como os saberes classificaram e produziram objetivações sobre o sujeito do discurso Marcelo Déda.

3.3 O discurso do saber/poder

Como elucidado anteriormente, o conceito de saber é decorrente do funcionamento das *práticas discursivas*. Objetivamos em nossas análises, assim como Foucault (2014), a partir da análise dessas práticas, entender como um saber pode se constituir. No que se refere a esse discurso, lançamos mão da SE₁₉ abaixo, retirada do pronunciamento na solenidade da sanção do Proinveste, em 2013:

SE₁₉: alguns disseram' que foi um gesto' de fraqueza (+)
 eu como li os evangelhos'
 sei que os gestos mais fortes à primeira vista parecem fraqueza'
 perdão parece fraqueza'
 o amor parece fraqueza'
 a compaixão parece fraqueza'
 e é preciso ser mui::to FORTE
 pra fazer as coisas que devem ser feitas (+)

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Observando a subjetivação do sujeito do discurso, Foucault (2013b, 2013c) adverte que o poder está intrinsecamente ligado ao corpo, tornando-se naturalizado e internalizado pelo sujeito. Nesse sentido, constatamos que MD, enquanto sujeito do discurso, atravessado pelo discurso religioso, internaliza e naturaliza esse poder provocando, consequentemente, a sua docilidade. Contudo, é importante ressaltar que, ainda para Foucault (2013b, 2013c), o poder é positivo, por todo poder ser capaz de produzir um saber necessário. No que diz respeito ao nosso sujeito de pesquisa, observamos que MD produziu um saber político, na medida em que o seu corpo *disciplinado* pode lhe propiciar o estudo regular dos preceitos religiosos, dos saberes advindos da filosofia, da política, da história. Diante da capacidade de

compreender/reconstruir esses saberes produzidos, transformou-se em um sujeito da resistência, no que diz respeito às oligarquias sergipana.

Constatamos ainda que a partir do *ensinamento bíblico*, há toda uma relação de obediência aos mandamentos instruídos na bíblia. Consideramos, então, a bíblia um *documento* (FOUCAULT, 2014) em que determinadas verdades são veiculadas e repetidas, preservando o mesmo. Desse modo, a bíblia é um lugar de estabilização de discursos e de sentidos, ocasionando a proliferação de um *discurso parafrástico* em detrimento do *polissêmico*. Verificamos ainda a afirmação de que o locutor MD leu os evangelhos (livros da bíblia) e, por isso, “sabe” a *verdade*, porque “a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom²⁵”. Essa *sequência* reitera o atravessamento desse sujeito pelo discurso religioso.

Continuando as nossas análises quanto a esse recorte discursivo, expomos a SE₂₀, concernente à comemoração de formatura dos alunos do ILBJ:

SE₂₀: vocês precisam’ aprender’
que nada na vida é impossível’ de ser superado’
não deem o braço a torcer,
então a garotada’ a rapaziada’ as meninas e os meninos’
aprendam’ que TUDO é útil pra vencer’
que tudo serve pra nossa afirmação’
que tudo serve pra construção do nosso futuro’

Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior

No decorrer da SE₂₀, percebemos que o locutor MD está interpolado pelo discurso pedagógico (DP). E, por conta de tal interpolação, coloca-se na posição de seus interlocutores, utilizando o mesmo vocabulário que eles (estudantes do ILBJ). Observamos ainda que se coloca na posição de conselheiro dos alunos, sugerindo-lhes a adoção de determinados comportamentos. Entendemos que ele, nesse momento, enuncia do lugar de pai, por construir uma imagem do seu público, composto por adolescentes, no intuito de ensinar o melhor caminho a seguir. No que diz respeito às relações de poder, relembramos que, para haver o poder, é obrigatório haver uma hierarquia entre quem “ensina” e quem é “ensinado”, portanto, há aí uma relação de obediência. Isso porque é consensual de que se deve escutar aquele que “sabe” mais e obedecê-lo. Afora esses aspectos, é importante retomarmos o sentido de *cuidado de si*, de governamentalidade. Em relação a esse conceito, o bom governante se transformava enquanto tal, na medida

²⁵ Romanos capítulo 7 versículo 12.

em que sabia bem *cuidar de si, da família*. Nesse sentido, o locutor MD se subjetiva enquanto um bom *cuidador* e, conseqüentemente, enquanto um *bom governante*. Decorre daí a necessidade de seus interlocutores escutá-lo, seguindo o caminho proposto por ele.

Dando seguimento à análise, exploramos, no tópico seguinte, o discurso político-partidário.

3.4 O discurso político-partidário

A palavra discurso é utilizada, por vezes, como sinônimo de pronunciamento. Nesse contexto, no que diz respeito à política, essa palavra circula consensualmente em múltiplas situações. Entretanto, quando se trata de Teoria do Discurso, é importante fazermos uma advertência para a sua aplicação. Nesse âmbito, discurso não é fala, não é só estrutura, mas *acontecimento*, a partir do qual circulam relações de poder/saber, verdade, consoante Foucault (1985, 2008, 2009, 2012, 2013, 2016).

No presente recorte, apresentamos a *sequência enunciativa 21* (SE₂₁), retirada a partir do seu pronunciamento de posse do primeiro mandato, em 2007. Esse contexto já foi anteriormente situado, mas reiteramos que, nesse ano, houve a ascensão de Déda ao escalão do governo do Estado de Sergipe, simultaneamente ao segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. O PT, então, gozava de prestígio em nível nacional, elegendo vários governantes em estados considerados sob o jugo do poder oligárquico.

SE₂₁: o fio com qual a história com paciência e tempo
tece a sua multifacetada tapeçaria
nos liga a outras eras,
e a muita gente,
nos liga por exemplo
a tradição antioligárquica de Fausto Cardoso
o grande herói urbano de Aracaju ((aplausos))
o tribuno eterno de Sergipe ((aplausos))
que sacrificou a VIDA no altar das suas ideias
e fez-se símbolo exemplo
para todos os que buscavam modernização política'
a justiça social' a democracia
e o fim dos conluíus oligárquicos'

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

A SE₂₁ rememora a vida política de Fausto Cardoso, participante ativo da política sergipana, eleito deputado federal, nas eleições de 1906. Posteriormente, em maio do mesmo ano, tornou-se o responsável por coordenar o movimento popular que se projetava contra o olimpismo²⁶, na política sergipana. Esse movimento ficou conhecido como a “revolta de Fausto Cardoso”. Desde então, esse político passou a representar a ascensão da vontade popular ao poder, o fim dos conluíus oligárquicos. Porém, em agosto de 1906, aos 42 anos de idade, foi morto a tiros, marcando a política sergipana no final do século XIX.

Ao acionar na cadeia esse acontecimento, o locutor MD recupera a imagem de Fausto Cardoso, comparando-se a esse governante, no presente, haja vista sentir-se responsável por quebrar a oligarquia existente em Sergipe. E, com esse gesto de rememoração, busca eternizar a imagem de Fausto Cardoso como um homem responsável, preocupado com os anseios do povo, um herói para o povo sergipano. Nesses termos, o locutor MD também assume um lugar herói para o povo de Sergipe.

E, quando o locutor MD posiciona FC enquanto “o tribuno eterno de Sergipe ((aplausos)) / que sacrificou a VIDA no altar das suas ideias”, faz isso a partir de um atravessamento do discurso religioso, “altar de ideias”, num processo de divinização desse político.

Dando seguimento às nossas análises, apresentamos a SE₂₂ abaixo, ainda no que se referem ao pronunciamento de MD na solenidade de posse dos candidatos. Nessa SE₂₂ constatamos a indissolubilidade do DR com o político:

SE₂₂: vocês são a minha fortuna,
 vocês são o discurso da vida se impondo diante do tempo
 eternizando em suas faces alguns de meus traços,
 e espero em seus caracteres,
 as minhas reduzidas virtudes (+)
 ao abençoar-lhes, agradeço o amor e o apoio
 e prometo, lhes legarei um nome limpo
 que possa ser ostentado pelos seus filhos
 e pelos filhos de seus filhos
 com orgulho e gratidão (+ +)

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

²⁶ Termo utilizado para conceituar a forma de governo do monsenhor Olímpio Campos, caracterizada por sua violência, desmandos e uma política de apoio oligárquico.

Conforme Piovezani (2010), um dos traços atestador do discurso político é a busca incessante pela credibilidade e pela legitimidade. Gregolin (2016), por sua vez, defende que esse é um tipo de discurso a que se adere pela relação de confiança. Nesse sentido, o eleitor vota com base na credibilidade do candidato e não somente por seus argumentos. No que se refere à SE₂₂ acima, o locutor MD se refere aos filhos, situando-os como elementos de extremo valor. A partir desse gesto de trazer a família para o âmbito do político, constatamos ‘o *cuidar de si*’, enquanto uma arte de governar os outros. Daí a importância de saber governar-se para poder bem governar a cidade. Essa técnica, por seu turno, tem bases religiosas, como já discutido no capítulo 2.

Nesse contexto, verificamos que em toda a SE₂₂, o locutor MD encontra-se ancorado no discurso político, *atravessado* pela FD religiosa. E, na medida em que produz esse gesto, promove uma inseparabilidade do primeiro em relação ao segundo. Constatamos isso ao relacionarmos essa sequência enunciativa com enunciados presentes na bíblia: “Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” (Salmos 127:3²⁷). Essa remissão ao dito bíblico, num movimento de comparação entre os dois gestos, promove uma ‘eternização’ discursiva, por estar veiculado no *documento bíblico*, válido em múltiplos tempos e lugares. Como a bíblia funciona como um *arquivo* (tudo aquilo que é dito em um momento histórico), traz em seu bojo discursos considerados *verdadeiros*. Nesses termos, remetemos a uma outra passagem bíblica que corrobora a primeira: “[...] cuidando de sua própria família e retribuindo o bem recebido de seus pais e avós, pois isso agrada a Deus.” (1 Timóteo 5:4²⁸). Afora essas duas sequências enunciativas provenientes da bíblia, destacamos a afirmação segundo a qual o seu legado envolve um “nome limpo”. De igual modo, essa ideia advém de uma moral religiosa: “O nome limpo vale mais do que o perfume mais caro” (Eclesiastes 7:1²⁹).

Acrescentamos ainda que a palavra *virtude* (‘as minhas reduzidas virtudes (+)’), empregada na SE₂₂, remonta ao sentido aristotélico, para o qual “virtude” significa disposição para o bem moral. Segundo o referido filósofo, só é possível encontrar a felicidade agindo *virtuosamente*, isto é, agindo corretamente, conforme as leis morais e racionais. Destacamos igualmente que esse bem moral pregado por Aristóteles é

²⁷ Lê-se capítulo 127 versículo 3.

²⁸ Lê-se capítulo 5 versículo 4.

²⁹ Capítulo 7 Versículo 1.

utilizado, séculos depois, pela religião judaico-cristã, atribuindo a esse termo aspectos calcados em uma moral religiosa. Nesses termos política e religião são indissolúveis.

Como prosseguimento de análise, apresentamos a SE₂₃, retirada do pronunciamento durante a posse de seu primeiro mandato:

SE₂₃: a reeleição do Presidente Lula
representou uma vitória política de repercussão internacional
consignando o apoio indiscutível do povo brasileiro
ao maior líder popular da América Latina
o operário que se fez estadista
e o estadista que se fez povo
traduzindo nas suas prioridades o compromisso e histórico
e redenção política e social da nossa gente

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

Quando o locutor MD *acontecimentaliza* a reeleição de Lula, amplia a sua significância enfatizando a sua repercussão internacional. No que diz respeito à *memória discursiva*, enquanto um texto que surge como acontecimento a ler, conforme Achard (1999), ela vem reestabelecer os “implícitos” de que sua leitura necessita. Nesse contexto, entendemos que o locutor MD compara a reeleição de Luiz Inácio com a reeleição de Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente filiado ao PSDB. Em 1998, este chegou ao segundo mandato consecutivo, tornando-se o primeiro presidente reeleito no Brasil. E Lula, filiado a um partido de esquerda (PT), alcança a reeleição em um país onde nunca havia empossado um presidente de esquerda. A SE₂₃, portanto, remete ao discurso político-partidário, lembrando a história do partido e do então presidente reeleito Luiz Inácio. Enfatiza, assim, o compromisso desse presidente com ‘a redenção³⁰ política e social do povo’, reafirmando os ideais do partido, construídos em torno da preocupação com a população socioeconomicamente desprestigiada.

Em seguida, expomos a SE₂₄, retirada do momento em que o locutor MD interage com jovens do ILBJ.

SE₂₄: o Lucas dançou aqui uma dança que nasceu nas ruas
por isso que é chamada de street dance
nasceu nos bairros negros dos Estados Unidos da América
nasceu LÁ onde havia pobreza

³⁰ Entendemos o uso desse termo enquanto uma necessidade de resgatar o povo, de constituir-se salvador do povo.

onde parecia que não havia futuro se não na droga e no crime'
 e sabe como é que os jovens negros responderam"
 aqueles jovens que não tinham oportunidade"
 eles invenTARAM um movimento chamado rip rop'
 inventaram um tipo' de canção nova o rep'
 que é em inglês Rhythm and Poetry ritmo e poesia'
 e fizeram dessa luta/ dessa música'
 uma música de luta'
 de afirmação de valores' da juventude negra americana
 e HOJE se disseminou pelo mundo'

Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior

Na SE₂₄ percebemos que o locutor MD revela seu conhecimento a respeito de uma outra cultura, deixando perpassar a ideia de capacidade de buscar outras culturas, outras histórias. Compreendemos, porém, que essa diversidade cultural dialoga com a FD político-partidária, haja vista estar voltado para excluídos socioeconomicamente. Entretanto, ao exemplificar a dança, a música como possibilidades de esses excluídos se deslocarem desse lugar, instaura no outro (interlocutores jovens) a necessidade de 'resistência', no que diz respeito a suas vidas. Eram jovens que viviam em situação de vulnerabilidade, por isso constituem-se o público-alvo desse projeto socioeducativo. Em decorrência desse diálogo, percebemos mais um modo de subjetivação de MD: a resistência a partir do conhecimento, da inovação.

No item a seguir, tratamos mais especificamente do discurso religioso, apesar de este atravessar todos os outros recortes discursivos já apresentados, haja vista o seu teor de *verdade*.

3.5 O discurso religioso

Conforme Orlandi (2001), o discurso religioso é aquele em que fala a voz de deus e, por isso, é um discurso que se pretende *verdade*, tornando-se necessário e válido em todos os tempos e lugares. No que se refere ao nosso objeto de estudo, acreditamos que a voz de deus se concretiza na própria voz do locutor MD, enquanto *atravessado* pelo discurso religioso. Trazemos, então, a sequência enunciativa 25, retirada do momento em que MD interage com estudantes formandos do ILBJ.

SE₂₅: (+) o dia de hoje' é um dia' que celebra:
 a eternidade da presença' de Luciano' Barreto' Júnior'
 MUITos de vocês não conheceram, Luciano Barreto Júnior (+)
 talvez' TODOS vocês (+)
 sejam' pessoas' desconheCIdas pra aquele rapaz
 que viveu entre nós até pouco tempo atrás'

Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior

Inicialmente, esclarecemos quem foi LBJ: um jovem engenheiro, com sua vida interrompida, após um acidente automobilístico. Depois de sua morte, Luciano Franco Barreto e a sua esposa Maria Celi, pais do jovem, inauguraram o ILBJ, instituição sem fins lucrativos, cujos recursos financeiros necessários para a manutenção e implementação das suas ações são providas pela Construtora Celi LTDA. Esta é a empresa pertencente à família do jovem. O projeto socioeducativo possibilita a inclusão social de adolescentes e jovens sergipanos.

A partir da ação dos pais de Luciano Barreto Junior, com vistas a ajudar outros jovens a possivelmente transformarem suas vidas, promove-se a eternização do jovem morto. Nesse sentido, comparamos o enunciado acima com um outro presente na bíblia: “Ele dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória, honra e imortalidade” (Romanos 2:7³¹). Na medida em que o locutor MD rememora esse acontecimento, promove o culto à memória do engenheiro, num gesto religioso de veneração.

Ainda no que diz respeito a esse recorte discursivo, mostramos a SE₂₆, em que o locutor MD se manifesta na solenidade de sanção do Proinveste:

SE₂₆: Hoje amigos' fiquem felizes todos'
 os da oposição' e os do governo'
 porque os senhores semearam sorrisos'
 sorrisos que não sei se vou colher (+)
 mas quando forem colher lembrem-se de mim

Pronunciamento sobre a solenidade de sanção da Lei do Proinveste

Na SE₂₆, o uso dos verbos “semear” e “colher” perpassam a ideia de que o locutor MD acredita ter realizado um bom governo por meio de suas obras. Esse gesto configura-se uma *vontade de verdade*, insere-se, portanto, no discurso no *verdadeiro*. Ainda no que

³¹ Lê-se capítulo 2 versículo 7.

diz respeito a esses verbos, percebemos que o sujeito MD está atravessado pelo DR. Constatamos esse fato ao relacionar com a seguinte passagem bíblica: “Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou” (Eclesiastes 3:2³²). Essa passagem bíblica é, inclusive, citada no pronunciamento de posse de governador do Estado (primeiro mandato), na SE₂₇ abaixo transcrita:

SE₂₇: [...] o tempo do meu mandato é quatro anos, lembre-se do Eclesiastes (+)
há tempo para tudo sob o sol,
antes de colher é preciso deixar que a semente germine,
que a planta se fortaleça
e que o fruto naturalmente desabroche

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

A SE₂₆ (pronunciamento ocorrido em 2013), apesar de distante do tempo da SE₂₇ (pronunciamento ocorrido em 2007), retoma o dito por MD na SE₂₇. Naquela, o locutor MD impele os seus eleitores a não o esquecer, e isso é constatado por meio do *enunciado* “quando forem colher lembrem-se de mim”. E com esse gesto ele se presentifica na memória discursiva do povo sergipano.

Finalmente, trazemos à baila as sequências enunciativas relacionadas aos momentos em que o locutor MD se despede de seus interlocutores, em diferentes momentos.

SE₂₈: que Deus proteja Sergipe e abençoe a todos os sergipanos

Pronunciamento de posse do primeiro mandato de governador do Estado

SE₂₉: que Deus proteja o Brasil’ que Deus proteja Sergipe’

Comemoração da formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior

Constatamos que, ao se despedir de seus interlocutores, o locutor MD invoca uma entidade judaico-cristã, Deus, e roga-lhe que proteja os seus ‘irmãos’ sergipanos. Comprovamos, desse modo, a presença do DR nas sequências enunciativas do locutor MD. Essa constatação, na verdade, tem sido construída desde os primeiros momentos deste trabalho. Reiteramos, portanto, a afirmação do capítulo 1, em que compreendemos

³² Leia-se capítulo 3 versículo 2

que o processo de subjetivação de MD ocorre na interface do político e do religioso. Em relação ao primeiro, promove gestos de *resistência*; ao segundo, a *docilidade*.

Em seguida, apresentamos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado na introdução desta dissertação, nosso trabalho está estruturado em três capítulos, ao longo dos quais realizamos análises discursivas de vinte e nove *sequências enunciativas*. No primeiro capítulo, discutimos acerca da política, da religião, na medida em que a primeira se constrói à luz das verdades da segunda. Além disso, estudamos alguns aspectos bibliográficos do sujeito desta pesquisa, no sentido de identificar a constituição do sujeito político, os *modos de subjetivação* de MD, consoante a teoria de Foucault (2013) sobre o sujeito e o poder. Ademais, utilizamos as teorias da AD, tomando como base os ensinamentos de Orlandi (2013), no intuito de compreender as maneiras de significar de Marcelo Déda. Isso porque esse ex-governador é responsável por quebrar um ciclo oligárquico de políticos ‘eleitos’ pelos sergipanos. Nesse sentido, o político MD representa uma mudança no quadro político do Estado de Sergipe.

No decorrer do segundo capítulo, discorremos acerca dos *modos de subjetivação* no discurso do locutor Marcelo Déda, ex-governador do Estado de Sergipe, principalmente resgatando as teorias foucaultianas sobre a *arqueologia, genealogia, discurso, sujeito, enunciado, formação discursiva*. Afora esses aspectos teóricos, estudamos a relação poder/saber, poder/verdade, “governamentalidade”.

À luz da análise arqueogenealógica proposta por Foucault (1985, 2006, 2009, 2012, 2013, 2014, 2016), abordamos seus principais conceitos e tentamos relacioná-los às análises realizadas. Nesse sentido, constatamos que determinados discursos são acionados no eixo do *interdiscurso* e *reatualizados* no *intradiscurso*. Acreditamos que, com a *reatualização* de determinados discursos, há uma *vontade de verdade*, no dizer de Foucault (2013). Constatamos que o discurso religioso atravessa o discurso político imputando-lhe um teor de discurso *verdadeiro*.

Ademais, pudemos entender como o discurso religioso atravessa o discurso político-partidário do referido locutor, corroborando a sua (do religioso) *reatualização* e, conseqüentemente, promovendo novas produções de sentido. De igual forma, tal imbricação (discurso político, discurso religioso) corrobora tanto a construção de imagem do locutor em questão como a persuasão diante do seu interlocutor (povo sergipano). Nesse sentido, percebemos que, nos discursos de MD, há um dualismo relacionado à docilidade *versus* resistência. A primeira está circunscrita ao atravessamento desse sujeito

pelos ideais religiosos judaico-cristão; a segunda refere-se ao seu posicionamento frente a um militante do Partido dos Trabalhadores, responsável por incluir no mapa da cidadania sergipana os excluídos. Dessa forma, o locutor MD assume a posição de luta contra os princípios oligárquicos fundadores da política sergipana. Outrossim, constatamos que os *modos de subjetivação* do locutor MD são concernentes à sua relação com a construção de um conhecimento capaz de fazer com que seus interlocutores o percebam sob o ponto de vista da ‘verdade’, da confiança.

No capítulo três, reiteramos a metodologia das análises, inicialmente apresentadas na introdução. A partir do encaminhamento metodológico, procedemos à análise discursiva, buscando, então, estabelecer uma ligação entre a teoria estudada ao longo dos Capítulos I e II e o nosso *corpus*. E, a partir da seleção de três pronunciamentos, efetuamos quatro *recortes* discursivos, propostos na introdução: o discurso verdadeiro, o discurso do/sobre o saber/poder; o discurso político-partidário; o discurso religioso.

Tendo em vista as considerações acima expressas, os estudos teóricos que sustentaram as análises, tentamos responder as perguntas norteadoras da nossa pesquisa.

- Qual a imagem que o sujeito Déda faz do povo/eleitores?

Entendemos, a partir dos estudos realizados, que MD constrói uma imagem de homem simples, defensor da verdade, com a obrigatoriedade de ajudar o povo sergipano porque, a imagem que ele constrói do povo sergipano é de um povo humilde.

- De que lugar o sujeito Marcelo Déda se constitui?

Quando MD, enquanto sujeito que enuncia de uma FD religiosa, constrói uma imagem de seus interlocutores enquanto um povo humilde, constitui-se salvador, herói do povo, pois pretende incluir em suas ações os mais necessitados, aqueles socialmente desprestigiados. Nesse sentido, o locutor MD compartilha o discurso petista, uma vez que incorpora “os excluídos” no seu plano de governo. E, a partir do estudo acerca da biografia de MD, verificamos que, na sua infância, foi coroinha, durante certo período, na igreja matriz de Simão Dias, sua cidade natal. À luz desses dados bibliográficos, acreditamos que existe um processo de *docilidade* constituindo a sua subjetivação, através do conhecimento do saber religioso. Em contraposição, a partir do conhecimento político, filosófico, histórico, ele se constitui o sujeito *resistência*. Há, então, uma oposição de *verdades*: a verdade científica, propiciadora de *resistência*; a verdade religiosa,

disciplinadora dos corpos. Esse sujeito constitui-se igualmente porta-voz daqueles que foram vítimas de algum tipo de violência.

- A partir de quais formações discursivas, MD, enquanto sujeito locutor, enuncia?

Consoante as análises realizadas, o sujeito MD, enquanto partícipe do PT (Partido dos Trabalhadores), enuncia da FD de governador (petista) do Estado de Sergipe e reitera, desse modo, os discursos provenientes do partido pelo qual se candidatou. Observamos também que MD enuncia da FD religiosa, trazendo à tona em seu discurso enunciados bíblicos, possibilitando a *reatualização* desses enunciados, promovendo a *movência de sentidos*.

Ademais, ao trazer à tona discursos *ditos e esquecidos*, *reatualiza* tais discursos. Observamos ainda que, na medida em que recupera o tempo em o Estado de Sergipe vivia sob o jugo das oligarquias, esse gesto de *olhar o passado* remete os interlocutores a um tempo mal, ruim. Contraditoriamente, ao revelar o compromisso com o presente histórico do povo, remete seus interlocutores para a promessa de um tempo bom, próspero.

Por fim, identificamos que, o locutor MD, ao tentar dar conselhos aos seus eleitores, enuncia da FD da família, constrói a imagem de seus eleitores enquanto filhos que devem ser cuidados e protegidos, e ele enquanto pai/governante tem a obrigatoriedade de assim o fazer. Nesse sentido, relacionamos esse *gesto* ao que Foucault (2012 [1977b], 2013c) discute acerca da governamentalidade, do *cuidado de si*, da *ética de si*.

- Quais os efeitos de sentido são decorrentes desses lugares dos quais enuncia?

No que diz respeito à apropriação de teorias de outros autores, MD atribui aos seus *discursos* uma força de argumentação, haja vista o seu conhecimento filosófico, político, histórico, literário. Tal apropriação de conhecimento se configura como uma posição hierárquica, por enunciar para aqueles que desconhecem essas teorias.

Com vistas a tais constatações, observamos que os processos de subjetivação do locutor MD ocorrem na sua relação com o conhecimento, seja científico, político seja religioso. Com efeito, ora assume a posição de *docilidade*, ora a de *resistência*. E, nessa mesma interface entre o poder/verdade, poder/saber, constitui-se enquanto aquele que, a partir do *cuidado de si*, da *família*, pode se constituir um *bom governante*, *cuidador da população*.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. São Paulo: Pontes, 1999.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995/2010.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs) **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade em Torno de Bakhtin**. 2. Ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 1-9.
- _____. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto et al. (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 21-42.
- BARROS, M. E. de R. de A. B. **As marcas da polifonia na produção escrita de estudantes universitários**. Tese de doutorado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. CNBB. Brasília: Edições CNBB, s.d.
- BOBBIO, N. **Estado, Governo e Sociedade**: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BOBBIO, N. et al. **Dicionário de política**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Coleção Estudos, 20, 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRANDÃO, H. N. A subjetividade no discurso. In: NASCIMENTO, E. M. F. S.; GREGOLIN, M. R. (orgs). **Problemas atuais da análise do discurso**. Ano VIII, nº1, Araraquara, UNESP, 1994, p. 15 -26.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 2018. 518 p.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis: observações sobre memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F., FERREIRA, M. C. L (orgs). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p. 15-22.
- DANTAS, I. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DELEUZE, G. “O que é um dispositivo?” In: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega/Passagens, 1996, p. 83- 96.

DOSSE, F. Foucault e a desconstrução da história. 1. L'Archéologie du savoir. In: DOSSE, François. **História do estruturalismo: o canto do cisne**. Vol. II. Trad. Álvaro Cabral. Bauru – SP: EDUSC, 2007. p. 291 – 304

_____. **A história à prova do tempo**. Da história em migalhas ao resgate dos sentidos. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. [1969] O que é um autor? In: MOTTA, M. de B. da. (ORG). **Michel Foucault. Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Petrópolis: Forense Universitária, 2009.

_____. [1977a]. Poder e saber. In: MOTTA, M. de B. da (org.). **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 219 - 235.

_____. [1977b]. A Governamentalidade. In: MOTTA, M. de B. da (org.). **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 275-298.

_____. [1978] Diálogos sobre o poder. In: MOTTA, M. de B. da (org.). **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 247 - 260.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013b.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013c. p. 273-295.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

GREGOLIN, M. do R. V. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

_____. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. **Discurso, história e a produção de identidades na mídia**; 2016. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com.br/2016/04/discurso-historia-e-producao-de.html>

GUIMARÃES, E. A Língua Portuguesa no Brasil. in Línguas do Brasil. **Ciência e Cultura**. Revista da SBPC. Ano 57. n° 2. Abril – Junho, 2005. p. 24 – 28.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

JESUS, N. V. dos S. de. **"O senhor dos anéis: a sociedade do anel"**: entre mitos e as relações de poder/saber. 2016. 125 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2006.

MUCHAIL, S. T. Prefácio. In GROS, F. (org.) **Foucault: a coragem da verdade**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. in MUSSALIM, F.; BENTES, A. Ch. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003. p. 101 – 142.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP.: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Segmentar ou recortar. in **Linguística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Uberaba, Minas Gerais, 1984. p. 9 - 26.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à observação do óbvio**. São Paulo, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PIOVEZANI, C. Ler o discurso político: sons e imagens na produção da verdade em pronunciamentos eleitorais. **Leitura**. Teoria & Prática, v. 1, p. 12-18, 2010.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, P. J. F. **Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005**. 2008. 306 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade de São Carlos. 2008.

ROSA, G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

TAKAYANAGI, F. Y. O Direito, a Moral e a Religião. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 103, jan./dez. 2008, p. 967-990.

WITZEL, D. G. **Verdades e produção de subjetividades: um estudo sobre mulheres bíblicas no discurso publicitário**, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v15n2/v15n2a02.pdf>

WOLKMER, A. C. **Pensamento político medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino**. Revista Crítica Jurídica, n 19, jul./dez. 2001, p. 15-31.

SITES PESQUISADOS

Introdução aos estudos do discurso e a obra de Michel Foucault. <https://www.youtube.com/watch?v=EUwmCxBI4p4> (Acessado às 10h 43min, no dia 09/06/18).

Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 01 Quem somos nós hoje?
<https://www.youtube.com/watch?v=uIBfuOpNdT4> (acessado às 20h10min, no dia 10/03/2018).

Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 02 Os dispositivos.
<https://www.youtube.com/watch?v=IpMURaG9hYc> (acessado às 22h30min, no dia 10/03/2018).

As Formações Discursivas - Michel Foucault.
<https://www.youtube.com/watch?v=nG40ejxnLMU> (Acessado às 02h04min, no dia 06/02/2018).

O corpo como espaço e como posição em Foucault
<https://www.youtube.com/watch?v=0P7wNwGRHMo> (Acessado às 23h15min, no dia 08/05/2018).

Cantinho da História 37: Foucault e a Arqueologia do Saber.
<https://www.youtube.com/watch?v=LCNPkX-P9gA> (Acessado às 00h04min, no dia 16/01/2018).

Foucault por ele mesmo. <https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To> (Acessado às 23h07min, no dia 23/12/2017).

ANEXOS

Anexo 1: Discurso de posse na ALESE – Assembleia Legislativa de Sergipe, em 01 de janeiro de 2007.

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PL – Partido Liberal

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PDT – Partido Democrático Trabalhista

A utopia::’ está no horizonte’ me aproximo dois passos’ ela se afasta dois passos’ caminho’ dez passos’ e o horizonte corre dez passos, por mais que eu caminhe’ jamais a alcançarei’ para que serve então a utopia” serve para isso’ para que eu não deixe’ jamais’ de caminhar’ Eduardo Galeano ((aplausos)) (+) Excelentíssimo senhor Deputado Antônio Passos presidente’ da Assembleia Legislativa’ do Estado de Sergipe’ excelentíssima senhora desembargadora Marilza Maynard’ Salgado de Carvalho presidente do tribunal de justiça do Estado de Sergipe em nome de quem cumprimento todos os desembargadores e demais magistrados que nos prestigiam com suas presenças’ excelentíssimo senhor’ Edvaldo Nogueira querido companheiro e amigo prefeito de Aracaju’ Excelentíssima senhora desembargadora Josefa Paixão presidente do TRE a quem me atrevo’ descumprindo o protocolo de cumprimentar pelo sucesso do pleito e pela presidência correta’ com que vossa excelência dirigiu essas eleições Excelentíssima senhora Maria Cristina da Gama e Silva Foz Mendonça procuradora geral de justiça do estado de Sergipe’ as gentis palavras dirigidas a minha pessoa e a minha trajetória’ excelentíssimo senhor deputado’ e companheiro querido Francisco Gualberto que aqui representou’ os partidos que nos apoiam e a quem agradeço a generosidade’ das palavras mas peço que aquela segunda ideia tire dos meus ombros porque já há muito peso a carregar (+) excelentíssimos senhores e senhoras deputados estaduais do meu estado (+) Senador da república’ doutor Antônio Carlos Valadares’ excelentíssimos senhores

deputados federais' Jackson Barreto de Lima querido companheiro' Heleno Silva caro amigo e em seu nome também cumprimento toda família evangélica sergipana' excelentíssimo senhor deputado Bosco Costa' exemplo de dignidade cujo gesto fez história ((aplausos)) (+) caro amigo e companheiro deputado estadual Jorge Alberto' excelentíssimo senhor (+) excelentíssimo senhor' vereador Sergio Gois presidente da câmara de vereadores de Aracaju em nome de quem cumprimento todos os senhores e senhoras ((incompreensível)) que nos prestigiam com a sua presença' reverendíssimo senhor Dom Palmeira Lessa arcebispo metropolitano de Aracaju em nome de quem cumprimento o clero do meu estado ((aplausos)) (+) excelentíssimo senhor governador João de Seixas Dória ((aplausos)) (+) aquele abraço com carinho e respeito' senhores' secretários' recentemente' indicados os quais cumprimento na pessoa do doutor Nilson Lima que coordenou a nossa transição' excelentíssimos senhores ex-prefeitos de Aracaju João Augusto Gama' e Viana de Assis (+) amigos e companheiros' os quais cumprimento a todos nesta figura queRIDA de amigo' irmão e companheiro de luta José Eduardo Dutra ((aplausos)) orGUILHO da luta popular e social de Sergipe e do Brasil' senador que honrou o senado da república e presidente:: que gerou uma nova' e inesquecível fase para' a Petrobras patrimônio do nosso povo (+) meus queridos familiares' meus pais que foram a igreja não sei se vieram aqui também Manuel e Zilda minha querida Eliane meus queridos filhos Marcela Luiza Iasmin e Joao Marcelo que já não tô vendo por aqui mais' meus queridos irmãos Claudio Maria do Carmo Celma e Aparecida minha querida sogra Dona Raimunda minha querida Dona Sinhá (+) meus' amigos e minhas amigas demais autoridades civis e militares lideranças políticas do meu estado' POVO sergipano' longo foi o caminho' difícil a caminhada' MUITOS andaram na frente desbravando clareiras Jackson, abrindo' centeios afastando as pedras alargando horizontes alguns desistiram' no meio do caminho, rotulando a tarefa' de impossível mas houve outros' que deixaram as facilidades' dos caminhos já abertos' não é Maria" Jorge, Ulisses, (+) e junTARAM suas mãos as do que continuavam na difícil obra' da travessia' não foram poucos (+) eu me lembro de Paulista e de Homedise (+) ((aplausos)) não foram poucos (+) os que partiram desta vida:: deixando a obra e o sonho inconcluso' foi duro o caminho e árdua a jornada mas nós chegamos, como um marujo na gávea' já podemos enxergar no horizonte' sinais do tempo novo e anunciar' ao nosso POVO a gente' desta terra sergipana' ALVÍSSARAS meu capitão o sonho de uma geração' a espeRANÇA que alimentou TANTA luta e a fé que convocou tanta gente' é agora HISTÓRICA ((aplausos)) (+) desta nobre tribuna da casa do povo sergipano' que ocupei TANTas vezes

na condição de deputado estadual e líder de oposição, posso anunciar que a hora chegou como um coral que aguardou o momento de postar-se na ribalta a nossa geração pode HOJE comemorar o fim da travessia com os versos FORtes de Fernando Brante eternizados na melodia de Milton Nascimento' já não sonho, hoje eu faço com os meus braços o meu viver' ((aplausos)) senhor presidente' senhoras e senhores deputados' povo de Sergipe' sei que hoje não sou aqui apenas um nem me caibo na solidão do pronome eu' aqui e agora sou muitos' já nos ensinava Paulo Freire que ninguém liberta ninguém' ninguém se liberta sozinho TODOS nos libertamos juntos' hoje pela minha VOZ falam os que filhos da liberdade ergueram-se contra o arbítrio e empenharam o mais belo dos tempos a juvenil primavera onde vicejam sonhos e afloram os amores para combater o arbítrio e combater uma ditadura, pela minha boca' se pronunciavam os que tiveram o CORpo violado e a alma ofendida' abatidos na tortura, condenados sem julgamento, mortos sem lágrimas, covas sem nome' tragados pela tortura de um regime' que negou às mães como Zuzu Angel o último dos acalantos, pelos meus gestos se expressam os heróis do povo lutadores anônimos, que não tem estátuas nas praças nem nome nas ruas' estes escreveram nas páginas da história a mais definitiva das justiça e lavraram os campos do tempo a seara vermelha da igualdade' falo como governador eleito pelos sergipanos dentro de uma coligação de centro-esquerda' liderada pelos partido dos trabalhadores de Sílvio Santos' Marcio Macedo' José Eduardo Dutra' e composta pelo PSB' desta grande liderança que é Valadares' pelo PTB deste guerreiro que é Jackson Barreto' pelo PL do meu amigo Heleno e do Pastor Mardoqueu' pelo PCdoB de Edvaldo Nogueira e Bosco Rolemberg' pelo PMDB de Jorge Alberto e Benedito Figueiredo' pelos dissidentes do PSDB de Bosco Costa e Ulisses Andrade e' pelos dissidentes do PDT de Antônio Samarone e Fábio Henrique' é uma aliança AMPLA é verdade' mas quero dizer aos senhores e as senhoras mesmo levando em consideração' as limitações da conjuntura as necessidades ditadas pela correlação de forças' e as tarefas próprias do tempo presente' quem fala aqui hoje' não obstante os cabelos já BRANcos' é um homem de esquerda' democrata e socialista ((aplausos)) (+) um homem' que como Norberto Bobbio continua a acreditar que a diferença entre esquerda e direita é ainda aTUAL' e necessária neste início de século XXI a esquerda' desde os idos da revolução francesa' será sempre o CAMPO dos que defendemos a igualdade e combatemos os privilégios buscando ampliar os direitos das chamadas classes subalternas' SOU DE UMA GERAÇÃO que nasceu para a vida pública no momento em que a ditadura já se esgotava' mas a democracia ainda tímida procurava forças para erguer-se' junto com TANTOS companheiros busquei, no

movimento estudantil, as ferramentas da contestação e as missões' de amor a liberdade vivemos as ameaças de retrocesso' e convivemos com a cenSURA que agredia o bom censo e emasculava a criação artística' buscamos' na alma do povo brasileiro e sergipano as razões para RESISTir e recebemos lições de VIDA e exemplos de coragem (+) que nos fizeram abraçar a política fazendo-a NÃO instrumentos de ambições pessoais mas ferramentas de libertação coletiva, nós percebíamos MUITos anos antes de ler André Comte Sponville que não basta esperar a justiça' a paz' a liberdade' a prosperidade' é preciso agir para defendê-las para aprimorá-las o que só se pode fazer eficazmente e de forma coletiva e que por isso MESmo passa necessariamente pela política' sou filho de uma geração como representante dessa geração eu sei o que devemos as outras que nos antecederam, o fio com qual a história com paciência e tempo tece a sua multifacetada tapeçaria nos liga a outras eras, e a muita gente, nos liga por exemplo a tradição anti-oligárquica de Fausto Cardoso o grande herói urbano de Aracaju ((aplausos)) o tribuno eterno de Sergipe ((aplausos)) que sacrificou a VIDA no altar da suas ideias e fez-se símbolo exemplo para todos os que buscavam modernização política' a justiça social' a democracia e o fim dos conluíus oligárquicos' não deixa pois de me emocionar de que justo em 2006 quando a revolta de Fausto Cardoso completou 100 anos uma frente de centro-esquerda com forte apelo anti-oligárquico e indiscutível perfil mudancista, conseguisse levantar Sergipe numa revolução pelo voto produzindo a vitória que hoje me traz aqui a presença de vossas excelências para em nome do povo sergipano assumir o governo do estado trazendo no coração o compromisso democrático e popular e nas mãos a bandeira das mudanças (+) meus irmãos e minhas irmãs de Sergipe' décadas de dominação oligárquica cristalizaram na vida pública sergipana um conjunto de erros políticos vícios administrativos e desvios éticos a mesmice tornou-se matéria-prima' das ações de governo e a incompetência administrativa MUITas vezes lançou fora oportunidades históricas que poderiam ter melhorado a vida do nosso povo e avançado a marcha de Sergipe rumo ao desenvolvimento a ausência de alternância de poder permitiu que a sombra do aparato estatal germinasse uma elite divorciada do povo agindo como se fosse proprietária de Sergipe estabelecendo vínculos oligárquicos quando não hereditários de poder e sobrevivendo graças a acordões que transformando aliados de ontem o adversário de ontem em aliado de sempre buscavam impedir as mudanças e preservar privilégios falsas prioridades ditadas por interesses politiqueiros terminaram por lançarem no interior do estado um grande abandono diminuir a força da agricultura limitar a política industrial e na prática colocar em risco o futuro da economia do nosso

estado as políticas públicas perderam os seu caráter universal sufocadas pelo clientelismo e pelo assistencialismo de matriz eleitoreira a saúde pública foi entregue as condições precárias que torturam e ofende o sergipano nossa infraestrutura viária foi sucateada nossa segurança pública está vivendo uma crise de proporções gigantescas e difícil solução os interesses de Sergipe foram sacrificados nos tempo da vaidade e do personalismo o nosso Estado foi usado como uma trincheira que atingiu o presidente da república e os recurso repassados pelo governo foram escondidos da população deixando que a união assumisse o papel de bode expiatório para a frustração de algumas promessas mas eu e o meu amigo companheiro e conterrâneo Belivaldo Chagas vice-governador empossado não estamos aqui para olhar pra traz queremos enfrentar os desafios e construir junto com os poderes republicanos e a sociedade organizada os instrumentos modernos e contemporâneos que nos possibilitem a superação dos graves problemas que nos esperam é quando a lição é quando as lições do velho Mark no seu dezoito Brumário e do nosso genial conterrâneo Manuel Bomfim em sua obra “A AMÉRICA LATINA: males da origem” não permitiremos que o peso do passado oprimam nossos cérebros nem comprometam o nosso futuro, que os mortos enterrem os seus mortos voltemo-nos para a ação fecunda, demos à vida toda nossa atividade e ela nos levará para o progresso e para a vitória como leva a árvore para o alto e para a luz estamos olhando para frente e buscando desinterditar o por vir ao invés de ancorar o nosso coração no passado queremos convocar o futuro para isso é indispensável fazer do trabalho a nossa consigna da humildade a nossa marca, do amor ao povo o nosso principal compromisso, e da mudança a nossa grande bandeira (+) mudança essa foi a palavra que sintetizou os sentimentos e traduziu os ideais abrigados no generoso coração da gente sergipana a mudança transformou-se para os sergipanos e o instrumento de combate a mesmice e na oportunidade de superar o atraso e construindo o progresso dialogar com o futuro mudar não como um modismo passageiro uma troca de rostos ou de nome, mas como um câmbio de gerações uma renovação de ideias práticas e costume um gesto de fé e esperança mudar pra ser feliz e viver melhor o que a campanha eleitoral possibilitou de fato foi agregar conteúdo e substância ao verbo mudar o povo sergipano com a sua luta e a força do seu voto fez dessa palavra a tradução de um tempo novo marcado pelo desenvolvimento e pela inclusão dos exatos termos do nosso programa de governo que foi elaborado a partir de dois grandes eixos: inclusão pelos direitos através da oferta de políticas públicas e acesso universal de boa qualidade e a inclusão pela renda através do investimento privado das parcerias e do papel emulador do Estado agora rastreado numa política séria de planejamento direcionando

desenvolvimento de modo que ele seja economicamente sustentável regionalmente centralizado descentralizado socialmente justo e ambientalmente responsável eis porque mudar para nós mais do que um desejo é um compromisso alicerçado na força do povo que avalizou com seu voto a sua adequada tradução política mudar portanto será produzir políticas públicas consistente realizar investimentos necessários buscar as parcerias possíveis e resgatar o espírito empreendedor do povo sergipano com um único objetivo fazer de Sergipe um grande estado do seu povo uma gente feliz significa a mudança inverter as prioridades dirigindo o investimento público para aqueles que mais precisam não podemos e não teremos vergonha de dizer que no nosso governo os pobres serão a prioridade governaremos com todos e para todos deixando claro no entanto que a atenção prioritária é para os que mais precisam os desempregados as juventudes das periferias o sem-terra o sem-teto os idosos as crianças e os adolescentes enfim aqueles que cabem nessa palavra tão dura mas infelizmente real os excluídos mudar é modernizar a administração estadual e valorizar os seus servidores ampliando a oferta de serviços públicos e qualificando esses serviços em benefício de toda uma sociedade mudar é fazer da educação instrumento indispensável a formação da cidadania e a elevação do padrão econômico desse estado gerando benefício para o conjunto da sua gente (+) mudar é construir uma nova política de segurança pública que devolva a tranquilidade para os lares sergipanos para isso vamos nos empenhar na difícil gigantesca tarefa de organizar uma nova polícia profissionalizada sem a indevida interferência política de ((aplausos)) ((incompreensível)) (+) há vinte anos nessa tribuna travei o meu último debate como deputado estadual era o meu hexa adverso o inesquecível amigo Digenal Tavares de Queiroz ninguém mais diferente que eu um ex-líder estudantil um homem de esquerda um socialista e um general de reserva conservador mas que grande amigo que lições aprendi hoje assinei um termo, presidente com a caneta que Dona Maria sua viúva me presenteou uma homenagem a uma política com convivência a política que exige combate porque não há política sem disputa, mas a política que cobra respeito porque não há democracia sem tolerância POIS bem aqui travei meu último debate como deputado estadual eu defendendo a implementação da carreira de delegados e combatendo a tese que então era apresentada desde aquela época eu estou convencido que é um erro de nós políticos brigarmos para indicar um delegado de polícia é na prática impedir que a segurança evolua se profissionalize e ofereça tranquilidade aos nossos munícipes aos liderados as pessoas e as famílias que dependem da nossa ação política para ter um Estado eficiente nós e aqui eu falo para a oposição e para a situação nós precisamos encarnar essa

realidade que o século XXI nos exige vejam o que está ocorrendo em São Paulo e no Rio nós não podemos permitir que aquilo se alastre pelo Brasil inteiro precisamos nós os políticos com tranquilidade dizer vamos entregar segurança pública a quem entende dela os policiais militares delegados os técnicos pra que eles organizem de forma impessoal sem perseguições políticas uma força policial que dê paz a nossa gente porque nós queremos fazer uma polícia que seja equipada com a mais moderna tecnologia e educada no respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana uma polícia que não seja apenas reativa agindo quando o crime ocorre mas que sendo preventiva e possuindo bases comunitárias desencoraje o crime antes da sua prática uma polícia meus amigos que desperte o respeito dos homens e das mulheres de bem e o temor dos bandidos e dos marginais mudar é trabalhar de forma solidária e republicana com os municípios sem preconceitos político nem discriminação ideológica olhando em primeiro lugar o cidadão sem perguntar qual a opção partidária nem qual foi o voto do prefeito é descentralizar o desenvolvimento levando ao interior do estado a partir de uma política regionalizada vinculada as vocações locais atraindo investimentos estimulando os produtores e ampliando o acesso dos jovens interioranos a universidade e ao ensino técnico mudar é recuperar a nossa infraestrutura viária ampliar os investimentos e saneamento básico e buscar a preservação a melhoria e a qualidade ambiental dos nossos rios e de toda a natureza sergipana mudar é assumir diante de Deus desta assembleia e do meu povo o compromisso sagrado de recuperar a credibilidade do poder público combater a corrupção e o desperdício racionalizar as despesas otimizar os investimentos enfim dar qualidade ao gasto público o que em última análise sai dos bolsos dos trabalhadores e empresários sai do suor do trabalho da nossa sociedade mudar é combater os preconceitos contra os índios os negros as mulheres e os que tem opção sexual diferenciada é combater preconceitos meus senhores e minhas senhoras é apoiar e produzir políticas afirmativas que libertem a igualdade do terreno pantanoso e minado da retórica e a transforme em conquista social cotidianamente exercida mudar é resgatar a autoestima dos sergipanos elevando a nossa voz e falando para que o Brasil nos ouça e nos respeite não temos o direito de nos encabular diante da nossa condição de sergipanos precisamos recuperar o saudável orgulho de olhar para o mundo sem arrogância mas com firmeza batendo a mão no peito e dizendo muito prazer sou brasileiro sou nordestino sou sergipano não acredito em determinismo geográfico Sergipe é o estado de menor dimensão territorial do país mas as fronteiras do mapa jamais serão aceitas como demarcatórias da grandeza da nossa alma da dimensão da nossa brasilidade nem do tamanho do nosso talento ao longo dos séculos

honramos a nossa condição de brasileiros e oferecemos o nosso tributo a nação o sangue dos nossos pracinhas o suor dos nossos trabalhadores as riquezas dos nossos subsolos a capacidade empreendedora dos nossos empresários e o brilho da nossa inteligência deixaram a marca indelével do processo de formação do Brasil. Portanto exigiremos respeito e nos faremos merecedores do carinho com que os nosso patrícios sempre nos brindaram (+) senhor presidente, senhores deputados, vivemos tem razão o deputado Venâncio Fonseca um momento impar para Sergipe a reeleição do Presidente Lula representou uma vitória política de repercussão internacional consignando o apoio indiscutível do povo brasileiro ao maior líder popular da América Latina o operário que se fez estadista e o estadista que se fez povo traduzindo nas suas prioridades o compromisso e histórico e redenção política e social da nossa gente recente pesquisa aponta o presidente Lula como o mais popular desde a redemocratização do Brasil (+) isso lhe dá condições de construir um novo governo lastreado numa coalizão política que dê qualidade e estabilidade a sua base nos seus pronunciamentos o presidente Lula tem reafirmado o seu compromisso prioritário com os mais pobres e com as políticas públicas que enfrentem o grave problema da desigualdade regional, além disso o desenvolvimento passou a ser a palavra de ordem deste segundo mandato tudo nos leva a crer que Sergipe tem condições de se inserir de modo ativo como protagonista desse novo momento para o Brasil e para o Nordeste como governador dos sergipanos e aliado do presidente temos um programa articulado com os objetivos do governo federal e identificado com as suas prioridades buscaremos as parcerias e o protagonismo levando ao governo a união as reivindicações de Sergipe no sentido de atrair investimentos estruturantes especialmente nas áreas dos recurso hídricos, saneamento básico, infraestrutura viária, turismo, segurança, saúde e educação (+) pleitearemos nos fóruns nacionais um novo pacto federativo que reequilibre financeira e economicamente os entes federados dando-lhes as condições efetivas para que as autonomias federativas deixe de ser uma mera ficção constitucional (+) a rápida reabertura da SUDENE é indispensável para Sergipe e para o Nordeste e deverá ter o seu funcionamento garantido bem assim os recursos que viabilizaram o seu papel de agente no desenvolvimento nordestino (+) quero também reafirmar aqui a posição do estado de Sergipe e do seu governador contra o atual projeto de transposição do Rio São Francisco continuarei manifestando a nossa posição de priorizar a revitalização e lutarei com o apoio da nossa bancada para aprovar a emenda Valadares que garante recursos vinculados aos projetos revitalizadores da bacia (+ +) meus queridos companheiros, contemplo daqui a face hierática desse grande sergipano e

brasileiro que é João de Seixas Dória. Brasileiro cuja valentia cívica e devoção democrática ofereceu a matéria-prima com que a história já lhe ergueu um monumento, antecipando-se ao bronze, em fevereiro, Seixas Dória comemora 90 anos de vida (+) um ex-governador eleito em 1962, apoiou João Gullar e as reformas de base, RÉU sem crime, teve atropelado o seu mandato pela violência da ditadura militar, cassados os seus direitos políticos e foi aprisionado em Fernando de Noronha ao lado do inesquecível líder popular de Pernambuco Miguel Arraes (+) olhando agora, querido governador Seixas Dória, tenho a exata dimensão do momento histórico que estamos vivendo, eis outra vez a sutil estetitura do grande tapeceiro que inclino a musa da história (+) HÁ quarenta e quatro anos que esse Estado não empossava um governo de centro-esquerda NUNCA um governador foi eleito por um partido de esquerda como o Partido dos Trabalhadores (+) diante da história, tenho a exata noção do peso que estou recebendo por sobre os meus ombros, mas creio que a gigantesca tarefa das mudanças precisam ser encaradas na exata medida (+) não se constitui em objetivo fácil, mas também não pode ser vista como uma missão impraticável, Max Weber nos ensinava naquele opúsculo genial intitulado A Política como Vocação, que a política consiste num esforço lento e enérgico para atravessar um material compacto, isso exige o sentido das proporções e da paixão (+) a experiência histórica confirma que o homem jamais atingiria o possível se não lutasse pelo impossível (+ +) este primeiro ano será muito difícil. Será o ano da reconstrução, das reformas administrativas, da superação dos obstáculos criados com uma série de novas leis desde o último mês de outubro. Será o ano de adequar a máquina e o seu funcionamento às novas políticas de governo (+) será a hora de formalizar projetos, buscar parcerias e atrair investimentos (+) estou certo de que conseguiremos realizar os nossos propósitos, mas para isso será indispensável o apoio popular e participação decidida da sociedade (+) eu sou o resultado da luta política do meu povo, sei que sem ele nenhum poder se sustenta, nenhuma legitimidade se constrói, nem o sucesso se edifica (+) será imprescindível também a parceria responsável, qualificada e republicana entre o executivo e essa casa de leis PRESIDente, onde cumpri o meu primeiro mandato popular e de cujas lições ainda sou devedor (+) acredito na instituição parlamentar e temo sempre quando alguns, a título de purificá-la, tentam erodir o seu prestígio (+) não sobrevive o regime democrático sem o alicerce da representação da qual o parlamento é pedra principal e angular (+) as relações que pretendo manter com essa casa jamais dispensarão o respeito à sua independência e aos predicamentos dos dignos membros (+) independência e harmonia, eis os princípios mediadores, PRESIDENTA MARILZA (+)

independência e harmonia, eis aí os princípios mediadores da relação entre executivo, legislativo e judiciário, esta receita foi a própria constituição que avivou e esta fórmula será permanentemente buscada pelo governo que neste momento se inicia (+ +) minhas senhoras, meus senhores, peço-lhes agora a permissão de lhes abrir o meu coração e deixar que um pouco da emoção que quase me sufoca, possa fugir do meu peito, quem sabe, chegar à minha boca, habitar na arquitetura das minhas palavras (+) meus amigos, minhas amigas, quem hoje toma posse é um sergipano de Simão Dias, terra que comigo completa quatro governadores e com Belivaldo chega ao terceiro vice-governador (+) antes de mim o desembargador Gervásio Prata, de forma interina Celso de Carvalho e o atual senador Antônio Carlos Valadares tiveram a honra de assumir a suprema magistratura deste Estado (+) tenho quarenta e seis anos, sou neto por parte de mãe de José de Carvalho Déda, Zeca Déda, autodidata, rábula, deputado estadual constituinte em quarenta e sete, deputado estadual por três mandatos, jornalista e folclorista (+) era, no prosear roseano do grande mineiro, de uma raça de homens que o senhor mais não vê, mas eu vi ainda (+) ele tinha CONSPEITO, esse neologismo belíssimo criado pelo Guimarães Rosa (+) conspeito, consideração e peito (+) ele tinha um conspeito TÃO FORTE que perto dele até o doutor o padre e o rico se compunham (+) dele carrego o legado ou o carma da minha vocação política (+ +) por parte de pai, descendo de um camponês de Paripiranga na Bahia, Sertanejo Xisto Chagas (+) minhas avós foram Maria Arciole de Oliveira, mãe Sazinha, e Josefa Celestina Chagas (+) meu pai Emanuel estava na igreja ao lado da minha mãe Zilda, meu pai Emanuel está aqui ao lado da minha mãe Zilda (+) isso por si só atesta a generosa presença de Deus em minha existência (+) chego ao topo da minha vida pública sob os olhos e as preces dos que me doaram a luz da vida e suportaram o sacrifício que viabilizaram a minha formação, como homem e como cidadão (+) agradeço-lhes por tudo pedindo respeitosamente a benção e lhes prometo, não renegarei o nome que me legaram, e é a mais rica das minhas heranças (+) aqui também estão os meus filhos, de quem a política tantas vezes me afastou impedindo que eu pudesse estar mais perto em tantos momentos belos e difíceis das suas vidas (+) Marcela com o namorado Segundinho, Yasmim com o namorado Lucas, Luísa que não tem namorado ainda, espero, e João Marcelo, o caçula (+) vocês são a minha fortuna, vocês são o discurso da vida se impondo diante do tempo eternizando em suas faces alguns de meus traços, e espero em seus caracteres, as minhas reduzidas virtudes (+) ao abençoar-lhes, agradeço o amor e o apoio e prometo, lhes legarei um nome limpo que possa ser ostentado pelos seus filhos e pelos filhos de seus filhos com orgulho e gratidão (+ +) aqui

está Eliane, o amor que me surpreendeu maduro e que renovou minha vida, devolvendo-me paixão, emprestando a solidariedade militante e construindo no aconchego dos seus braços, o doce porto onde esse marujo cansado encontra alento e busca coragem para continuar navegando (+) Guimarães Rosa, que sabia tudo pela boca de Riobaldo nos dizia, que por amor também é que a coragem se faz (+) obrigado meu amor (+ +) o meu muito obrigado à militância do Partido dos Trabalhadores, cuja coragem e fé fez dele uma das mais belas construções da luta coletiva do povo brasileiro (+) os gravíssimos erros que sob o PT se abateram devem ser enfrentados sem qualquer concessão ou desculpa, os resultados eleitorais, os resultados de votação que reelegeram Lula e elegeram cinco governadores, além de deputados federais e estaduais, não podem ser lidos como anistia para os erros, mas como oportunidade histórica de começar de novo, refazendo do PT o QUE ELE SEMPRE foi (+) um exemplo na vida pública da República brasileira (+) para todos os dirigentes e líderes interioranos e da capital, a todos os militantes e dirigentes aliados que conosco se somaram nessa luta histórica, a minha gratidão e o meu compromisso de estar ao lado de vocês nos novos embates que a democracia e a vida nos reservam (+) senhor presidente, senhoras e senhores deputados, aqui e lá fora estão os pais e as mães, os filhos e as filhas do povo de Sergipe, os responsáveis, cheio de amor, de confiança, de amizade e de respeito (+) hoje sou governador pela graça de Deus e pela vontade do povo, chego ao governo do Estado com o voto a esperança e as preces dos vaqueiros dos pescadores dos operários dos estudantes das rendeiras dos empresários dos poetas dos desempregados dos motoristas dos policiais dos marchantes dos servidores públicos dos alfaiates dos padres e dos pastores, das empregadas domésticas dos sapateiros dos pequenos proprietários dos profissionais liberais dos roceiros dos sem-terra, dos bancários, dos jovens e ancião, dos músicos e artesãos, de homens e mulheres, enfim, dos sergipanos DE TODOS OS LUGARES, de todas as cores de todas as profissões e classes sociais (+) lhes peço que fiscalizem o meu governo e cobrem do governador (+) se eu errar, corrijam-me (+) eu não tenho compromisso com o erro, não lhes peço paciência, vocês já tiveram tanta paciência, peço-lhes apenas compreensão (+) o tempo do meu mandato é quatro anos, lembre-se do Eclesiastes, há tempo para tudo sob o sol, antes de colher é preciso deixar que a semente germine que a planta se fortaleça e que o fruto naturalmente desabroche (+) meus irmãos sergipanos, chega ao fim esta oração (+) não nos dispersemos, pedia Tancredo, o atraso ronda sorrateiro, lança pedras sobre o nosso caminho e tentará perturbar a nossa caminhada (+) lembrem-se de Drummond, no meio do caminho havia uma pedra, são muitos os obstáculos que

precisamos remover e removeremos juntos povo e governo (+) podemos hoje, sergipanos de um novo tempo e de um novo século assumir o desafio de retirar as pedras do caminho e abrir novas estradas para o progresso a paz a prosperidade e a felicidade usando a simplicidade dos mais sábios com o mais singelo dos instrumentos que o criador nos dotou, com as palavras de Drummond, duas mãos e um sentimento do mundo (+) sergipanos e sergipanas, peço as suas orações ao Deus de Israel, o Deus dos nossos pais e dos pais de nossos pais, que me dê a sabedoria e humildade para que eu possa honrar o mandato que eu recebo (+) que Deus proteja Sergipe e abençoe a todos os sergipanos (+) VENCEMOS E VENCEREMOS, VIVA A SERGIPE

Anexo 2: Pronunciamento do Governador Marcelo Déda na formatura dos alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior – 18/01/2011

ILBJ: Instituto Luciano Barreto Júnior

Meus caros amigos minhas caras amigas boa noite (+) querida amiga:: Maria Celi Barreto' presidente do instituto' Luciano Barreto Júnior caríssimo amigo' Luciano Barreto' curador tecnológico do ILBJ' familiares' dos jovens' que hora conclui seu período do ILBJ' meus senhores e minhas senhoras' muitos' já cederam' ao impulso, de querer entender o que é a eternidade, (+) esse tempo' sem TEMpo (+) essa era que engloba:, todas as eras' filósofos' religiosos (+) cientistas' buscaram entender' onde começa e onde termina o universo' quando surge e como desaparece' as coisas no mundo' e na existência' sem dúvida' que muita TINta será consumida muitas palavras serão ditas' muitas aulas' serão pronunciadas e dificilmente se chegará a um consenso' sobre o conceito do tempo ou sobre o conceito de todos os tempos que é a eternidade (+) mas a nós que pisamos o solo da terra (+) sempre' aparece' em forma de angústia' em forma de inquietação' em forma de dúvida' essa questão' como ser eterno" como ser lembrado" como permanecer' no convívio' da nossa comunidade" da nossa família" dos nossos amigos" mesmo naquele momento em que nós não estivermos mais aqui' qual é a fórmula" pra que nós possamos ser lembrados com um sorriso" um sorriso de satisfação (+) que uma pessoa' desenha no rosto quando se lembra de alguém' com quem conviveu e de quem gostou (+) e de quem aprendeu (+) e com quem saiu mais fortalecido' na convivência' qual É o misTÉRIO da lembrança permanente" qual é o mistério' da eternidade possível e compreensível por todos nós homens e mulheres' talvez SÓ uma palavra' possa resolver esse mistério' e essa equação' é a palavra aMOR' SÓ a palavra

amor tem um condão' possui a magia' de nos oferecer a possibilidade de sermos eternos (+) o AMOR que nós formos capazes' de transmitir' aos OUtros (+) sejam eles a nossa família' os nossos amigos' ou os nossos desconhecidos, ou a nossa comunidade' o amor por exemplo' que move alguém a ir no supermercado comprar um pacote de fraldas e' levar num posto de arrecadação pra que aquela fralda seja enviada lá pra Teresópolis' lá pra Petrópolis' pra vestir uma criancinha que você nunca vai ver, nunca vai colocar no colo, nunca vai dar uma beijo, o AMOR que nós temos pela nossa comunidade' pelo nosso país' o amor que nos move (+) no sentido: de preservar' a liberdade' de preservar a democracia' de lutar pela igualdade (+) talvez' esse amor::' como sentimento individual ou como sentimento coletivo seja a única possibilidade de nos manter eternos' na lembrança' e no coração' daqueles que nos conheceram, (+) querem uma prova'' (+) o dia de hoje' é um dia' que celebra:' a eternidade da presença' de Luciano' Barreto' Júnior' MUItos de vocês não conheceram, Luciano Barreto Júnior (+) talvez' Todos vocês (+) sejam' pessoas' desconheCIdas pra aquele rapaz que viveu entre nós até pouco tempo atrás' eu chego a apostar que nenhum de vocês conviveu com ele' teve a oportunidade de vê-lo de conversar' de cumprimentá-lo de trocar uma palavra, mas' o cotidiano de vocês foi mudado por Luciano' Barreto' Júnior, foi muDAdo pela inteligência' pelo idealismo' pela capacidade empreendedora' pela visão moderna' de um jovem empresário que os pais prepararam' junto com os demais familiares pra conduzir as suas empresas' e' que de uma hora pra outra teve que sair desse/ dessa dimensão pra outra' deixando seus pais mergulhados na saudade (+) e de repente esse homem que vocês não conheceram, (+) se transfoRMOU' numa POssibilidade de serviço e de amor' a partir da forma que eu repito aqui' os pais encontraram para torná-lo eterno fazer da DOR amor, e não um amor egoístico' um amor de culto pessoal' os pais poderiam simplesmente encher a casa com as fotos' de Luciano Barreto Júnior' poderiam simplesmente' visitar quotidianamente' o local' onde' o seu corpo' foi depositado LER eternamente as cartas que por acaso ele tenha escrito' visitar os amigos que ele teve' e curtirem de maneira egoística esse amor, mas o aMOR ou é compartilhado ou não é amor (+) porque o amor não combina com egoísmo, seja um amor/ mesmo quando é um amor com uma única pessoa o amor que me liga a minha mulher Eliane aos meus filhos' a gente tem praZER em viver esse amor intensamente como vocês também têm, (+) eu nunca vi namorado' não querer ir pra praça passear com a namorada (+) só se tiver namorando alguém escondido' mas se tiver vivendo um amor pleno' um amor completo' vai pra praça' vai pro cinema' vai pra balada' com a namorada porque tem a alegria de compartilhar esse amor' tem felicidade

de ver as pessoas' oLHANdo o amor que essas pessoas vivem' então' Luciano e Celi' as suas filhas' os seus netos' os que fazem' esta empresa tão importante pra economia sergipana DECIDIRAM viver' este amor de forma compartilhada e quando' TOMARAM essa decisão' para ALÉM da explicação religiosa para ALÉM da explicação' científica mas apenas pela explicação da vida' tornaram' Luciano' Barreto' filho' eterno' cada jovem desse' se viverem cem cento e vinte anos porque no futuro a vida vai ser enlarguecida cada jovem desse' se lembrará' que passaram um ano das suas vidas num instituto chamado' Luciano' Barreto' Júnior' ((aplausos)) e quando esses meninos forem mais velhos ((aplausos)) (++) e quando essas meninas forem mais velhas' e nós LUCIANO' não estivermos mais aqui também (+) um certo dia' eles' JÁ de cabelos brancos' brincando com os netos' se lembrarão:: dessa noite' aquele rapaz que dançou aqui' é rip rop" é street dance não é" fez aquele ((gestos com o corpo)) aquele lance lá ((o auditório conclamou com entusiasmo aos gestos do governador)) ((o governador age de modo descontraído)) todo agitado ali' pois esse jovem' um dia vai tá com o neto no braço e vai ver alguém dançando na rua e vai dizer ao neto olhe, uma VEZ numa certa noite' num local muito cheio de pessoas' eu com os meus amigos celebrava' a conclusão (+) de um projeto educativo de um instituto chamado' Luciano' Barreto' Júnior, E AQUELE NETO' com seus dez quinze dezesseis anos vai perguntar' vovô' que ERA Luciano' Barreto' Júnior" (+) e o avô dirá (+) e mesmo que o avô não DIga e mesmo que ele apenas' quem SABE um filho guardando as coisas do pai' daqui (+) a sessenta setenta anos encontra lá' um papel' um diploma um certificado' com o nome do pai e o nome do instituto e vai correr pro computador' e vai entrar no google' e vai querer saber quem foi Luciano' Barreto' Júnior' então Luciano' o amor dos pais' amor transformado em amor coletivo' e amor coletivo consolidado de forma organizada' inteligente e articulada em responsabilidade social' tornaram' Luciano' Barreto' Júnior' eterno, (+) PARA ALÉM da dimensão do espírito, que é tarefa de Deus' mas na esfera dos homens' no campo da história' pela obra do bem' pela obra do amor' Luciano' Barreto' filho' é' um' ser' eterno, pelo carinho que vocês têm pela memória deles' e pela força' de fazer essa memória' doação a todos eles' no dia' ou na semana' ou no mês' em que se CELEBRA o aniversário de Luciano Júnior quem GANHA é cada' um' de vocês' um PRESENTE que ninguém vai tomar de vocês' o presente do saber' o presente da convivência' o presente da fé em si próprio da autoconfiANÇA da capacidade de olhar O FUTURO' sem MEDO de olhar pra gente e dizer' NADA É IMPOSSÍVEL PRA MIM porque eu sou brasileiro, e por que eu SEI o que quero' e porque eu tenho força de vontade pra vencer' o desafio' da pobreza::

pra vencer' o desaFIO das condições de vida preCÁRIAS' pra vencer' o desaFIO' da violÊNCIA' pra vencer' o desaFIO' dos apelos das drogas e com a minha participação cidadã' com a minha luta concreta como trabalhador como trabalhadora como jovem EU vou conquistar o meu espaço DENTRO da história de um país que cresce' e de um povo que se afirma' na sua grandeza' como nação brasileira, ESSE é o presente que vocês estão ganhando hoje, é um peDAço da vida de vocês que tá se consolidando' hoje, e esse PEDAÇO pode fazer também de cada um de vocês uma pessoa' eterna' quem sabe Luciano' não chegará o dia' que da sacada daquele palácio' tomará posse uma jovem ou um jovem governador que vai se lemBRAR que estudou' no Instituto' Luciano' Barreto' Júnior (+) é ESSA a beleza da história' ela não vem feita' nós a construímos, a construímos com LUTA' COM CONSCIÊNCIA SOCIAL' COM CONSCIÊNCIA POLÍTICA' mas também' com muito amor, o amor é o CIMENTO que nos liga a história' que nos liga a vida' que nos liga a possibilidade de construção' de futuros melhores portanto' ao vir aqui mais uma vez' trazer o meu abraço' a esses dois queridos amigos' trago' em nome do governo do estado de Sergipe' o nosso RECONHECIMENTO' pelo extraordinário trabalho que vocês fazem' pelo bem que fazem a esses meninos e a essas meninas' pela oportunidade que DÁ' a cada um deles' pelos HORIZONTES que vocês acabam de abrir pra todos eles (+) agradeço' pelo BEM que vocês fazem a Sergipe fazendo esse bem' diretamente' a esses jovens sergipanos e a essas jovens sergipanas' mas agradeço também' pela' HOMENAGEM que vocês prestaram' a essa grande instituição que é o colégio Estadual Atheneu Sergipense' que completou cento e quarenta anos, tenho ORGULHO de dizer' que do mesmo modo que Luciano Barreto' eu sou ex-aluno' do Atheneu' estudei no Atheneu, entrei lá em setenta e TRÊS chegado de Simão Dias, saí de lá::' em mil novecentos e setenta e nove, porque passei no vestibular' para o ano de oitenta' na Universidade Federal de Sergipe (+) e naquele ano passei em segundo lugar pra direito' graças ao trabalho dos professores' e ao significado do Atheneu na Minha vida, então eu quero agradecer a TODOS vocês' aos dirigentes' e aos jovens do instituto por essa bela' homenagem que fazem ao nosso QUERIDO Atheneu Sergipense um centenário colégio com uma grande folha de serviços' prestados' a história' do nosso Estado e por fim mas não menos importante' eu quero agradecer pelo EXEMPLO que a construtora Celi dá, em atos como esse (+) nós vivemos num país onde há uma tradição secular' o governo é culpado de TUDO se chove muito é culpa do governo se chove pouco é culpa do governo também' há uma tradição que NÓS jogamos sempre' a responsabilidade sempre por tudo' em cima do governo, é CLARO que o governo tem

GRANDES responsabilidades e que o governo tem que ser cobrado' não há governo BOM sem cobrança' não há governo BOM sem sociedade organizada' não há governo BOM sem cidadão consciente dos seus direitos' e do seu' indecliNÁVEL DEVER' de exigir' de cobrar' de querer mais' mas é preciso que nós compreendamos' que uma sociedade não é feita só de governos' a sociedade é quem FAZ os governos ela não é feita por eles, é preciso' que nós tenhamos exemplos' de pessoas que PODENDO ajudam e contribuem com o Brasil e com Sergipe (+) a responsabilidade social da empresa Construtora Celi é uma referência' que já é seguida por outros' nós conhecemos várias iniciativas o Instituto Oviedo Teixeira e tantas outras iniciativas que são praticadas por grandes empresas sergipanas' mas esse exemplo precisa se multiplicar cada vez mais as empresas que praticam responsabilidade social precisam divulGAR' pra contaminar todo mercado mostrando que elas' não têm apenas um dever com os seus acionistas' não tem apenas um objetivo com a produção dos seus lucros' elas têm também um dever com a sociedade onde estão integradas' com a cidade onde trabalham' com o estado a que pertence' com o país onde praticam as suas atividades econômicas' portanto' eu quero' cumprimentar' parabenizar' o Instituto' Luciano' Barreto' Júnior' quero' cumprimentar todos' os educadores que ajudam na tarefa de ABRIR horizontes pra esses jovens, e quero abraçar cada' menino cada menina dessa galera' parabéns' valeu' meus parabéns a todos vocês ((aplausos)) (+) parabéns ((aplausos)) (+) e quero' quero pedir um favor a vocês' me manda aqui' a menina que falou a futura engenheira florestal cadê ela''(+) oh ela ali tá vindo ali' cadê o cara do rip rop'' como é o nome dele o guri do rip rop'' do/ o da street dance, LUCAS' cadê você Lucas'' eu não vou poder abraçar cada um de vocês' mas eu queria' abraçar cada um de vocês' pra passar energia, e pra também recolher a energia de vocês' então eu quero cumprimentar todos na figura desses dois' meninos aqui' cadê o Lucas''((cumprimenta a moça que foi aprovada em Engenharia Florestal)) (++) ela é aluna do Marcos Maciel' e passou pra Engenharia Florestal' vai defender a ecologia' o meio ambiente e as florestas dos Brasil depois que se formar engenheira ((volta a parabenizar a moça) (++) ((aplausos)) paz e bem, pra você' pra sua família' e pra todos vocês' pra todas as meninas' que hoje tão vivendo num país governado pelas muLHERES através da presidenta Dilma Roussef' então meu beijo' pras meninas que estão aqui' e que vão ajudar DILMA a fazer do Brasil um país melhor parabéns' ((aplausos)) (+) e cadê o cara'' acharam o nosso dançarino aí'' aí (+) você não vai ganhar beijo não ((fala com o rapaz que foi chamado, de maneira descontraída)) ((faz, ao lado do rapaz, alguns gestos corporais do Street dance)) ((é conclamado pelo auditório)) (1,8) eu quero abraçar:::

TODOS os meninos aqui na figura do Lucas' o Lucas dançou aqui uma dança que' nasceu nas ruas por isso que é chamada de street dance' nasceu nos bairros negros dos Estados Unidos da América' nasceu LÁ onde havia pobreza' onde parecia que não havia futuro se não na droga e no crime' e sabe como é que os jovens negros responderam'' aqueles jovens que não tinham oportunidade' eles invenTARAM um movimento chamado rip rop' inventaram um tipo' de canção nova o rep' que é em inglês Rhythm and Poetry ritmo e poesia' e fizeram dessa luta/ dessa música' uma música de luta' de afirmação de valores' da juventude negra americana e HOJE se disseminou pelo mundo' eu chamei ELE porque vocês precisam' aprender' que nada na vida é impossível' de ser superado' não deem o braço a torcer, então a garotada' a rapaziada' as meninas e os meninos' aprendam' que TUDO é útil pra vencer' que tudo serve pra nossa afirmação' que tudo serve pra construção do nosso futuro' inclusive' no meio da rua' com o som/ aquele rádio aqui/ aquela RADIOLA carregada no ombro' brigar com a vida dançando' você não pode é DANÇAR diante dela' mas deve' dançar com ela' então meus parabéns ((com um abraço, parabeniza novamente o rapaz)) ((é conclamado pelo auditório)) (++) pra vocês todos um feliz' dois mil e onze' que Deus proteja o Brasil' que Deus proteja Sergipe' e vocês, CAIAM NA VIDA E GANHE ESSA LUTA' BRIGADO

Anexo 3: Pronunciamento de Marcelo Déda Sobre A Solenidade de Sanção da Lei do Proinveste, em 13/05/2013

BNDES: está escrito com letra maiúscula por que é uma sigla.

DEM: Está sendo usado com letra maiúscula por que é uma sigla.

União: entidade federativa autônoma em relação aos Estados-membros, Municípios e Distrito Federal, possuindo competências administrativas e legislativas determinadas constitucionalmente.

[...] na Assembleia (+) Legislativa de SerGIpe' (+) em nome de quem peço permissão (+) pra cumprimentar (+) TODos' os deputados estaduais aqui presentes (+) das bancadas de apoio ao governo e das bancadas que fazem a oposição sintam-se vossas excelências todos e cada um' devidamente saudados (+) cumprimentados e abraçados por esse amigo (+) Excelentíssimo senhor doutor João Alves Filho ((incompreensível)) vivendo e aprendendo ((fala alegremente)) (+) ((incompreensível)) Caríssimo (+) caríssima companheira' Eliane Aquino minha esposa primeira dama do estado e secretaria de

inclusão (+) e agora' dando hora extra de cuidadora' esse cargo eu dei, (+) meu querido amigo Zé Carlos Machado' vice-prefeito de Aracaju em nome de quem quero cumprimentar os vice-prefeitos aqui presentes ((incompreensível)) amigo Glá' ex-deputado federal em nome quem quero cumprimentar todos os políticos que já exerceram' mandatos (+) populares (+ +) eu me prometi falar pouco prometi a Eliane Aquino que é pior que prometer pra mim mesmo porque eu nunca cumpro' mas se eu prometo pra Eliane eu tenho que cumprir (+) Eu queria iniciar (+) esse discurso, lembrando de dois episódios' um da história' aliás os DOis episódios da história' um do século XX e o outro do século XIX (+) envolvendo dois estadistas (+) os quais' independente do julgamento de mérito que nós tenhamos' sobre eles (+) foram homens' que marcaram de forma indelével os seus países e a humanidade (+) a cidade de Moscou' na atual Rússia tem uma avenida MUito grande' assim como a nossa rua Itabaiana pega a Itabaianinha e vai embora, ou a rua de Lagarto vai atravessando ((gestos com as mãos)) (+) e é uma avenida' reta' quem sai' da sua origem' e segue o seu traçado não tem como se perder porque ela é em linha reta e vai dar no mesmo lugar sempre (+) uma vez' o líder Bolchevique perguntou a Lenin (+) a razão (+) da políticaa' do governo soviético ter' mudado' feito, flexões" o porquê do acordo de brestovski onde a então União Soviética CEde parte do seu território para:: os inimigos que combatia" o porquê' da nova política econômica' a NEP' que abria espaços' ainda que pequenos' pra iniciativa e pro capital privado em especial no campo" e Lenin' com a experiência de quem liderou uma revolução dura e sangrenta, disse' camarada (+) a política' não é a Avenida Nevsky' não é uma linha Reta:: sem atalhos' onde você caminha sempre sabendo que sairá no mesmo lugar (+) o outro episódio' eu não sei' se ocorreu da forma como vou contar' mas foi dessa forma que Steven Spielberg apresentou (+) no belíssimo filme Lincoln' que faz a biografia do maior dos presidentes dos Estados Unidos da América (+) Abraham Lincoln (+) Lincoln (+) na campanha do senado' tinha admitido' que numa federação ao estilo' da americana' era possível (+) a um estado' requerer' a sua secessão a sua separação da União' quando chegou a presidência precisou enfrentar o dilema da guerra civil (+) e afirmou o contrário' disse que a união era indissolúvel (+) e enfrenTOU os confederados' irmãos do mesmo país' a força' da bala da baioneta e do canhão no maior DRama e na maior tragédia da história americana (+) Pros senhores terem um exemplo' SÓ na guerra civil' 600 mil americanos morreram' soMANDo-se todas as outras guerras que os Estados Unidos participaram aTÉ a data de hoje' esse número não foi alcançado, (+) morreram mais americanos em cinco anos de guerra civil, do que' nos quase 200 anos em que os

americanos entram em briga com guerra (+) pois bem' a guerra pra findar-se' à hegemonia do norte estabelecida no campo de batalha (+) o grande Lincoln percebe que ou ele mandava a emenda da emancipação ou depois de fim da guerra' haveria uma acomodação' no processo de reconstrução nacional e T Odo sangue derramado teria sido em vão, porque' os estados do sul iriam ser reincorporados a União e iriam' era o clima' manter a escravidão nesse estado' e ele enfrenTA uma conjuntura hostil (+) uma conjuntura difícil, (+) de um lado convencer' os republicanos' conservadores' que queriam a paz com o sul a qualquer preço pra acabar a guerra' do outro' manter o apoio' dos republicanos radicais' que tinham um programa' de reconstrução que implicava' libertação dos escravos' direito de voto' desapropriação de fazendas daqueles que apoiaram a guerra civil' uma reforma agrária pra distribuir com os negros' as terras dos confederados que apoiaram a guerra civil, (+) Spielberg traz pra dentro da cozinha da Casa Branca' um cenário extraordinário' (+) o GRANde líder' dos radicais republicanos' e o velho Lincoln' num dos diálogos políticos mais marcantes da história do cinema (+) o líder radical disse' NÓS' Presidente, temos um programa pra reconstrução' nós não vamos recuar (+) nós não queremos apenas que se declare a emancipação dos escravos' nós queremos indenizações' nós queremos (+) prisão pra todos que participaram da guerra' nós queremos exílio pro governo dos confederados' nós queremos' que sejam (+) as terras confiscadas' as riquezas confiscadas pra indenizar a UNIÃO e para fazer a distribuição de terras com os escravos' sabe porque presidente'' porque os americanos' têm' sempre' uma bússola no coração e se guiam por essa bússola (+) Lincoln' paciente e sábio' diz é verdade' ninguém consegue' o seu objetivo sem uma bússola (+) a bússola mostra' onde nós queremos chegar, mas a BÚSSOLA não nos adverte' dos buracos da estrada' dos pântanos' dos precipícios dos desfiladeiros (+) dois estadistas' duas histórias (+) mas a mesma capacidade de compreender' que a política se opera sobre a história' e a história é móvel' a história não é paralisada (+) Quem faz política sem BÚSSOLA' sem um proGRAMa' sem uma visão de MUNdo' sem um desejo de serVIR' sem a compreensão da missão' quem não tem princípio na POLÍTICA quebra a cara no primeiro poste' porque não sabe pra onde vai' LUTA pelo poder pelo poder ou pelas benéncias que o poder propicia (+) sem bussola não há política' sem princípio não há política' sem rumo não há política' Quem não tem bússola na política' é como dizia Sêneca' há dois mil anos atrás' é um barco para o qual nenhum vento serve' porque não sabe o ponto onde vai parar (+) mas quem pensa que só com a bússola' chegará ao seu objetivo não entende que entre o dia de hoje e o dia do objetivo tem uma estrada a ser trilhada' é o que Marx

Weber chamava' a ética da responsabilidade e a ética da convicção' essas duas éticas têm que residir na consciência do político, político sem convicção' é papel que se dobra e depois o vento leva' não deixa marcas' não interfere na história' não INSPira a juventude' não constrói seguidores, (+) político tem que ter convicção e convicção não se negocia' porque convicção é princípio (+) mas o político tem que ter responsabilidade' e a responsabilidade é a capacidade' de manter o NORte' conservar a sua convicção' mas operar no presente' a flexibilidade e a responsabilidade impõe' pra dar o próximo passo' se Lincoln não tivesse feito' o que fez' a guerra terminaria sem abolir a escravidão' MESmo abolindo pela emenda escravidão, a obra completa levou CEM anos para ser feita no governo de Lyndon Johnson' quando acabou-se de uma vez por todas a segregação de escolas e espaços públicos no sul dos Estados Unidos, CEM anos' e se não fosse a emenda' talvez ainda hoje' tivéssemos uma América conflagrada' um apartheid' uma separação odiosa entre os de pele clara e os de pele escura (+) falei muito desse introito pra falar um pouco do que importa' e que todos os senhores já estão cansados' de saber e de acompanhar (+) O Proinveste (+) é um programa (+) do governo federal' que disponibilizou 20 BILHÕES de reais, para que os estados pudessem superar a dificuldade da crise econômica' liberando recursos do seu orçamento pro custeio da folha porque não tem dinheiro para investir' e usando DINHEIROS' das entidades de crédito da União e do tesouro nacional pra sustenTAR os novos investimentos' pra fazer isso o governo federal ofereceu condições ex-tra-or-di-ná-rias de credito, (+) SEIS por cento ao ano (+) SEIS por cento ao ano contando os juros e' os encargos' adicionais' em VINTE anos' pra pagar Isto é' foi feito um desenho' que como disse a presidenta DILma ao prefeito João Alves Filho, só teve um objetivo' não deixar Alagoas de fora' e Alagoas é do PSDB, (+) se ela fosse mais rigorosa' Alagoas não tinha capacidade de pagamento' não era Sergipe' que tem plena capacidade de pagamento' tá usando METAde da sua capacidade de pagamento, nós podíamos pedir tudo o que já pedimos de novo e não estaríamos em situação fiscal arriscada (+) foi pra garantir que Alagoas do PSDB' governada pelo meu amigo Teo Vilela' não ficasse de fora do programa disse a mim não' disse ao prefeito João Alves Filho (+) Sergipe não poderia ficar de fora' não poderia desperdiçar quinhentos milhões de reais pra investimento direto' e foi isso que nos moveu a mandar na Assembleia (+) ENTÃO o Proinveste é o nosso norte' mas a nossa caminhada teria que ser feita levando em conta uma realidade inexorável de democracia' o governo' não' tinha' maioria' na assembleia' legislativa' (+) e como aprovar (+) sem convencer a oposição" sem prestar esclarecimento aos seus líderes de que não se comprometeria o

futuro de Sergipe” até porque a capacidade de endividamento do estado a cada ano que passa vai ampliando porque aumenta o orçamento’ então ainda quatro ou cinco governadores que vierem’ terão’ a não ser que haja um momento de total descontrole’ mas se houver o mínimo de controle’ por longo prazo’ Sergipe terá sempre uma capacidade razoável’ de endividamento, mas era preciso explicar’ e nós buscamos explicar’ e fomos construindo as condições’ no primeiro momento’ que eu considero que foi muito marcado pelo fim das eleições municipais’ onde o radicalismo da disputa é da própria cultura política’ as coisas ficaram difíceis’ e o governo sofreu uma derrota (+) no dia em que a votação foi feita eu me encontrava em Brasília’ em reunião do BNDES’ pela manhã’ e em reunião com a presidenta Dilma pela tarde’ e relatei a ela que nós não iríamos requerer o Proinveste e pedi que ela me ajudasse de outra forma’ obviamente que não no mesmo valor’ com o mesmo valor’ a enfrentar as dificuldades e ela disse’ Deda’ não desista’ volte a Sergipe’ procure as lideranças da oposição (+) BUSque’ reapresentar ou em sessão extraordinária, ou em nova sessão legislativa, eu vim’ e deflagrei o processo (+) HOJE nós estamos comemorando aquilo que tava escrito’ a Vitória de Sergipe (+) hoje é um dia RArro na política de Sergipe, porque não há vitoriosos’ nem há derrotados’ HOJE é um dia de celebração da política com P maiúsculo (+) a política:: que não SERve’ a nós’ mas que nos transforma em servidores do povo, (+) eu me senTEI’ com os meus companheiros’ da base do governo’ que cumprem uma tarefa muito mais difícil que a minha na relação com a oposição’ porque eu tô no gabinete’ e quem tá na assemBLEIA duelando diariamente defendendo o governo’ são os deputados da nossa base’ pra eles é difícil’ no cotidiano’ construir’ soluções’ que possam ser interpretadas’ como’ fragilidade do governo’ e eles muito mais por mim governador e pelo projeto que eu represento’ se EXPÕEM’ e eles’ me autorizaram a fazer’ a negociação, eu não faria a negociação desprezando os meus companheiros’ nem abandonando os meus amigos’ porque não é o meu estilo’ eu não deixo saldado FERIDO nas minhas batalhas’ eu vou buscá-los, (+) e recebi o apoio da minha bancada’ e recebi o apoio do vice-governador Jackson BARRETO’ que se encontra agora em Lagarto me representando na reinauguração’ alias’ na inauguração da biblioteca do Campus de Lagarto de medicina e na assinatura da ordem de serviço’ da avenida de acesso àquela nova Universidade de Sergipe’ compromisso que eu tinha assumido com o reitor’ mas que em função do Proinveste’ fui obrigado a cancelar (+) CONVERSEI’ com o senador Valadares’ querido amigo e companheiro’ a quem respeito e escuto’ e dele recebi a autorização’ do PSB e o apoio do PSB’ pra que’ deflagra-se o processo de negociação (+) Conversei’ com o ex-prefeito’ Edvaldo

NOGUEIRA e disse a ele' considero o prefeito João Alves Filho um elemento fundamental nesse diálogo' seja pelos deputados do DEM' seja pela própria experiência política que doutor João Alves representa' você' tá numa fase de transição' você' é quem vai entregar a chave da prefeitura à oposição eu quero lhe ouvir' se isso lhe causará problemas' se isso lhe constrangerá' e Edvaldo Nogueira disse' faça' o que for melhor para Sergipe' (+) eu não entrei nessa negociação' voluntariosamente' eu entrei nessa negociação ouvindo a minha base' e os partidos que sustentam essa coligação' EU CONVERSEI com o presidente do meu partido' Rogério CARVALHO pra relatar os passos que ele ia dar pra construir a negociação' e dele recebi como' presidente da minha legenda (+) a palavra de apoio' e tomei' as medidas que precisavam' em primeiro lugar' fiz contato e recebi a generosa compreensão (+) do prefeito de Aracaju João Alves Filho' é meu dever registrar' que foi o primeiro interlocutor da oposição' que eu me sentei pra conversar' com o auxílio luxuoso' do vice-prefeito José Carlos Machado (+) na conversa::: e os senhores sabem que eu e o doutor João Alves' disputamos desde que eu botei a cara na política (+) então eu só conheci o doutor João Alves de solenidade oficial' de debate na televisão' e de' troca de' bombardeio em campanha' não sabia como ia começar a conversa' se oferecia café quente ou suco de caju gelado' ((risos)) não sabia como é que eu ia, ((gesticula com as mãos)) (+) ofereci os dois que de besta também eu tenho pouca coisa ((risos)) (+) Conversamos' e eu me surpreendi com a abertura que' o prefeito de Aracaju colocou' dialogamos' ((o microfone saiu do lugar, tornando o áudio incompreensível)) uma medida de emergência na assessoria' ((risos)) (+++) ((incompreensível)) pois bem' é:::: encontrei boa vontade' encontrei também uma posição consequente' e eu não tenho medo de posição consequente' governador' sou parte da coligação' opositora' foram meus aliados na eleição' municipal' e eu não negociarei sem comunicar' sem dialogar' sem ouvir aqueles' que me apoiaram' e eu achei consequente porque eu fiz assim também, (+) DEPOIS (+) o prefeito' me disse que' tinha pedido uma audiência a presidente Dilma' se eu poderia' mediar' e até se eu poderia acompanhá-lo' eu digo é uma honra pra mim se não for constrangimento para o senhor, eu vou com o maior prazer' e fui pra audiência' e na audiência a presidenta Dilma tomou a INICIATIVA de fazer uma convocação (+) lastreada não numa relação vertical (+) mas' das lembranças que ela tinha dos diálogos' e da relação com o então governador' quando ela era ministra' das minas e energia' o diálogo fluiu com facilidade' DEPOIS doutor João disse' se o senhor me permitir um conselho governador' procure a presidenta Dilma (+) e eu no dia seguinte bati na porta da Assembleia' e pedi uma audiência e lá fui

receBIDO com extremo respeito' com extrema consideração pela deputada Angélica' que é uma das grandes responsáveis também por esse momento (+) feito isso' tive a oportunidade de fazer um apelo direto e pessoal ao senador Eduardo Amorim' quando' de uma solenidade do Instituto' Luciano' Barreto Junior (+) alguns disseram' que foi um gesto' de fraqueza (+) eu como li os evangelhos' sei que os gestos mais fortes à primeira vista parecem fraqueza' perdão parece fraqueza' o amor parece fraqueza' a compaixão parece fraqueza' e é preciso ser mui::to FORTE pra fazer as coisas que devem ser feitas (+) a Angélica pedi' que fosse' a mediadora' como presidente da casa na relação com a bancada' de oposição' NÃO FUI SÓ' NÃO FUI ESCONDIDO' NÃO FUI DE NOITE' NÃO FUI DE MADRUGADA (+) fui com o líder da bancada do governo, e com a primeira secretária então da Assembleia Legislativa Conceição Vieira' apenas num certo momento tive um diálogo pessoal eu e a deputada Angélica (+) a partir dali' tive uma reunião com Angélic/ a deputada Angélica' o senador Eduardo Amorim' e o líder da oposição' Venâncio Fonseca (+) oposição' conversa de ALTO NÍVEL onde nós concordamos que o Sergipe/ que que o Proinveste' não é o Sergipe cidades' não é um projeto pra semear pequenas obrinhas em todos os municípios, porque não é essa a finaliDADE é um projeto estrutuRANTE ele vai ter que ser feito em alguns municípios LÓgico' porque o estado é dividido em municípios, mas a repercussão da obra é regional' é estadual' e eles compreenderam' e eu também compreendi (+) avançamos na negociação' tivemos DUAS reuniões' DUAS reuniões' me lembro que na época a imprensa dizia que tinha gente preocupado ou que era curto' tivemos DUAS reuniões' as demais foram tratativas com base nas propostas que vinham e voltavam' as sugestões que vinham o governo concordava com umas discordava com outras a oposição mandava concordava ou discordava (+) QUANDO chegamos à conclusão da negociação' fechamos' UMA proposta' me reuni com o prefeito de Aracaju' e discutimos DETALHES' ESPECÍFICOS' objetivando não multiplicar o GASTo' em obras de infraestrutura urbana que o prefeito tá planejando' há uma avenida perimetral a esta' que é projeto do prefeito João Alves Filho' só que pra ela complementar o traçado ela vai ter que entrar em São Cristóvão, me permita dizer isso mas não é segredo e lá em São Cristóvão o prefeito de Aracaju não tem jurisdição pra construir' e no traÇADO ela ia cruzar pela por uma avenida que é a primeira etapa da linha verde' e as DUAS' avenidas iam correr paralelas e pro mesmo lugar' ia gastar o estado' e ia gastar o o município' precisávamos fazer' o Estado aceitar alterar o traçado da sua avenida pra encontrar-se com a avenida do município' isso iria encarecer 5 ou 7 milhões de reais a obra que eu

tinha planejado' encontramos uma solução com a colaboração do deputado Augusto Bezerra' através do' prefeito João Alves Filho e' encontrada a solução' NEM ASSIM eu mandei' o projeto, me reuni' com' a bancada' do governo' com todos que votaram a favor do Proinveste e MOSTREI' EM DETALHES' qual tinha sido o acordo, e MAIS uma vez' recebi DE TODOS' a mais plena solidariedade (+) portanto' não adianta procurar quem ganhou nem quem perdeu' ALIÁS' quem ganhou é fácil' é o estado de Sergipe' tá aqui pequeno e embandeirado pra lembrar' que ele sim' é o grande vitorioso' ((gestos com as mãos)) então meu dever' no dia de hoje não era fazer uma sanção escondida' burocrática' era fazer um ato político em homenagem a política com P maiúsculo' em HOMENAGEM' a uma característica da vida pública sergipana' que causa tanta inveja no Brasil' é que quando nós vamos pra batalha' nós vamos MESMO pra batalha' quando nós disputamos eleição' nós disputamos MESMO' ou alguém ACHA (+) que eu ganhei as minhas eleições com os meus adversários do momento, tirando a marcação pra eu fazer o gol" MARCAÇÃO CERRADA (+) ou alguém acha que nas eleições que o meu bloco perdeu e que eu perdi eu virei as costas pro atacante pra ele fazer o gol" se tivesse fora da área' derrubava pra poder ter uma falta e preparar a defesa (+) na hora da disputa é disputa' mas tem um momento que ninguém pode' de modo algum (+) jogar fora a responsabilidade de um político que é representar sua gente' representar o seu povo' traduzir os seus atos' o seu amor pelo estado de Sergipe' QUEM NÃO É CAPAZ DISSO' NÃO PODE GOVERNAR ESSE ESTADO' QUEM NÃO SENTIR AMOR SINCERO POR ESSA TERRA NÃO É' capaz de dirigir esse estado' nem merecedor de dirigir esse estado, (+) eu não sou MELHOR do que ninguém' também não me sinto pior do que ninguém' mas Deus me deu uma grande prova (+) eu passei mal no dia de ontem (+) e o dia de ontem inteiro até a hora em que dormi' era preocupado' vou acordar bem amanhã meu Deus" será que amanhã eu vou ter condições de ir" me dê condições amanhã de eu ir eu não posso faltar porque se por acaso amanhã eu amanhecer' ((gestos com as mãos)) mais fraco e não consegui ir pra solenidade vão interpretar de mil maneiras' mas Deus é pai (+) e me deu forças pra eu tá aqui (+ +) ((aplausos)) eu fui dormir ontem' quando cheguei do oncologista conversando com Eliane poder me preparar' pra eu poder tá aqui (+) e eu tô aqui por DOIS grandes motivos' primeiro' porque' eu fiz da política minha vocação e a minha vida' e porque a política me deu tudo também' prestígio' visibilidade' é do que eu vivo' é do salário de governador' não tenho outra fonte de renda (+) os sergipanos me DERAM (+) algo difícil de se encontrar' num político brasileiro' quatro eleições de executivo' ganhas no primeiro turno' duas de prefeito e duas de governador

(+) como não retribuir” Quando desistir” como deixar pra lá” Eu não consigo, eu não consigo (+) eu não sou capaz de decifrar os enigmas de Deus (+) JÓ’ que era justo e eu não sou eu sou um pecador’ me deu tudo e sofreu tanto’ num certo momento ele concluiu (+) Deus é o executor da minha sentença mais é o meu advogado (+) Deus é insondável’ o que ele tá querendo com isso eu não sei’ nem nunca saberei (+) mas me compete’ na Terra’ e na História’ que é o terreno que eu sempre operei’ buscar aquilo que me fez Marcelo Déda (+) não é fácil’ não sou tão forte como vocês pensam (+) eu choro (+ +) eu às vezes’ vacilo (+) mas tudo tem uma razão de ser’ se você transcende ou se você ((incompreensível)) (+) tudo tem uma razão de ser (+) e o que me faz está DE PÉ (+) o que me faz passar os últimos VINTE DIAS’ enchendo o saco de Valmor’ chamando ele três quatro vezes no meu gabinete pra me dar o cronograma de licitações’ mandando ele viajar pra São Paulo atrás de projetista pra acelerar’ os projetos’ perguntando quando é:: vai passar tantos meses pra fazer uma perna que vai pra pra pra pra Campo do Brito’ então pegue logo a primeira parte de Itabaiana pra BR e já faça a licitação’ perguntando como é que tá a parte ambiental do da da da área de de de de Pacatuba’ perguntando como é que tá o projeto do IML’ mandando sentar meus advogados pra estudar o RDC naquilo que for possível fazer fazer o RDC (+) Agoniado pra na hora em que o dinheiro cair em conta já possa lançar as licitações’ pelo menos daquilo que for possível’ às vezes chegando cansado em casa’ sem conseguir voltar de tarde pro palácio porque tô muito cansado (+) mas faço (+) por amor a meus filhos’ por amor ao meu povo’ por amor a Sergipe e por um conceito que eu acho que não deve faltar a nenhum duelante’ a responsabilidade’ responsabilidade (+) então meus amigos’ EU QUERO AGRADECER’ no dia de hoje a todos vocês’ agradecer’ a bancada do governo’ que minoritária’ sabendo que ia perder’ com garra’ com lealdade’ com companheirismo’ com foça’ defendeu o projeto ((aplausos)) (+ +) minha eterna gratidão a todos que votaram no primeiro momento e na primeira versão (+) eu quero agradeCER’ a bancada’ da oposição’ que no segundo momento’ sentou-se conosco e eu tenho que testemunhar’ a oposição podia sentar e dizer que tava conversando e criar problema’ mas não foi essa’ nem a posição do senador Eduardo Amorim’ nem a posição do cidadão’ que é líder da oposição (+) me perdoe senhores (+) mas mais duro do que Venâncio na Assembleia’ só me lembro do carinho novinho chamado Marcelo Déda ((RISOS E APALUSOS)) (+ +) eu era bicho brabo, mas a bem’ da verdade’ INÚMERAS vezes’ aliás’ pelo menos uma vez fui a palácio com José Carlos Machado’ na votação da lei do ICMS’ pra defender os interesses do estado de Sergipe’ contra isenções’ ((gestos com as mãos)) exageradas que iam propor

na casa legislativa' e eu era opoSIÇÃO ao então governador Valadares' mas havia setores da bancada governista' que queriam desfigurar o projeto de modo que o Estado ia ficar' QUEBRADO face a tantas isenções que iam oferecer na lei' e o PT não concordou com isso' eu votei' na proposta de Valadares contra ((incompreensível) e não me arrependo (+) eu fui com Albano Franco' ao presidente Fernando Henrique Cardoso' atendendo o pedido de DANIEL pra fechar o acordo Jacaré-Curituba' e assinar' a lei que possibilitou o projeto de irrigação' fui lá' líder da oposição, sem saber onde botar a mão' se fazia assim' ((gestos com as mãos)) se botava no bolso' se conversava' se falava com ele' Fernando Henrique' como era um homem' bem humorado' depois se transformou numa pessoa com quem eu tenho uma relação pessoal muito boa' enfim' esse não tem ((incompreensível)) com nada né" chegou já vai logo abraçando pra tirar o retrato' e eu com medo do que ia acontecer depois do retrato ((risos)) (+) então eu era DURO sempre fui' mas sempre soube discernir o interesse público' e aquilo que era melhor pro Brasil e pra Sergipe' e' o deputado Venâncio teve esse comportamento junto com o senador Amorim' com todos vocês' que formam a bancada de oposição eu quero agradecer, eu quero agradecer aos líderes' agradecer' ao senador' Valadares' agradecer ao vice-governador Jackson Barreto' agradecer' as lideranças do PSD' agradecer' aos líderes da oposição' agradecer antes também ao prefeito Edvaldo Nogueira' agradecer a todos que colaboraram' agradecer a liderança da oposição e dizer aos senhores' agora' a novela encerrou' COMPETE aos deputados' da Assembleia Legislativa' acompanhar a execução do Proinveste' compete' aos deputados da Assembleia Legislativa' examinar novas propostas' na:: negociação que fizemos' nós incluímos' e falou-se pouco disso' mas nós incluímos o PAC 2' porque na hora de fazer' a incorporação' das sugestões' da oposição' da prefeitura Municipal de Aracaju nós tivemos algumas negociações' e saiu mais o PAC 2 e permitiu que a gente pudesse abrir ESPAÇO na negociação do Proinveste' então chegará a Assembleia' uma proposta de 60 milhões de reais' de empréstimo' que é pra fazer a ligação da Avenida Rio de Janeiro com' a Gasoduto e fazer' a duplicação da Avenida Euclides Figueiredo' foi feita a negoCIAÇÃO com' a Prefeitura de Aracaju' com' os partidos da oposição no sentido de que esses valores permitiram nós colocássemos outras coisas e tirÁSSEMOS algumas do Proinveste pra botar no PAC 2' então eu sei que terei o cumprimento total insolúvel daquilo que nós conversamos e teremos portanto' mais do que somem ao Proinveste' aprovado hoje mais 60 milhões de reais' então' o que nós temos é um acordo que SUPEROU aquilo que iniciou' um acordo que andou TÃO BEM que começou o acordo por um valor' e avançou-se pra outro' e EU

(+) que cada dia que passa eu sou feito de carne e de esperança' cada vez menos carne' cada vez mais esperança ((risos)) mais esperança' né" cada vez menos carne cada vez mais esperança' eu tenho esperança' da primeira conversa que tive com o deputado Venâncio' que me disse' governador' esse projeto do SEPAC nós não vamos discutir agora' tire ele daqui da mesa ((gestos com as mãos)) pra facilitar as negociações' eu tirei' e eu pedi' Deputado Venâncio' não tô lhe pedindo nenhum compromisso só tô lhe pedindo que na hora que precisar conversar o senhor sente comigo e com seus colegas pra discutir o SEPAC' PODE ATÉ a conclusão não dá em nada' mas não não não rejeite preliminarmente' porque o SEPAC é um projeto que financia as contrapartidas do PAC' e que tem implicações importantes' então o que eu queria' repito' não tem nenhum compromisso de aprovação assumida, o que há é um compromisso de mais tarde' deixa eu resolver o Proinveste, quando tiver tudo certo a gente retoma uma conversa, tranquila, sob a possibilidade quem sabe' de' debater o SEPAC' no mais' é pedir desculpas pela demora da fala' Eliane, não vai me puxar a orelha em casa não né" é que aqui eu sou o governador e ela é a secretária' em Casa' não é nem república é monarquia ((risos)) (+) tem nem pra quem apelar' a não ser ao rebelde' um guerrilheiro que não obedece ninguém chamado' Mateus' esse não tem' nem república' nem monarquia' nem ditadura' entendeu" ele é o espírito libertário da casa' é ele' entendeu" é::: eu queria apenas' agradecer a atenção de todos' tava com saudades aí fui conversando' vendo vocês' e dizer a todos vocês o seguinte (+) meus médicos estão pedindo pra depois que eu resolver isso fique uns quinze dias pra poder' CONCENTRAR o tratamento de saúde' tô precisando' eu comecei a fazer' fisioterapia' comecei a fazer' massagens porque' perdi massa muscular' a dor de coluna a coluna fica sem conseguir' suportar o peso do corpo né" o sono fica prejudicado' então é::: eu tenho que marcar uma agenda' menos governista e mais dedista entendeu" pra tomar conta do resto do corpo aqui' é::: mais eu quero dizer aos sergipanos o seguinte (+) enquanto Deus me der força' enquanto a medicina me conseguir manter em pé' conversando e falando' eu continuarei governando o estado de Sergipe dentro do mandato que o povo sergipano me deu' com a ajuda de Jackson' dos meus secretários' buscando oferecer o melhor possível pra vocês (+) não acreditem que o estado tá parado' muitos aqui' mesmo da oposição' já me ligaram em São Paulo às vésperas da quimioterapia (+) viajo com o chefe da casa militar' e com chefe da casa civil' TODAS AS MINHAS VIAGENS pra despachar' pra encaminhar as questões (+) semana dess/ semana antepassada' Pedro Lopes tava comigo' viajou pra cá pra Aracaju' passou o dia' recolheu os documentos de Aracaju foi pra Brasília encaminhar os

documentos (+) acompanho' as questões de segurança via o chefe da casa militar' que me manda informações DIÁRIAS e fazendo as ligações' quando Pedro não está e quando não consigo falar pessoalmente' peço a Eliane' como pedi essa semana' PRA LIGAR pra agradecer aos líderes do governo' da oposição e ao presidente da casa e aos líderes políticos a aprovação' do Proinveste' SÓ PARO quando estou ali na quimioterapia' quando a náusea tá pesada e eu tenho que parar (+) os secretários são testemunhas dos e-mails que são cotidianos e diários' porque hoje a governança não é presencial apenas' ela é sobretudo, FUNCIONAL' eletrônica' os amigos precisam saber' que hoje' nós temos um diário oficial eletrônico' e a minha assinatura é uma assinatura registTRADA no sistema nacional de certificação (+) eu assino' os decretos' que passam pela mão do secretário Pedro Lopes que me' diz a relação de cada termo do decreto e eu autorizo' Pedro Lopes leva ao diário oficial e manda fazer a assinatura eletrônica' NA HORA que faz a assinatura eletrônica' EM TEMPO REAL toca no meu e-mail' eu tenho um endereço de e-mail específico' onde eu confiro cada decreto publicado com a minha' assinatura eletrônica' portanto' mesmo LÁ não há prejuízo de encaminhamento de assinatura dos decretos' É ÓBVIO que algum prejuízo haverá de existir' porque eu sou muito rigoroso em detalhes e sabe ali o meu comandante da polícia militar' que as promoções atrasaram' mas não por minha culpa' porque eu exijo parecer detalhado da procuradoria' e devolvo a diligência uma duas três vezes' pessoalmente redigindo o meu despacho' é meu estilo' não vou mudar nunca, mas o governo não para' temos SETE rodovias pra entregar' não sei se estarei presente mas eu vou autorizar o vice a entregar' porque eu não quero que nada se atrase' em função do meu físico' É CLA::RO que tem obras que eu planejei' eu não sou engenheiro eu sou advogado' mas EU ESCOLHI FAZER (+) o revestimento asfáltico da ligação de' Santa Rosa do Ermírio com' Sítios Novos' a partir de uma LEITURA da produção de leite que me foi entregue por Ricardo Lacerda e que comecei a me preocupar' a criar certas' infraestruturas regionais pra escoar a produção' meu coração fica:: pesado porque eu queria' tá lá ((emocionado)) (+) muito mais do que tá lá pra cortar fita' muito mais do que tá lá por vaidade' eu queria tá lá pra ver aquilo que me fez entrar na política' eu queria tá lá pra ver o sorriso do meu povo ((aplausos)) (+ +) a felicidade de quem recebe a obra' se vocês querem saber a maior dor tem sido essa' de fazer a obra e não colher o sorriso ((bastante emocionado)) ((aplausos)) (+ + +) perdão porque é de carne e sangue (incompreensível) mas enfim' é não colher esse sorriso de felicidade do povo' da obra que você planejou' porque há obras que são feitas pela ENGENHARIA' pelo pessoal da Seinfra que sugere a obra traz o projeto' mas TÊM

OBRAS' o senhor foi governador o senhor sabe ((aponta para alguém da mesa, provavelmente João Alves Filho)) têm OBRAS que que nasce do coração da gente como a Coroa do Meio' como a Orlinha do Bairro Industrial quando eu era prefeito' como o desafio de fazer a Avenida São Paulo' Zé Carlos discutiu com Amorim três vezes' saía com raiva ((incompreenssível)) né'' tem obras que a gente tem' aquele carinho né'' aquela aquela paixão de ter' tomado a decisão' de ter de ter buscado recurso' de ter brigado com engenheiro sem entender de engenharia' Valmor sabe disso' quantas vezes eu digo mais rapaz porque não fez aqui no acesso'' não governador' é porque tem que falar com o DNIT' vá lá então falar com a peste do DENIT(+) mas vamos logo deixar a obrinha redonda, pra depois a gente tá com (+) gasto de vinte milhões numa estrada e tá lá aquele acesso vagabundo e o povo tá aqui' tá errado' não vai olhar pra parte boa' isso dá prazer né'' de tentar ver a::::s creches que eu t/ que a gente tá fazendo pelo Sergipecidas' que QUALIDADE (+) de ver aquela mãe trabalhadora botar o filho ali' num lugar onde eu botaria Mateus sem dúvida' porque tava lá tem TUDO toda equipada' então isso me dói (+) Hoje amigos' fiquem felizes todos' os da oposição' e os do governo' porque os senhores semearam sorrisos' sorrisos que não sei se vou colher (+) mas quando forem colher lembrem-se de mim

Anexo 4: Termo de responsabilidade pelo uso e divulgação de informações.

IMD
INSTITUTO MARCELO DÉDA

TERMO DE RESPONSABILIDADE PELO USO E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Aldilene Vieira Pinto
portador do documento de identidade nº 3.437.393-5
expedido pelo órgão SSP
e CPF nº 048.694.935-43
residente
na cidade Carmópolis/SE
telefone 99926-5046
e-mail aldilenev.pinto@gmail.com

Declaro que:

- 1 Responsabilizo-me integralmente pela adequada utilização das informações a que tiver acesso; estou ciente de que posso vir a ser responsabilizado civil e criminalmente pelos danos morais ou materiais decorrentes da utilização, reprodução ou divulgação indevida dessas informações. Isento o IMD ou seus membros de qualquer responsabilidade a esse respeito;
- 2 Estou ciente da obrigatoriedade de mencionar os respectivos originais que pertencem ao acervo do IMD.
- 3 Estou ciente das restrições as que se referem ao art.31 § 2º (uso indevido de informação) da Lei Federal nº12.527/2011 e o art.56 (transparência e respeito às informações pessoais) do Decreto Federal nº 7.724/2012, do art.20 da Lei 10.406/2002 (Código Civil) e aos art. 138 a 145 (crimes contra honra), 297,299 e 304 (crimes de falsidade documental) do Decreto Lei nº 2.848 (Código Penal).

Local e Data Aracaju, 16 de dezembro de 2016

Assinatura Aldilene Vieira Pinto

